

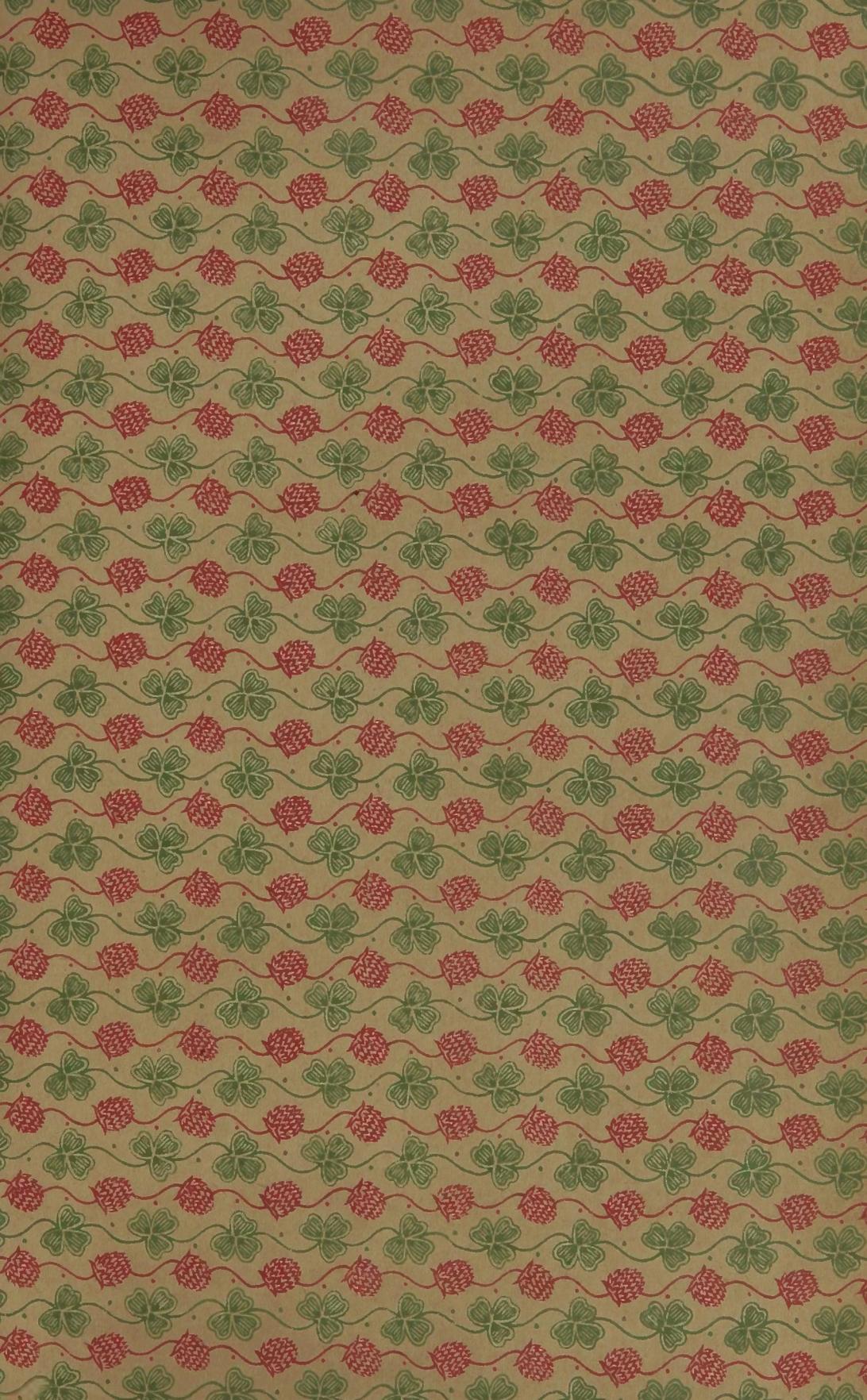


Encadernação Cunha  
Praça B. Lucena 43  
RECIFE

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





João do Rio



A

# MULHER E OS ESPELHOS

• PORTUGAL BRASIL L.<sup>DA</sup> •



A MULHER E OS ESPELHOS

MANOEL ROQUEIRA DE SOUZA

Livraria Economica

B. DA VICTORIA, 168  
PERNAMBUCO

# DE JOÃO DO RIO :

## CHRONICA SOCIAL

- Religiões no Rio* (10.º milheiro).  
*Alma encantadora das ruas* (4.º milheiro).  
*Vida vertiginosa.*  
*Cinematographo.*  
*Os dias passam.*  
*Chronicas e frases de Godofredo de Alencar* (esgotado).  
*Pull-Mall Rio de José Antonio José* (esgotado).  
*No tempo de Wencesláo* (esgotado).

## INQUERITOS

*O momento literario.*

## CONTOS

- Dentro da noite* (9.º milheiro).  
*A Mulher e os Espelhos.*  
*Juca de S. Jorge e outros typos* (a apparecer).

## THEATRO

- A bella M.me Vargas*, peça em tres actos.  
*Eva*, peça em tres actos.  
*Horror, Tristeza e Riso* (a apparecer), peças em 1 acto.

## CONFERENCIAS

- Psychologia urbana* (3.º milheiro).  
*Sesamo*, editor Francisco Alves.

## VIAGENS

- Fados e Canções de Portugal.*  
*Portugal d'agora.*  
*Sensações de viagens* (a apparecer).

## TRADUÇÕES

Obras de OSCAR WILDE:

- Salomé.*  
*Intenções.*  
*O retrato de Dorian Gray* (a apparecer).  
*Theatro* (a apparecer).

## ROMANCE

- Desejo* (de proxima publicação).  
*Profissão de Jacques Pedreira* (de proxima publicação).  
*Correspondencia de uma estação de cura.*

JOÃO DO RIO

Da Academia Brasileira  
e da Academia de Sciencias de Lisboa

---

A Mulher  
E  
os Espelhos



LISBOA  
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA  
SOCIEDADE EDITORA  
58, RUA GARRETT, 60

RIO DE JANEIRO  
COMPANHIA EDITORA AMERICANA  
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Portuguez*; no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912; nós paizes convencionados, em harmonia com a Conferencia de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911.

Para ver a belleza da Princeza davam de boa vontade a vida e morriam persuadidos de que mais valia morrer de paixão pelo semblante desse sér encantador que longe d'elle viver cem longas vidas. Ninguem tinha forças para deixar de vel-a. Os homens desinhavam á sua procura e coisa espantosa! quanto menos podiam supportar-lhe a presença, mais sem ella não podiam passar. Entretanto, se alguém resistisse ao seu olhar, a rainha mostraria o rosto, pois aos fracos d'amor que não a podiam encarar, dava o prazer de ouvirem-na. E ninguem digno d'isso havia. E todos morriam cheios de pezar...

Então a Princeza mandou fazer um espelho para que indirectamente nelle pudessem todos ver o seu lindo semblante. Prepararam de accordo com a sua vontade o palacio para nelle collocar o espelho. Ella ia para cima e olhava o espelho. O seu rosto reflectia-se no espelho em baixo. E assim todos a podiam ver.

Com as creaturas que amas ou detestas, dellas o teu coração é o espelho. E cada qual tem uma apparencia correspondente ao coração em que se mira.



## Carta-Offerta

Assim, levo a coragem ao excesso de pedir que me ouça.

Em primeiro logar, a vida é uma banalidade limitada.

Da banalidade da vida vieram de certo os symbolos divinos tambem limitados. Junte você todas as religiões, agglomere deuses e semi-deuses da Europa, da Asia, da Africa, da America, da Oceania e afinal todos elles não exprimirão mais que meia duzia de cousas que o homem teme, deseja ou venera porque não comprehendeu ainda. Não o quero fatigar com uma erudição excessivamente empregada pelos almanachs provincianos.

Ora, entre as divindades que o homem teme por não comprehender ou enaltece pelo mesmo amargo motivo, está desde o começo da reflexão, a Mulher. Sim. A Mulher! Um escriptor hespanhol observava que quando dizemos homem dizemos humanidade e quando pensamos na Mulher pensamos na excepção. Era essa a nossa opinião nas epocas legendarias e ainda o é hoje. Fizemol-a causa inicial de todos os males e todos

os bens. E se você tiver o trabalho de abrir o veneravel Herodoto, lá encontrará a Mulher como origem das guerras, mascarando a razão mercantil das ditas guerras — porque os phenicios roubaram Jo, os cretenses em represalia foram a Tyro e roubaram Europa, os gregos navegaram para a Colchida e roubaram Medéa, Alexandre Paris filho de Priamo roubou Helena, e assim infinitamente a Mulher é sempre o motivo do conflicto humano. Tambem a arte universal vive da espantada admiração do homem em torno da Mulher. Apenas, uns temem-n'a como a Sereia, outros adoram-n'a como Divindade.

Que momento atravessamos nós: o do terror ou o do amor?

O symboio da Sereia como a perdição do homem, como a femea de temer, de que é preciso afastar-se a gente com prudencia, devia existir no periodo da pedra lascada. Faltam documentos — o que é uma garantia da sua real existencia. Mas a partir do tempo neolithico desde que o homem, de silex em punho, pôde gravar os perigos que os seus sorrisos lhe traziam, a Sereia surgiu. E' a Tentação.

Fizeram-n'a formosa, com cauda de peixe, entre as ondas. E' possivel vel-as com pennas e pés de passaro no *Hortus Deliciarum* de Herrade de Landberg, abadessa do convento de Santa

Otilia no decimo terceiro seculo; e no seu repertorio dos vasos gregos Salomão Reinach illustra os versos de Homero mostrando-nos n'um vaso do Museu Britanico, Odysseus preso ao mastro de sua náu, emquanto as sereias voavam-lhe em torno — sereias e harpias não surgiram de um mesmo horror: a tormenta devastadora.

Os mysoginos poderiam manter da Sereia — Mulher a velha definição de Pierre le Picard no seu *Bestiario*:

*«Trois manières de seraines sont, dont deux sont moitié feme moitié poisson e l'autre moitié feme moitié oiseox. Et chantent toutes trois moitié em buisines, les autres en harpes et les autres en droite vois. Les seraines signifient les feme qui abracent les hommes por lor blandissement et por lor déchénement à els par lors paroles que eles les mènent à proverté et à mort. Les eles de la seraine c'est l'amor de la feme qui tost va et vient.»*

Os elos da sereia são o amor da mulher, que cedo vai e vem; as sereias desencadeiam taes appetites que levam os homens á pobreza e á morte. . . . Hoje a Sereia não é mais nem a mulher-passaro do Vaso grego e do episodio da Odysséa, nem a mulher-peixe das illuminuras bysantinas ou dos capiteis cathedralescos. Tem de tudo, Barbatanas de baleia, o fio do linho e

os passaros das arvores, fructos e flores, pelles de bichos e frocos de larvas, azas de borboletas e vozes diversas. A vida democratisou-se. Os symbolos tambem, cruelmente. O homem sorri: — que Sereia! e pensa estar dizendo uma ironia. Não o diz. Elle está preso. A prudencia de Odysseus parece inutil. Não ha homem na terra que um momento não se deixe dominar. E não é Venus tentadora, é a Sereia que impera e impera arrazadoramente, cantando para o naufragio das vidas. Sobre os destroços de cada náu onde arqueja o nauta, canta a Sereia imperialmente a canção infinita da seducção. Veja os homens inimigos, a sanha do ganho, as rixas nas chombergas, os grandes conflictos internacionaes. De pé, sobre o mastro grande da náu de Odysseus, a Sereia irradia.

Em compensação para os outros ella é a razão de todas as glorias, o incentivo de todas as coragens, o supremo bem, e cada um pensa da vida o eterno drama do Dante, com o coração indo do inferno para o purgatorio na aspiração do paraíso, na aspiração de Deus que não se mostra a nós senão pela fôrma deliciosa da mulher, que nos inspira. E ha de encontrar V., admiravel amigo, o mesmo homem ora a dizel-a Deus, ora a chamal-a monstro.

E' que afinal odiando-a, amando-a, calumniando-a, negando-a e ridicularisando-a, jul-

gando-a portadora de todos os bens ou de todos os defeitos, nós, de Homero o biographo de Helena, aos professores de phisio-psychologia continuamos sem conseguir comprehendel-a, pela simples razão de que só o nosso egoismo a reflecte. Até agora para mulher temos um sentido apenas: o do espelho. Ella quer conhecer-se, ella deseja ser explicada, ella procura o desvendamento do seu mysterio. Cada espelho diz exclusivamente a verdade do proprio egoismo. Entre ella e o espelho ha a teimosia implacavel do espelho reflectindo a imagem que quer fazer della. Antes de se mirar nos aços polidos, a mulher encontra nos olhos de cada homem espelhos concavos, convexos, planos — que deformam, enfeiam ou reflectem os transitorios gestos da sua alma. Nós reproduzimos a creatura que julgamos ser nossa, com o inconsciente estranhamento do nosso voraz egoismo. E ellas de se mirarem em vão nos espelhos homens, sem obter a decifração, não só desenvolveram a ambição de agradar como o secreto aneio de encontrar um dia o espelho revelador.

A mulher!

Ella apparece, de vestido de baile, com tecidos apenas para accentuar as curvas do corpo e uma cauda leve e coruscante. Ella apparece, mostrando os pés, de vestido curto e simples. Ella apparece, vestida de «chauffeur», de oculos

e véos. Está em toda a parte. A bordo dos «steamers», nos comboios, nos restaurants, nos chás, em cada canto, trabalhando ou jogando o «bridge», mas naturalmente tentando, e não ha moral nem distincções de classes, não ha honestas, nem deshonestas, porque são todas segundo o espelho que as vê: a Sereia, que exige, sacrifica e mata, ou a Divindade que nos satisfaz, nos incita, nos acalenta — tão distantes ambas da certeza como distantes estamos da realidade entregando a nossa alma aos reflexos com a illusão de que elles nos comprehendem.

Estas coisas digo-as eu, antes de v. ler as historias a seguir — porque essas historias sem o merito da invenção — simples exposições de factos verdadeiros, contam o eterno drama da Mulher deante dos espelhos. Na sua varia forma, ella não é aqui senão, differente ás vezes de espelho para espelho, sendo a mesma e querendo o espelho que a revele, sem o encontrar. Eu tremeria, porem, se me classificassem entre os erotographos, com a faculdade libertina de insinuar modelos. E se as mulheres são como os espelhos as reflectem, os homens estão taes quaes foram e são. V. talvez encontre ironia. Encontrará tambem dôr. V. talvez descubra amargura. Verá tambem doces bondades.

E sempre o unico grande drama da vida: a Mulher e os Espelhos. . .

## Créssida

Fóra, chovia a cantaros. André de Belfort sorria fatigado. Godofredo de Alencar fumava. Hortencio Gomes parecia entre o pesar e uma vaga e tenue alegria. Alexandre estava abatidissimo. Os quatro acabavam de jantar, no immenso salão deserto do mais elegante e mais detestavel hotel da cidade. Ninguem poderia exprimir o sorriso do barão André. Era impossivel definir a attitude de Godofredo. Hortencio tinha o aspecto do revelador. O pobre Alexandre parecia um trapo de paixão. E, aos successivos cigarros de Godofredo, embebidos em essencia oriental, uma densa nuvem aromatica os envolvia.

— Precisamos acabar, meu caro amigo.

— Não tenho coragem!

— Todas as meninas são iguaes. . .

— Faça o possivel para esquecer, mas não posso! Não posso. . .

— Afinal, nunca a pediste, nunca lhe frequentaste a casa. . .

— Não!

— Idyllio a distancia, então?

— Sim, a distancia, Olhem vocês que não fui eu, foi ella. Ha um anno tocou-me o telephone. Conversou. Ha seis mezes marcou-me um encontro, onde a vi e a reconheci como a apaixonada do telephone, em companhia dos pais. Desde esse tempo foi toda a belleza de um idyllio, com os mysterios infantis, o sonho, a fantasia dourada da graça ingénua. Ainda ha vinte dias ella tocava o telephone e sonhavam a nossa futura casa, com um amor muito bonito, amor eterno beijo. . . Imaginem vocês quando entrei no theatro e a vi no camarote, loira e ardente, com o outro, já noivo official. . . Como pode ser? Nunca essa creança seria capaz de uma duplicidade! E, entretanto, estava no theatro com elle; e, entretanto, os jornaes deram o contrato do casamento!

Paternalmente, André de Belfort continuava a sorrir.

— O pobre Alexandre! Como tudo isso é banal, romanesco e triste!

— A culpa é aliás delle! . . . sentenciou Godofredo.

— Por que?

— Porque levou tempo sem se decidir. O idéal da menina é casar. Qual o casamento por amor? Em geral, os casamentos por amor nunca se realisam. As meninas foram educadas para acceitar um marido, quando o marido apparece

E' possível que tenham sympathias, inclinações. Mas, fluctuantes, vagas. A vida é um oceano. E' preciso entrar nelle. Ellas estão á beira d'agua, entre temerosas e desejosas. A questão é ter decisão, é ser a onda que póde envolver. . .

Hortencio Gomes, joven como Alexandre, interrompeu:

— Quem sabe?

Os outros olharam-no. Hortencio sorriu.

— Permittirás que conte uma historia? Mesmo que ella te seja muito dolorosa?

— Por que?

— Porque tive o mesmo caso commigo. Foi mais longe do que o teu e curou-me. Queres ouvir?

Alexandre fez um gesto lasso. Hortencio teve um momento de hesitação. Accendeu um charuto, olhou com pena o amigo.

— Imagina que começou tambem pelo telephone. Era uma voz muito sympathica e a dona dessa voz dizia cousas intelligentissimas. Emfim, uma ingenua sem ingenuidades. Ao cabo de quinze dias de mysterio, a voz disse-me: — «Não sabe com quem fala? Vou dizer-lh'o. Vejo que não acredita. Estarei ámanhã no chá em favor da construcção do altar da capella de S. Francisco. Conhece meu pai. Procure ser-me apresentado. Faço annos a 25 e desejo vel-o em nossa casa». Era claro, rapido, incisivo, e allu-

cinante. Pensei numa pilheria. O telephone no Brasil serve tanto ao anonymato e á calumnia ! Mas a miseria do homem está na irreductivel vaidade. Condemnamos o procedimento de uma mulher. Basta que ella volva para nós o olhar, para que a nossa opinião mude radicalmente. No dia seguinte vesti-me com demorado apuro, olhei-me ao espelho, imaginei muitas phrases e por mais que não quizesse ir ao chá, cheguei ao chá antes da orchestra. Era um chá num pavilhão sobre o mar, em Botafogo. A tarde estava maravilhosa e a enseada com o crystal crispado das aguas, os fortes verdes da paizagem, a luz do céu azul, lembrava o sonho japonez de um kakemono de Hokusai. Ella chegou quasi no fim, com o pai e a mãe. Ao primeiro olhar não tive duvidas. Era ella mesma que telephonara. Apressei-me a arranjar logares para o pai veneravel de tão encantadora creatura. O pai estava grato. A filha disse:

— Papá, não esqueça de apresentar-nos o Dr. Hortencio Gomes.

Fiquei com elles. Como a vida era bella ! Como sentia a delicia deliciosa de viver ! Tudo aos meus olhos se transfigurava. Noto que dias antes eu olhava essa menina com uma indifferença talvez um tanto severa. O seu passo tango, o exagero das modas, que lhe davam o aspecto semi-persa, a tagarelice incontida, o

abuso do francez, o tom frisante de «tropical girl» — não tinham, de forma alguma, a approvação dos meus sentimentos. Bastara, porém, o desafio ousado para perder completamente a reflexão. Tudo aquillo ella dava para mim; toda aquella estonteadora tentação era o ornamento da minha vaidade. Fui extraordinario de graça, de espirito, de finura. Contei historias, satyrisei alguns simples mortaes, fil-a rir com praser. Fil-a rir! Ha maior gloria do que um riso de mulher, quando não é da gente que ella ri? Ha alguma cousa que nos desvaneça mais do que fazer rir uma dessas pequenas creaturas de Deus?

Para o fim ella disse:

— Sabe que é muito espirituoso? Mais do que eu pensava. . .

— Como não ser, se a sua graça tudo transforma?

E, dizendo essas palavras, eu era radiosamente sincero. Ella sorriu. O pai offereceu-me a casa, convidou-me para o anniversario da filha. Quando o chá terminou, aquelle insensivel cães de Botafogo, que tem sido o mudo espectador de tantas scenas d'amor, devia ter visto o homem mais feliz da terra. Eu ia leve caminhando como num sonho de belleza. Os meus olhos não viam, acariciavam as cousas que viam. Dentro do peito, o meu coração estava cheio de generosi-

dade e d'alegria. Naquelle momento, eu seria capaz de todos os heroismos, de bater-me e vencer, de falar e convencer, de dar e não lembrar, de escrever com tanto sangue que a minha obra tivesse o brilho estellar da eternidade.

— Ella é bella. Ella é intelligente. E ella deseja-te!

As arvores, o paredão, os automoveis, a calçada, as luzes ao longe, o ondear do mar, pareciam dizer-me harmoniosamente essas divinas palavras de incitamento. E eu pensava, pensava e corria quasi, aligero como um deus pagão. sorrindo ao ar, sorrindo ao céu, sorrindo! O riso é o desfolhar da alma. O sorriso é o desabrochar. Vinte horas antes não me acreditaria capaz de taes cousas. A mulher conseguira a metamorphose...

Tambem não pensei mais senão no meu amor. No dia do anniversario, mandei uma enorme corbelha de rosas vermelhas e fui á casa do pai veneravel. Talvez fosse um simples capricho e tivesse passado já? Sentia um vago medo. Mas não! Receberam-me desvanecedoramente, e, pelo meio da noite, como estivesse á porta do «buffet» a conversar, vi-a que se approximava com uma taça de ponche na mão e, á vista de todos, m'a offerecia. Nesse instante pensei numa creatura babylonica feita em Tanagra.

— Obrigado!

— Eu é que estou obrigada. . .

Então começou para mim o tempo sem tempo do amor. Os homens fazem sempre o que quer o outro sexo. Ella não me declarava paixão nem eu me abrazei numa confissão theatral. Apenas invadiu-me, infiltrou-se dentro de mim. Visitava a casa duas vezes por semana, encontravamo-nos em chás, bailes, cinematographos, falava-me duas, tres vezes ao dia pelo telephone. Ha creaturas epidermicas. Outras cerebraes. Outras literarias. Essa virgem era medular. Ao vel-a, eu tinha o estremeção dos tetardos ao choque galvanico. Devia ter sido assim Salomé. Devia ter sido assim Abisag, a Sulamita. O seu perfume de jasmim formava-lhe uma aura de fascinação, e tudo nella era innocentemente perverso, ingenuamente sexual: o andar, o contacto dos dedos, as palavras, o olhar, a voz, as idéas. A nossa civilização de acampamento mantem a selvageria atavica dos casamentos, mas dá ás meninas uma educação que é a clamyde do vicio sobre a virgindade. Ella recitava poetas e lia romancistas sensuaes em varias linguas. Tinha dezasete annos e tocava Chopin e cantava Wagner, aquelles interminaveis e dilacerantes, á força de insistentes, dramas d'amor de Wagner. De modo que a educação de menina do bom tom intelligente e vaidosa

fizera-lhe como uma outra figura, dentro da qual, como dentro do casulo, existia e crescia a mulher, tal qual as outras. Apenas nesse tempo eu não tinha tempo de reflectir. Estava dominado, preso, envolvido.

— Ella advinhou-me!

Sim! Entre tantas virgens que recitam em francez o Albert Samain, dançam o tango e falam inglez com a pronuncia da 5.<sup>a</sup> Avenida, ella comprehendera o meu espirito, de que já-mais duvidei; e estimára o meu physico, de que sempre eu proprio afflictamente duvidára! Mandei-lhe livros de amor em encadernações maravilhosas; arranjei-lhe, com illustrações de Antonio Carneiro, a scena do balcão do «Romeu e Julieta», de Shakspeare, traducção de Bilac, em pelle d'antilope e em letras de oiro. A minha gratidão era immensa. O pai dizia-me:

— E' exquisito! Ella transforma-se quando V. chega!

A mãe veneravel serria...

— Você é o amiguinho dilecto de minha filha...

Conversavamos muito. A minha palestra era um funambulismo mental... Eu sentia que dizia cousas extraordinarias, diante dos seus sorrisos. Era evidente, evidentissimo que a Perfeição me tocara com a sua graça celeste. E na rua, muita vez, encontrei-me a murmurar:

— Ella comprehende-me! Ella ama-me!

Apenas era preciso casar, pedil-a em casamento. Os pais, actualmente, não fazem muita questão na escolha de esposo. O pai parecia meu amigo. Quatro mezes havia que a minha vida era um extase, acima do tempo! Eu devia casar. Fui numa sexta-feira jantar com elles. Jantamos numa atmospheria de carinho e doçura. Ella veio trazer-me até á porta.

— Vou segunda-feira á conferencia do poeta Prates. Vai?

— Se lá está é certo que irei. Depois tenho que lhe dizer uma cousa muito séria.

Ella estendeu a sua mão branca e macia. Beijei-a com fervor voraz. Uma vez. Duas vezes. Muitas vezes. E sahi tremulo, arquejante, ebrio, feliz! Na semana proxima pedil-a-ia! Nesse estado de nervos passei tres dias, até á tarde da conferencia. E, quando entrei no salão, o meu olhar logo a avistou. Ella, o pai, a mãe e um joven insignificante ao lado della. Foi como se me enterrassem um alfinete no coração. Caminhei para o grupo, atordoado. Receberam-me gentilmente. Ella deu-me dois dedos, que não tive coragem de oscular. O joven era um rapaz que herdara do pai dois mil contos e já gastara mil em esborneas integralmente idiotas. Reuni os restos da força e fingi alegria com espalhafato. Ella naturalmente ria e, voltando-se para o joven:

— Não ha outro como o Hortencio! E' engraçadissimo...

O sentimento congenito das nuanças que só as mulheres têm! Eu já não era espirituoso; era engraçadissimo... Um tremendo abysmo declinatorio entre o qualificativo e o superlativo! Senti que poderia fazer um disparate. Sahi. Dentro de mim o sêr apaixonado clamava:

— Mas ella gosta de ti! Não é possivel que uma criança intelligente proceda tão indignamente! Não é possivel que tudo fosse coqueteria! Não imagines que, procurando a tua submissão, essa donzella de impeccavel educação tivesse ao mesmo tempo outro a quem armasse laço identico. Volta lá. Pede-a logo. E' impossivel! Impossivel...

E, enquanto o sêr apaixonado clamava, eu que reflecte teimava:

— Mas é assim. Vai casar com o outro. Resigna-te. Não discutas. E como és civilisado, finge a mais apurada indiferença!

No dia seguinte, ao abrir os jornaes, li no noticiario mundano, como tu leste, a nota do contrato de casamento. Não havia mais duvidas. Vesti-me, mandei preparar uma corbelha de violetas, puz o meu cartão dentro, e, mais morto que vivo, fui visitar Simone de Guize, que, como vocês sabem, é uma delicada mundana, capaz de consolar as vaidades feridas. Ao cabo de

uma quinzena, tinha exgotado as reflexões inuteis, que somos forçados a fazer diante do absurdo feminino. Já contivera o impeto de ir ter á casa do pai veneravel e desmascaral-a, como nos dramas; já espremera bem o fel do engano, já philosophara assás sobre esse caso de menina querendo casar, sem ter tempo de sentir e de amar. E chegara naturalmente á taboa de salvação, sem a qual o mundo seria um desastre, concluindo que ella, de facto, sympathisara commigo e que, se a tivesse querido realmente, ella teria sido minha. Eu fôra o timido, o orgulhoso. Ella nunca me olharia sem humilhação, entretanto. Essa ultima idéa refez-me. As mulheres são todas as mesmas. Graças aos deuses, o vencedor era eu — que não quizera. Outras, de certo, ainda me chamariam ao telephone e eu as desprezaria por Simone de Guize, dançarina, que não era nem Simone, nem de Guize, nem dançarina, mas era extremamente sincera e honesta.

Estava nestas disposições, a tomar um «coktail», no terraço de um café, quando, dias depois, vi que se approximavam ella, radiosamente loira, o feliz noivo e o grave casal autor dessa menina ultra contemporanea. Ella dardejava sobre mim um olhar que exigia a minha perturbação. Fiz um esforço e fui sorridente e alheio no cumprimento que lhes enviei. Era a minha

vingança. Na manhã seguinte, ainda dormia quando retiniu o telephone.

— Alô! E' da casa do Dr. Hortencio?

Conheci-lhe a voz. Custara! Pequeno animal-sinho vaidoso! Respondi:

— E's tu Simone? . . .

— Não é Simone, não. . .

— Ah! perdão. . .

— Já não se recorda desta voz?

— Oh! perdão, mademoiselle. Como não recordar! E' inesquecível. Guardo a melhor recordação da minha vida.

— Pedante!

— Sincero.

— E' tudo quanto tem a dizer-me?

— Mil perdões. Ia esquecendo. Os meus cumprimentos.

— Só?

— Do fundo d'alma!

Houve um silencio.

— Não se espanta de lhe falar ao telephone?

— Por que, se não é a primeira vez?

— Mas póde ser a ultima.

— Não se comprometta. . .

Novo silencio. Eu a sentia humilhada, raivosa, tolinha, lá longe, no corredor da casa.

— Sabe que o considero meu amiguinho?

— Sem duvida.

— Por isso estou a fallar-lhe. E' a primeira

pessoa a quem participo a data do meu casamento.

— Obrigado. Quando é?

— A vinte e dous do mez proximo.

— Lá estarei. . .

— Então até logo.

— Os meus respeitos.

A semana passada encontrei a familia. O pai veneravel cumprimentou-me sem intimidade. E ella olhou-me, não me viu e ternamente curvou-se para o noivo.

Não indago o que sente essa almasinha. Mas a aventura serviu-me. Guardo agora a alma no bolso da calça, com as chaves da casa e a carteira. . .

Godofredo de Alencar deixou de fumar, tremulo :

— O grande erro é darmos ás mulheres uma importancia que ellas não têm. As mulheres são como os gatos. . .

— Os gatos que a gente ama, continuou Belfort, e não sabemos nunca se gostam de nós mais que dos outros, tendo a certeza de que elles apenas gostam de ser amados. . .

Mas os dous homens calaram-se. Alexandre estava livido, de pé:

— E essa menina é? . . .

Hortencio continuou sentado, tambem pallido, tambem tremulo, mas decidido.

— Essa menina, meu caro Alexandre, é Zulmira de Salles, filha do conselheiro Salles, que vai casar com Antonio Pedreira, amanhã. E' a mesma que te falava ao telephone, sonhando a ventura do teu lar e que naturalmente falava a outros. Nem tu sabias, nem eu sabia, nem o Antonio sabe. E' um aspecto das meninas contemporaneas. E' o engano. E' a mulher. E' ingenuamente a ingenua Cressida, que já estava em Homero e está em Shakspeare. . . Perdôa!

Mas os tres homens precipitaram-se commovidos. Alexandre emborcara sobre a mesa aos soluços.

— Não é possível! Não é possível!

O animal humano só tem piedade do semelhante quando o vê soffrer a dôr horrivel de um amor perdido. Talvez nesses tres homens houvesse um pouco de satisfação. O dó é sempre a segurança de ser menos infeliz. Os tres acalentavam quasi o pobre Alexandre, á espera que elle se resignasse. Fóra, entretanto, continuava o temporal. E no grande «hall», sob a luz que augmentava a vastidão desolada do espaço deserto, lancinante e perdido, o soluço de Alexandre chorava diante da verdade.

— Não é possível! Não é possível! Não é possível!

## D. Joaquina

Aquelle canto perto dos Telegraphos, ás nove de uma noite de inverno. . . Em frente, os destroços da antiga Ucharia, embocando a rua Clapp, cheia de predios grandes, com lanternas. Para baixo, os jardins successivos da praça até ao cães, sob o permanente espasmo de um estendal de lampadas electricas — tantas que na poeira azul da luz os transeuntes se destacavam ao longe como vistos por um binoculo de theatro. Varrendo a praça, a sacudir arvores e rodopiar folhas seccas, gargolejando pela rua da Assembléa, um vento algido corria a sua tragedia sem causa. Era no centro da cidade. Estava ermo. Parecia ao menos ermo. E no abandono silencioso, — unico e seguido symptoma de vida urbana — de instante a instante os innumeros carros electricos rolando como trovões a retinir sons metalicos de aviso. . .

Como achava prazer naquillo o Augusto Guimarães, tão fino, de tão lucida intelligencia? Havia dias, entretanto, conseguia arrastar-me, tambem a mim, por esses pontos equivococos de dramaticidade mysteriosa.

— Compreenderás tu a minha nevrose? indagara delle. Estou que o sentimento é uma illusão da civilização. A gente baixa tem apenas instinctos. O sentimento da belleza, da bondade, do pudor, da honra — invenções nossas como os perfumes francezes e as modas da rua da Paz! Vê o doloroso estudo do mundo das mulheres perdidas na alta sociedade. Esse mundo é a esquina por onde passam todos os homens. Nada mais abjectamente artificial. E' a antiga cocotte que feminiza, desfibra o homem contemporaneo, á força de momices, de luxos, de pretenções. Na pobre coitada que faz a rua á noite, o drama é a falta de alma, a falta de sentimento. Os homens conservam-se rudes e fortes. Eu desejava encontrar uma alma nos manequins tragicos que accendem o desejo na fórma nocturna...

— E's romantico.

— Não; sou doido.

Talvez eu tambem passasse por um periodo de loucura. O certo é que o acompanhava, sem preconceito, sem vergonha, por curiosidade. A vida normal, aliás, a vida dos omnibus e dos transeuntes, passava sem nos ver. A outra, a das esquinas de má fama, nem dos carros e dos pedestres era vista nem por acaso os via. Augusto estudava. Pobre Augusto! Ficavamos horas a ver repetidas as mesmas scenas de luxuria

animal e de sordidez. Os homens, marçanos, soldados, discutindo as moedas. As mulheres feias, sujas, machinaes. Nem por parte delles nem por parte dellas havia o mais leve esboço de caricia — uns retendo o dinheiro, as outras já sem alma senão para sentir o desejo de não morrer de fome.

Naquella noite, apparecera, entretanto, uma creatura de destaque no meio. Era velha. Tinha a face severa na queda das pelancas; curvava como se fosse muito idosa; caminhava com um andar de avó impertinente. E usava pelerine, sombrinha, mantilha de rendas sobre os cabellos grisalhos. Atrós! Se fosse uma pobre nymphomanica talvez causasse piedade; se estivesse como as outras a morrer de fome, dar-lhe-ia uma esmola. Mas não. Era hostil e commercial. Os marçanos em camisa e lenço de côr, que se approximaram e discutiram sommas, eram repellidos ou afastavam-se com medo. Alguns nem se chegavam. A velha demorou pouco. Tomou logo um tramway.

Chamei a attenção de Augusto.

— Quem é aquella velha? indagou o psychologo, a uma portugueza magra e amarella, que passeava em chinellas, com um galho de arruda atraz da orelha.

— Não vês logo que está muito triques p'ra ser da zona?

— Donde será então?

— E' com certeza das sérias que fazem o Rocio. Dá-me a mascotte, anda. . .

Melhor e mais digno é sempre não ter repugnancias pelas miserias humanas. Nada mais relativo que a ignorancia. Demos o que a creatura pedia. E no outro dia era eu a convidar Augusto para vermos as pobres mulheres da praça Tiradentes.

Realmente. Aquillo que nas esquinas das ruas proximas do cães passa como lepra, tomava no Rocio proporções de porneia num quartel. Dizem que outros trechos urbanos resistem á civilização normalizadora, mantendo, apesar de tudo, a personalidade. Estavamos num ponto de movimento extraordinario, com a illuminação escandalosa dos theatros; por todos os lados, o turbilhão de conduções correndo, buzinando, rolando entre a multidão densa. E, entretanto, a praça mantinha as suas horrendas tradições. Com o accender dos reverberos e o abrir de chofre dos arcos-voltaicos era a apparição das primeiras figuras. Algumas ficavam até pelas duas da madrugada — andando. De preferencia o lado do ministerio, a frente da travessa Leopoldina, as aléas do jardim separadas da rua apenas por um canteiro. Todas se saudavam, contavam pequenas intimidades.

— Boa noite.

— A sr.<sup>a</sup> passou melhor ?

— Qual ! A constipação não me deixa.

— E' do tempo . . .

Comportavam-se austeramente. Eram todás mais ou menos velhas, mas penteadas, calçadas, de collete, a blusa presa por um cinto, a saia preta. Caminhavam como quem vae a um determinado logar. Paravam como quem espera o bonde. A' approximação de um individuo, punham-se em guarda, seccas, impondo condições. Quando accediam, seguiam disfarçadamente. O desolador era, além do nivelamento daquelle commercio, os mesmos aspectos de insensibilidade e de velhice. Certo, estavam acima das outras em modos e em roupas. Mas impunham mais o nojo pela falta de coração. E eram velhas. Oh ! como eram velhas ! Havia faces encarquilhadas com tinta ; cabellos pretos e dentaduras postiças guarneendo perfis chupados ; dorsos que, apesar do espartilho, abalavam ; cólos que se cavavam em reentrancias espaçadas. A tentativa primitiva dos artificios augmentava a feiura veneravel. Nem um olhar ardente, nem uma graça. A velhice patente e desoladora.

A mulher que viramos em frente aos Telegraphos e de novo encontravamos ali, era de todas a mais atrás — por que antipathica. Descobrimol-a de novo num domingo. Nesses dias,

o jardim e as calçadas ficam cheios de homens do povo endomingados. Na poeira, entre as arvores, no som das musicas vindas dos estabelecimentos de diversão, na propria irradiação da luz parece vibrar o instincto dos brutos soltos. As mulheres paradas lembram velhas aranhas á espreita. E os homens, de commum simples e timidos pela ausencia de convivio feminino, nesses dias aos bandos cream coragem e transformam a falta de ousadia em grosseria, em brutalidade, no desejo de amesquinhar, de ferir. São trabalhadores braçaes, carroceiros, operarios de jornal, e d'alma parecem creanças grandes. Dão gargalhadas, lançam dichotes, fazem propostas alvarmente, chegam ao encontrão, ao murro. Só cada um delles teria medo de se approximar. Juntos cream como que uma coragem vingadora. E ha sempre em cada grupo um mais esperto, que diz piadas applaudidas...

O incorrigivel Augusto Guimarães dizia :

— Estamos a ver um aspecto do instincto que os simples transeuntes não verão nunca! As angustias, as cobardias dos brutos deante das mulheres... Dize-me se ha aqui Amor, mesmo no sentido grego. Ha odio no appetite!

Nesse momento passavamos pela porta que fica em frente ao ministerio. Estava lá a velha. Mas numa attitude tragica. Sobre ella caira em verdadeira montaria um troço de marçanos

encervejados. Choviam chufas. E ella, no cerco, esperava firme, o beijo tremulo, o cabello grisalho escapando-se da mantilha, a capa já de revés.

— Cachorros! Cachorros!

— Eh, velha... Vem cá...

— Canalhas!

— O' Zé aguenta a velha ahi...

No cruzar das piadas, quando um dos typos já ia a agarral-a, a velha teve uma inspiração:

— Espera que eu chamo a policia...

Foi como um golpe. Ella devia conhecê-los. Não eram rufiões ou soldados que a lembrança da policia excita. Eram bem simples trabalhadores, com uma gotta mais de cerveja pelo domingo de descanso. Logo romperam o grupo. A' solidariedade de ataque á velha fazia-se desemcontrado terror da cadeia. Foram uns para o centro do jardim, disfarçando, desceram outros a calçada, reuniu-se o resto pelas aléas.

A mulher estacou um instante, respirando, concertou os cabellos sujos. E seguiu.

Devo dizer que nem por momentos tive um vislumbre de dó pela creatura repugnante. Não seria eu a defendel-a. Quasi ri — enquanto os marçanos a espicaçavam, porque nunca uma creatura me dera impressão tão secca de prostituição hostile. Sim, hostile.

Dahi talvez a minha curiosidade, a minha

quasi obsessão. Espiava-a de longe, policialmente. Ella era mais dura ainda que as companheiras de serviço voluntario. Apparecia regularmente ás oito da noite, mercadejava a pelancaria com o ar irritado dos negociantes que nunca prosperaram, e retirava pela madrugada. Todas as noites! Que segredo sordido occultava aquella voracidade crapulosa? Que drama esconderia a carcaça fatigada da velha?

Augusto Guimarães ainda mais me interessou dizendo-me:

— O curioso é que essas velhas são as envergonhadas do vicio . . .

— Como?

— Salvo cinco ou seis, todas as outras têm occupação, trabalho, familia. Andam por aqui para ajudar occultamente as despesas . . .

De Augusto Guimarães era natural admittir as mais extravagantes observações. Já me habituara de resto a hypotheses infames sem pestanejar, sem mesmo lhes comprehender o alcance. Essa idéa, porém, impressionou-me. Assim, certa noite, quasi a uma da madrugada, vinha eu de ceiar num club de jogo, quando deparei na calçada deserta com a velha atrás. Aranha de horror, esperaria ainda alguém? De facto. No jardim estava um rapaz que a olhava. Grosseiro. Enfardelado numa roupa que parecia não chegar e era larga de mais ao mesmo tempo.

Mas desoito annos ardentes, os olhos grandes, a face corada. Parei attonito. Podia ser neto da velha. Naquella mocidade não havia vestigios de sentimento de belleza ou pelo menos de respeito aos cabellos brancos? E a anciã? Tratal-o-ia como aos outros ou teria desejo? Elle descia o jardim e ella approximava-se do extremo que fica em frente á Companhia Telephonica. Mas, ao chegar ahi, a velha deu de cara com um velho respeitavel — sobrecasaca, chapéu Chile, trez embrulhos, guarda-chuva. O velho exclamou:

— Por aqui, a estas horas, D. Joaquina?

— Boa noite, sr. Crescencio. Venho da casa de D. Fortunata, lá na rua dos Andradas. Vou tomar o meu bonde. . .

Não era possivel ouvir o que diziam. Falaram baixo. O adolescente parara com a esperanza de que fosse curta a palestra. Foi. O velho despediu-se. Ouvi distinctamente D. Joaquina dizer:

— Lembranças a D. Mariquinhas e ás meninas. Qualquer dia appareço. . .

E ficou como á espera do electrico. O velho seguiu sem voltar a cabeça. Então o rapaz, a que a demora dera coragem, approximou-se, falou, discutiu e eu vi seguirem os dois rumo da rua Visconde do Rio Branco. . .

Fiquei num estado de nervos indizivel. Ella era realmente uma creatura com relações de fa-

milia! E corria as praças aos sessenta annos, talvez mais, e mercadejava-se a rapazolas do povo. Horrivel pela fealdade, pela miseria da alma, pela hypocrisia, pelo vicio — por tudo! Decididamente — na primeira noite que a visse havia de saber quem era!

O dia seguinte era sabado. Havia no S. Pedro recita de uma companhia lyrica de segunda ordem. Tinhamos jantado juntos, eu e o Augusto Guimarães. Já, com o enervamento causado pela velha, considerava as psychologias de Augusto simples degeneração pessoal. Estava resolvido a não o acompanhar mais. E a minha ironia fora inclemente durante o jantar. Assim, remontados á nossa classe, de casaca, seguimos para o theatro pelo jardim, como transeuntes. Muita gente, vinda nos bondes que passavam do outro lado, cortava pelas alamedas. Era um continuo passar de familias, risos, *boas* de plumas, charpas de gaze, sedas de mantos, perfumes. . . lamos a sair em frente ao S. Pedro, quando ouvimos uma voz:

— Doutor Augusto. . .

Augusto voltou-se e naturalmente estendeu a mão.

— Como estás tu?

Era uma forte mulher morena, de cabellos negros, *sympathica*. Augusto disse:

— Aqui tens a Cidalia. Durante cinco annos, lavadeira na minha casa.

— Mas que relações!

— Este patrão!

— Depois deu para costureira do Arsenal e vem á noite para cá... Foi a minha informante inicial.

— Deixe de contar a vida dos outros.

— Tambem que fim levaste, Cidalia?

— Doenças. Esta vida é um inferno.

Eu, nervoso com aquelle encontro de Augusto, não os ouvia. Olhava na calçada a estranha velha, que falava com um rapazinho insignificante e bem vestido. A mulher attrahia os rapazes! E aquelle parecia um desses exploradores baratos tão communs...

— Lá está a velha! fiz segurando o braço de Augusto.

— E' D. Joaquina... interrompeu a Cidalia, familiar.

— Conhece-a?

— Foi minha patrôa quando eu cosia para o Arsenal.

— Hein?

— Coitada! Para dar vazão ás costuras tem trez empregadas e trabalha desde as seis da manhã!

— Como?

— E' uma senhora muito direita. O marido della foi negociante. A vida dá muita volta...

— Impossivel! Vejo-a por aqui nesta miseria.

— Ella precisa tanto!

— Precisa tanto e não tem vergonha!

— Oh!

— Procura com cabellos brancos rapazes como o que lhe fala agora!

— Aquelle é filho, sr. doutor.

Recuei. Olhei Augusto, que se modificara.

— Sim, é filho, continuou a Cidalia. Ella tem dois — aquelle e outro mais velho, de bigode. Por causa delles é que faz tudo. Tambem foi com mimo que os perdeu. Depois da morte do marido, só pensava nos filhos, queria os filhos estudantes, era tudo para os filhos. Os meninos cresceram mal educados, com más companhias... o Sr. sabe como os rapazes se perdem. Ella dava tudo. Era só pedir por boca. Ah! se o Sr. visse aquella casa agora! Os rapazes não estudam nada, caíram na pandega. Acordam tarde. E' ella quem lhes leva o chocolate á cama, quem os ajuda a vestir. E almoço na mesa, elles logo na rua e ella outra vez na machina, até de noite. Foi uma vez quando voltava a pé, de levar costuras, sem dinheiro para o bonde, que encontrou aqui um sujeito atrevido. A fome é negra, e gostar de filho é peor que fome. D. Joaquina coitada! viu que podia fazer mais algum dinheiro e voltou envergonhada. E, como o tempo habitua a tudo, agora tem este serão...

— E os filhos sabem?

— Como não? São lá tolos? Só não dizem porque não lhes convem. Cada vez mais vagabundos, mais exploradores. E ella gostando cada vez mais delles. A maior felicidade de D. Joaquina é quando elles atravessam o largo e vêm lhe pedir a benção. Elles só vêm, os marotos, quando precisam de dinheiro. . . .

Nós olhávamos o grupo. A velha tinha pela primeira vez a face alegre. Abria a bolsa, dava uma cedula ao typinho. O typinho esperava apenas por isso, porque logo estendeu a mão. E nós vimos o velho trapo da praça estender também a mão para que o rapaz a beijasse — tão transfigurada que parecia uma duqueza e parecia uma santa. . . .

— Vamos embora, Augusto. Olha que perdemos o primeiro acto.

— Sim, perdemos, tartamudeou o incorrigivel romantico.

Senti que desejava correr. Augusto parecia não querer andar. Passava por nós a velha pelancuda, infame, secca. E Cidalia falava-lhe. Ainda as ouvimos.

— D. Joaquina! Já sei que está contente. O seu José veiu vel-a. . . .

— Coitado! Rebentou a botina e queria ir ao baile hoje. O meu filho! Cidalia, uma pobre mãe não deve poupar sacrificios, quando Deus lhe deu dois filhos seus amigos. . . .

Tomei do braço de Augusto.

— Como nos enganamos!

— Nunca, murmurou o psychologo, nunca nos enganamos! A vida é sempre muito mais atrás do que se imagina. . .

E entrámos no theatro com a boca amarga, a tristeza inutil n'alma para discutir nos intervallos com senhoras e cavalheiros a voz do tenor e a plastica da prima dona. Seria uma calamidade se todas as coisas fossem imprevisitas. . .

## A maior paixão

— Como dizia mesmo Catullo?

Odi et amo, Quare id faciam, fortasse requeris,  
Nescio: sed fieri senlio et excrueris.

Mas que enorme mentira! Catullo então, que era um depravado extremamente sem vergonha! Certo compoz esse epigramma em noite d'esbornia sem de longe avaliar taes sentimentos.

— Mas si não acredita que se odeia quando se ama, não amou nunca!

— Ora!

— E o ciúme?

— O ciúme é um sentimento que o homem superior causã nos outros.

— Paradoxos de quem nunca amou, de quem nunca soffreu!

— Você está sinistro. Parece um fado portuguez.

— E você está cynico. Nem sei o que me parece.

— Porque não me comprehende você. Ao

contrario. Sou moral. Ainda agora venho de uma enorme paixão.

— Com esta tranquillidade? . . .

— Apparente, filho. A neve que touca os montes, a pallidez que manieta os instinctos, o gelo que encobre o fogo. . . .

— Brincalhão!

— Estou a falar serio. Sou capaz de contar todo o idyllio. Estou mesmo ancioso. . . . Sabes que moro agora num segundo andar? Sim, moro num segundo andar de rua estreita, para ter a illusão de estar mais perto do céo — nestas coisas de alcançar o céo, contento-me com o segundo andar — e para passar o tempo, dando conta da vida alheia. Naquelle segundo andar domino a sociedade em torno: a tabacaria, a familia do proprietario, um restaurante, tres casas de seccos e molhados por atacado e a varejo, uma fabrica de gravatas com as grava-teiras muito sensiveis, um quarto de entrevistas do estupidissimo commendador Euleterio, o *cuté*, o *cuté* do Euleterio, como na rua inteira o diz; um barbeiro de pastinhas que tem muitissimas namoradas. . . . Emfim domino a rua. De vez em quando, chego até á vidraça e olho. Olho e logo um espectaculo interessante vem ferir a minha retina. Estive até para fazer uma chronica absolutamente curiosa com este titulo: *A rua vista de cima*. Retive-me a tempo de não

commetter essa infamia. A literatura depois de Homero, de Eschylo e de Aristophanes não passa de uma grande pelintrice. Tudo copias, tudo decalques. E eu não soffro daquella molestia que na *Miseria dos literatos* o fulminante e burguezissimo Juvenal tão bem gritou:

Nam, si discedas, laqueo tenet ambitiosi  
Consuetudo mali; tenet insanabile multos  
Scribendi cacoethes...

Desculpe você estar a citar latim. Saber latim só nos traz uma utilidade: aborrecer horriavelmente os camaradas. Mas acho que não poderia falar com austeridade da miseria literaria, sem procurar Juvenal. Juvenal dá um grande tom. Pensam todos logo que se trata de uma calamidade.

— Mas o amor, a paixão?

— Ah! é verdade, a grande paixão minha.

— Sinceramente?

— A maior da minha vida. Imagine que chego uma vez á vidraça, e vejo na sala de um modesto sobradinho, por cima de um armarinho, uma belleza admiravel. Comecei por vel-a de costas. Tinha uma nuca fragil, côr de leite morno, emergindo de um maravilhoso tronco, a sustentar uma pequena cabeça praxiteleana, em que os cabellos eram côr de mel doirado. Via-a

de costas, como já disse, e o seu corpo erecto e fino, da linha da nuca á linha dos pés, lembrou-me um vaso antigo. Depois ella voltou-se. Naturalmente. Tinha os seios tumidos, os olhos verdes sob as sobrancelhas negras, e a pequena fronte pura e sem ruga de elephantine nova. Com isso uma boca vermelha, mais que vermelha, de purpura, onde sorria a frescura de uma dentadura irresistivel. Sinto immenso não poder dar a impressão dessa belleza. A literatura tem abusado tanto! Emfim, uma dessas bellezas como a de Helena, que, quando desnudou o seio, fez Meneláo deixar cahir a espada. Ella de resto tinha a seu lado um sujeito comprido, magro, corcovado, de cavagnac, que lhe beijava as mãos, em mangas de camisa. Era de certo um exemplar dessa lamentavel especie social a que denominam marido.

Deu-se na minha alma o alvoroço. Vou amar aquella mulher! Vou amal-a! E já havia em mim uma grande estima, por ella ser a subitanea causadora desse alegre estado da ancia natural. Fiquei collado á vidraça. Vi o homem comprido vestir o casaco, chuchurrear-lhe um beijo, sahir com pezar. Vi-a chegar á janella. Cheguei tambem á minha e tossi, uma tosse de quem chama.

Ella ergueu a cabeça, olhou-me como se me não visse e deixou o balcão, pelo interior da

casa. Outra qualquer pessoa iria tomar informações pela vizinhança. Eu preferi imaginar e deixar a revelação ao importante Acaso. Era de certo um casal novo — elle modesto empregado, ella de familia pobre. Estavam na lua de mel. Ella devia amal-o pouco. Quando as mulheres não se agradam do primeiro revelador, procuram a revelação noutra caso, e têm esse ar tremendo de que não pensam em nada. Elle tinha tambem uma cara de predestinado. Havia de ser. A linda esposa ficava com duas tentações sempre definitivas para uma mulher joven e bella: a do luxo e a da carne. Imaginei-me um millionario, vestindo-a de lhama d'oiro, guarnecendo-a de esmeraldas que esmaecessem ao brilho dos seus olhos, enastrando-lhe as tranças com fios de topasios e fitas d'oiro, envolvendo-lhe o pescoço com infindaveis fios de perolas, dessas perolas que são brancas como a congelação de um raio de lua, que são rosas como um resto de aurora, que são irisadas como os collos dos pombos sagrados. Imaginei-a, desprezando a riqueza, quebrando os fios das pedrarias e inteiramente núa, symphonia de branco, rolando em antigos tapetes de seda da Hespanha. Sou tua, só te quero a ti! E eu, o victimario, correndo a possuil-a num vasto aposento em que os brazeiros queimassem excitantes perfumes do Oriente e que a Luxuria

guardasse com a cabeça coroada de rosas e a mão presa a largas taças de nectares pesados.

Mas eu era pobre. A' tarde estava inteiramente dominado. Voltei a casa para vel-a na saleta estreita receber um raminho de violetas do marido e ser puxada por elle brutal e tosco. No dia seguinte mando comprar um ramo de chrysanthemos, espero a sahida do feio corcovado e quando ella veiu á janella vel-o partir, tossi de novo, deixei sobre o balcão o enorme ramo, e sahi.

Ella olhou, viu o ramo. Pareceu como assustada. E não fechou a sua vidraça. Então eu fiquei cheio de esperança e insisti nas flores. No dia seguinte foram junquinhos. No outro, rosas rubras. No outro, margaridas brancas. No outro, cravos. No domingo, violetas e angelicas. Na segunda, amores perfeitos. Passei um mez assim. Devo dizer que quinze dias depois eu sentia ao tossir, que ella imperceptivelmente sorria com curiosidade de saber qual a flor do *ex-voto* do dia. A minha saleta estava tão impregnada de perfumes, que eu me sentia já com a alma timida e melancolica das flores, essas pequenas almas tristes que sentem tanto deixar as corolas murchas. E sonhava-a d'olhos abertos, núa, tendo na carne mil frescas fragancias e a maciez de todas aquellas petalas, entregar-

me a boca de rosa, collar-se a mim, desmaiar de goso, trincando o meu labio — grata, minha... Ai! que amor o meu, que grande amor!

Ella, de resto, a pouco e pouco vinha trazendo para a saleta da frente os afazeres em que passava o dia. Cosia, tricotava, lia sempre na sala. De vez em quando os seus olhos subiam até á minha sacada, e eu comprehendia que naquellas alturas a escada de Jacob descia para o paraizo. Uma vez vi chegar um piano. O pobre marido, com aquella cara de predestinado, alugara um piano.

Ella ficou muito alegre e tocou qualquer coisa. Depois cantou baixinho. Mas a sua voz subia... Então eu aluguei tambem um piano, que fiz entrar quasi de madrugada, comprei varias musicas de amor e fui convidar o Aurelio Serpa, aquelle efeminado tenor, para vir á minha casa. O Aurelio veio, eu abri as vidraças e tanto o louvei que elle cantou, a principio em francez, depois em italiano. Mas o meu empenho era fazel-o cantar ás dez da manhã, em portuguez. Tive idéas mirabolantes de graça, desenvolvi-lhe planos de lucros, pedi-lhe retratos para publicar num jornal amigo, adiantei-lhe uma certa quantia, e afinal fil-o jurar que no outro dia estaria em casa ás nove horas. Quando o Aurelio chegou quasi o beijei. Mas

seguia os movimentos do infeliz marido — sim, infeliz porque não poderia comprehender aquella creatura — e ao mesmo tempo preparava o Aurelio. Sabes o «Madrigal» do Nepomuceno? — «De cór» — Então senta-te ahi e canta-o quando eu te disser. Collei-me á vidraça. O esposo deu o beijo classico, sahiu: ella assomou á janella. Eu então colloquei uma enorme corbelha de cravos e jacinthos; tossi; ella olhou sorrindo; eu saudei-a; ella ainda sorriu; eu entrei; e, logo ardente de paixão, o «Madrigal» desabrochou.

Devo dizer que essas coisas se passavam numa estreita rua commercial, ás dez da manhã; mas era tal o fogo da imaginação, era tal a arte de encenação romantica, que o effeito devia ser decisivo. Foi até em mim. Eu ouvia a divina musica, de labio secco, espiando a linda mulher — que, alvoroçada, tremula, recuara da janella, voltara-se e ouvia o canto como uma dama loira, á confissão subita de um pagem. Ah! Evidentemente eu devia fazer-lhe muito mais effeito que o marido! Como esse cidadão lhe pareceria vulgar...

Mas era preciso ainda ser louco. Levei a noite a escrever uma carta que fosse tecida de chama, que fosse irresistivel, escolhendo termos, ligando phrases que tivessem envolvencias de abraços, pressões de beijos, violencias vibrateis;

e no dia seguinte, não tossi, não puz ramo. Metti-lhe a carta dentro e joguei-o na sala da creatura esplendida. Depois sahi immediatamente, tossi da rua e fui passear. Quando cheguei á noite, espiei. As janellas estavam abertas, e na saleta estava ella, estava o marido e estava o ramo. Para que estivesse o ramo, era preciso que ella tivesse mentido, para que ella mentisse, necessario fôra que ligasse uma certa importancia ao meu *ex-voto*, para que o conservasse era fatal que amava menos o marido. Talvez mesmo nunca o tivesse amado. Com certeza. Tinha bastado quatro mezes para que assim, com a celeste imperturbabilidade das mulheres, ella me fizesse o dom infinito de mostrar que me preferia ao esposo.

Eu imaginava a fatal loucura, a definitiva loucura de subir-lhe ás escadas e cahir-lhe aos pés, beijando-os, quando no dia seguinte, indo pela Avenida, vi que na minha frente caminhava uma extraordinaria creatura, vestida com simplicidade e só. Era ella. Era ella! O meu coração bateu, ficou pequeno. Já imaginava a gula devoradora da minha boca por aquella nuca, e o cheiro, o cheiro capitoso daquelles cabellos côr de mel. E imaginava tambem, ao mesmo tempo, seriamente, que de certo ella não querendo voltar para o marido, e eu desejando-a só para mim, a nossa existencia muda-

ria de subito, eu a perder em poesia, ella a crear em mim suspeitas.

E já, ao mesmo tempo, via as duas existencias numa só, confundindo-se sem querer . . . Era um pandemonio em que se entrelaçavam amor, ly-rismo, vaidade, desejo, quasi medo, vontade, falta de vontade, temor, duvida . . . Como soffri em imaginação, caminhando para ella, caminhando para dizer-lhe: — não posso mais, sê minha!

Mas, antes de alcançal-a, vi que ella, ao chegar a uma esquina, procurava não ser notada. Então, logo, com um grande alivio, resolvi segui-a. Como ella ria no futuro, quando eu lhe contasse o meu amor tão grande que até a seguia dias inteiros, sempre que ella sahia . . . As mulheres gostam dos homens timidos a principio.

Ella, entretanto, dobrara a esquina. Esperei um pouco e dobrei tambem. Ella, apressando o passo, metteu-se por um beco. Espiei da esquina, um pouco admirado. Quando a vi que dobrava para outra rua, quasi corri pelo beco. Era no dedalo da velha cidade commercial, onde ha verdadeiros retiros de calma. Ainda a chamei. Ella entrava por outro beco, que ao todo tem dez casas, uma das quaes é um lugar de vicio, um réles alcouce. Quando cheguei ao beco, não a vi mais. Fui á outra rua. Nem sombra. Entrára ali então? Na tal casa? A mi-

nha perplexidade não durou muito. Dei com os olhos num moço de fretes. Ria tão cynicamente, olhando para mim e para o predio, que até me dispensei de interrogal-o. . .

Então, veiu-me uma grande calma — como a um homem a que dispensam de subir um alto monte, cujo fim ninguem sabe; veiu-me o socego, a doçura alegre de convalescente que re-encontra a vida. E ao mesmo tempo uma enorme, uma infinita gratidão por ella. Sabi-lhe da vida, sem nunca lhe ter falado. Podia perdela. Como era fragil! E sem nunca lhe ter dito uma palavra, sem lhe saber o nome, attrahira-a, roubara-a, não só ao marido, mas ao outro ou aos outros. Talvez não amasse nenhum delles. Com certeza. E, se amasse, agora eu existia sempre de facto entre ella e qualquer — porque alma sensivel em corpo esplendido ella aspirava intelligentemente ao delicado.

Dormi uma noite extremamente calma. Quando acordei pela manhã lembrei-me da paixão, como uma coisa que vamos iniciar. Pobresita! Como eu a amava, cheio da gratidão. Agora era ou subir ou ir á tal casa. Não! Ir á tal casa seria envergonhal-a. O melhor era continuar. Arranjei um ramo, com alguns restos de ramos anteriores, pousei-o na sacada e sahi. . .

Mas que magnifica tarde está hoje, hein?

— Estas tardes de outono são melancolicas.

— Acho-as alegres. Virgilio chama ao outono primavera madida.

— E' bello.

— Assim como o choro da natureza que vae entrar na morte. Mas a natureza renasce. Se tomassemos um aperitivo?

— Tomemos. Mas não seja máo, conte o resto.

— O resto de que?

— Da sua paixão.

— Mas não tem resto nenhum.

— Como assim?

— Ah! é verdade. Dois dias após, não tendo ainda tomado uma resolução, cheguei á janella e vi o sobradinho com escriptos.

Tinham mudado. Abstive-me de perguntar para onde. Nunca mais a vi.

— E chama a isso paixão?

— A minha maior paixão! Tudo na vida é imaginação que applicamos aos poucos ao trivial. Eu tivera espiritualmente uma absoluta conquista, eu imaginara tudo quanto o amor póde dar; graças áquella mulher os meus nervos vibraram varias semanas, o meu cerebro creou uma acção bellamente realizada, o meu coração tremeu no vortice da realidade com medo ao fim feio da vida e salvou-se ainda graças a ella. Foi a mais perfeita paixão da minha vida.

— Artificial! E se a torna a encontrar?

— Se a torno a encontrar?...

— Vae fazer o mesmo?

— Ah! não, isso não; farei o que todos fazem. Mas então já não é paixão.

— E' então?

— Trivialismo, excellente amigo, o horrivel trivialismo que retem a humanidade e faz a lamentavel equação social: toda a gente, igual a toda gente Oh! foi de certo a minha mais funda paixão. . .



## A menina amarella

Havia oito dias, Pedro de Alencar, aquelle rapaz tão distincto e com uma posição invejavel, ia seguidamente á casa de Flora Bertha. Toda a roda estava admirada. Pedro — creatura feita de aristocracias innatas, cultor de elegancias, encafuaado num conventilho da Cidade Nova, entre mulheres de má vida, apaixonado pela Flora Bertha, gordinha e vulgar nos seus vinte annos! Parecia impossivel! Era de certo um novo vicio, mais uma exquisitice moral.

Depois, Flora, curioso sêr de instincto, tinha um amante, sujeito forte e carnudo, em casa a noite e o dia; e mais uma tropa de amigos intimos que se aproveitavam dos esquecimentos da proprietaria, para almoçar, jantar, dormir, e, sempre que havia occasião, amar. Não! Era impossivel. Entretanto, Pedro de Alencar estava cada vez mais preso, e ao encontrar um dos seus mais acirrados amigos, deu a solução do enigma d'aquella attracção.

— E' esplendido, filho, de inconsciencia moral! Não imaginas a atmospherá permanente de animalidade vestida. Ha meia duzia de mulhe-

res que só pensam nos homens, uma caterva de homens a galopar pelos corredores. E tudo, até os moveis, parecem gritar a falta de vergonha. Com um mez de estadia naquella casa, fica-se a perguntar onde está o pudor. Realmente, existe o pudor? Existiu mesmo? Estou de observação, meio alegre e meio triste.

A casa em que Pedro de Alêncar estava de observação tinha no quarto da frente Flora Bertha, com uma cama quebrada, um sofá servindo de toilette e as photographias e os cartões postaes dos seus apaixonados, pregados á taxa pelas paredes. As paredes estavam cobertas dessa illustração amorosa e edificante. No quarto pegado, morava a Rosinha da Gruma, uma pobre mulher de boca molle e dentadura postiça, que se fizera especialista em amar meninos. Tinha talvez trinta permanentes, dos treze aos dezoito annos, que lhe levavam os magros vintens, ardendo de devotamento e choravam quando se viam preferidos pelo mais velho, bella envergadura de athleta, cujo primeiro e unico carinho fôra a applicação de uma sova tremenda. Na alcova pegada, morava um typosinho franzino e pintado, a Formiga, apaixonada por um adolescente bello como o Perseu de Benevenuto, e no quarto da sala de jantar, rebaixada por falta de pagamento, Nina Banez, ex-cantora de café concerto, subitamente em-

polada pelas caretas de um comico joven, chamado Andrade. Ainda para os fundos moravam a velha mãe de Flora, com um typo valentão, que lhe batia diariamente, o irmão de Flora, sêr ambiguo e serpentino, e a creada — uma creada bahiana, sempre envolta num chale e fumando certo cachimbo tão comprido, que parecia mais um narghilé.

Esse pessoal fazia ponto de reunião na estreita casa de jantar, onde, além da mesa, de um guarda-comida e da bilha de barro, havia uma lousa negra, em que se expunham os nomes das pessoas devedoras. Para passar aos quartos, passava-se por ali. Quartos havia que exigiam mesmo a passagem por outro. De modo que de repente, na conversa animada, havia um silencio. Era alguem que entrava.

— D. Rosinha está?

Se era conhecido, o silencio transformava-se em alarido.

— Ora, entra, deixa de partes!

Se era cousa nova, ou havia complicações, uma companheira dizia sempre:

— Vou vêr.

la apenas prevenir. O que estava, sahia por outra porta a vir tomar cerveja, e a Rosinha apparecia calma e sorridente:

— Só agora seu máo! Estou á espera ha tanto tempo!...

As damas estavam sempre em roupão, ou em camisa, os homens á frescata. A' noite, assim por volta de uma hora da manhã, quando voltavam do theatro e dos cafés, organisavam-se ceias subitas. Cada rapaz ia comprar uma cousa. Alguns, quando não tinham dinheiro nem para isso, vestiam as camisas das damas e ordenavam os outros com ares dominadores.

Pedro de Alencar assistia ás scenas desfreadas com um excellente bom humor. A principio Flora Bertha fazia sahir o rapaz vigoroso por um dos quartos, para não se encontrarem. Pedro deu com o rapaz um dia á porta . . .

- O Sr. Francisco?
- A's suas ordens.
- Subamos juntos.
- Parece-me . . .
- Nada mais interessante.

O Sr. Francisco subiu. Foi um acontecimento. Entre Francisco e Pedro, Flora Bertha irradiava de orgulho e de prazer. Francisco era a sua satisfação physica. Pedro o seu appetite de effeito. O segundo era mostrado como se mostra um collar de preço; o outro era invejado como um jantar sempre quente. E, verdadeiramente repartida, pendida para Pedro, com as mãos para Francisco, parecia felicissima. De resto, em baixo, o automovel de Pedro carbunculava na treva, e ella não resistia em ir correr a immensa

Avenida do Mangue, um manto apenas sobre as espaduas nuas como Phrynéa, só com o seu homem de luxo . . .

As conversas geraes nunca eram de uma inteira cordialidade. De susceptibilidade grande, essas damas zangavam-se por qualquer cousa, umas com as outras. Um vocabulario assustador surgia, portas batiam, gritos, ameaças de conflicto. De vez em quando o ardente sustentador da mãe da dona da casa apparecia alcoolisado, com um punhal formidavel, querendo matar toda a gente. As mulheres atiravam-se ás janellas, pedindo soccorro, e como a delegacia era proxima, minutos depois, soldados de espadagão trepavam escada acima, prestes a prender todos os presentes. Como, porém, o delegado tinha uma especial amisade a Flora Bertha, tudo continuava na mesma. E ella vociferava indignada:

— Canalhas! Se não fosse eu, estava tudo preso!

Mas o agradavel eram as tardes e as noites passadas na sua alcova pauperrima. Bertha fechava-se por dentro, farta daquella vida, querendo uma casinha com palmeiras e canarios. De um lado Francisco, sempre enleiado, sorria; de outro, Pedro, muito alegre, fazia-lhe perguntas, e ella, deitada, ria a morrer e contava coisas, como desde creança imaginara ser ra-

ptada, a fuga aos quatorze annos com o marido, um barbeiro, aliás, meio tolo, o abandono da casa por causa dos ciumes da mamã, a quem sustentava.

— Afinal, sempre é mãe, não achas?

Depois tinha ternuras de voz:

— Na minha vida, até agora não tinha gostado de ninguem.

— E agora?

— Agora gosto de vocês dois.

E piscava os olhos para o Francisco, se Pedro estava voltado, tendo o cuidado de significar por um signal qualquer a Pedro a sua preferencia. O Sr. Francisco talvez acreditasse. Pedro divertia-se, amando, afinal, como devia amar essa creaturinha, ingenua, apesar de perdidissima naquelle ambiente de crapula. Era dos que se contentam com o que as mulheres dão, achando-as sempre generosas, por peiores que ellas sejam. E isso dava-lhe em pouco tempo uma enorme vantagem sobre todos os outros.

— Duvido! bradava elle.

— Juro!

— E estes retratos todos?

Ella então contava a historia e as particularidades de cada um daquelles cavalheiros, ia buscar as cartas para lerem alto, rindo. Um dia, Pedro propôz o degolamento geral do exercito de photographias.

— Apoiado! fez com uma alegria terrível o Sr. Francisco.

— Não! não! clamava Flora Bertha, louca de riso com a idéa do julgamento e da morte dos retratos.

Horas depois as paredes estavam nuas e Pedro sentia aquelle mixto de contentamente e de tristeza que tem todo o homem moderno, quando irreparavelmente o mundo lhe mostra o vacuo dos sentimentos. Era inacreditavel! Não sentiam aquelles seres, não pensavam, não tinham um toque que os differençasse dos animaes, e pareciam felizes e viviam. Talvez fosse melhor não sentir, porque o pudor é a differenciação do homem, e aquelles sem pudor viviam radiantes. Nenhum deles teria ao menos um laivo de decoro d'alma?

Talvez tivesse, mas tão apagado, tão liquefeito, e com certeza tão extemporaneo! Os homens pareciam ir ali despir a vergonha para estar á vontade; as mulheres nascidas naquelle meio desde creanças, ainda impuberes e já com o conhecimento completo das mais tremendas luxurias, prestando-se a todas as ignominias, ignoravam mesmo o que fosse o pudor. E a sua dignidade, — porque ellas tinham dignidade — era ter muitos amantes e não se zangar quando as outras lhes tomavam alguns.

— Meus restos, creatura . . .

O scepticismo romantico de Pedro tornava-se de uma analyse penetrante, fazia-o um avaliador de algumas, pelas phrases inconscientes daquella gente que elle tivera a illusão de julgar um pouco melhor que a roda da diversão e prazer caro. Pois era peor. Peior porque não era immoral. Nem isso. Peior porque era a alma nua espojando-se e mostrando as mazellas. Aquellas mulheres tinham sido virgens, talvez tivessem ignorado a vida. Nenhuma dellas, porém, mostrava, na abundante tagarelice, um sentimento perfumado, uma vaga emoção dignificadora, — tropa meio bamba de bacchantes permanentes, com instinctos selvagens. E, entretanto, Pedro não desanimava. Fazer-se amar pela Flora Bertha? Pobresita! Não. Ver uma daquellas mulheres mostrar subitamente qualquer coisa de nobre? Não. Pedro esperava o terrivel, o imprevisto, lugubrementemente horrivel que ha sempre a pairar nos transbordamentos banaes da luxuria. E naquella casa aberta a toda a gente, onde se praticava a vida animal sem mysterio, sem recato, na sarabanda das ceias, nas mais desenfreadas orgias, em dialogos com a velha mãe de Flora, diariamente espancada, forçando a intimidade com o amoroso Francisco, a cada instante parecia-lhe sentir que impalpavelmente a revelação imprevista ia surgir.

Uma vez, Pedro estava só com a Flora, quando bateram á porta:

— E' o Francisco.

— Não, elle bate de outro modo. De certo alguém que vae passar para o quarto da Rosinha.

Deu a volta á chave, abriu. Diante delles estava, com a sua saia suja, o casaco em tiras, o cabello de estopa por pentear, uma pobre menina.

Era horrivel.

Pequena, meuda, magra, o pescoço fino, tremia como se viesse da neve. E parecia que lhe tinham dado por dentro da pelle um violento banho de enxofre. Tinha jalde a face, a pelle das mãos era amarella, os labios, sem sangue, laivavam-se de amarello, e nas olheiras côr de perpetua a esclerotica era côr de gemma d'ovo. Lembrava um espectro de pesadello, um ser irreal, onde só os seios duros e erectos davam uma impressão de vida impetuosa.

Quando viu Pedro, agarrou-se á porta, a face contrahida, tremendo.

— Que queres? indagou colerica Flora.

— Foi a senhora sua mãe que mandou. Pensava estar só, balbuciou a petiza.

— Não disse já que não apparecesse aqui?

— Foi sem vontade. Desculpe. Eu não gosto, não, de apparecer.

E foi recuando, pavida. Bertha fechou a porta.

— Que bicho é esse?

— Uma rapariguita, que está ahi de favor. Ajuda lá na cozinha.

— Não a tinha visto ainda.

— Tem medo, é uma tola. Imagina tu que tem medo aos homens! Por isso não apparece.

— Máo logar escolheu ella.

Mas de novo arranhavam á porta. E de fóra uma voz livida, voz de medo, de angustia, de pavor, de choro, quasi soluçante, dizia :

— Sou eu ainda minha senhora. Sua mãe manda buscar a bacia . . .

Prevendo uma violencia da encantadora Florra e mais do que tudo cheio de curiosidade, Pedro ergueu-se rapido e tornou a abrir a porta.

— Vá, entre.

A pequena hesitou como se fosse atirar-se a um abysmo, fechou os olhos, arregalou-os muito, esticou as mãos amarellas, andou um pouco. Tinha os pés nús e sujos e andando andava como um duente aterrado. Agarrou a bacia, sobraçou-a. Era atrás, assustadoramente atrás.

— Vem cá. Como se chama você?

— Fala, menina, não tremas. Este senhor não te faz mal. E' isso. Vê homem, começa a tremer! O' Maria, como te chamas? Conta como foi, rapariga, vem cá . . .

A pequena amarella olhou-os um instante mais, convulsionou-se num soluço que lhe esboalhava o olhar e deitou a correr pelo corredor. Houve um silencio, logo interrompido pelo riso de Flora Bertha.

— Está ha muito tempo comtigo?

— Tres mezes. Foi o pae que a collocou aqui. Tem doze annos e já com aquelles seios. . .

— Mas está doente, filha. Nunca vi na minha vida uma creatura tão amarella.

Flora voltou-se no leito. Estava linda com a sua carne de leite e rosa.

— Não. Aquillo foi de repente. Ha quatro mezes um carroceiro, amigo do pae, agarrou-a de noite, á força. No outro dia foram encontral-a assim, a soluçar, não podendo olhar os homens sem tremer, sem fugir. Nem mesmo o pae. E' amarella, toda amarella, filho. O medico disse que foi de horror. . .

No dia seguinte os hospedes alegres da casa de Flora Bertha verificaram com magua que Pedro de Alencar, aquelle rapaz tão distincto e com uma posição invejavel, deixava de apparecer.



## A amante idéal

Esses cavalheiros haviam mostrado um certo appetite. Era, após o jantar, na residencia de Ernesto Pereira, assás feliz para ter, antes dos quarenta annos, um palacete discreto e muito mais de mil contos.

Com tão confortavel fortuna, Ernesto estava quasi branco, não bebia senão aguas mineraes e mantinha as mulheres como simples companheiras para distrahir. Após um negocio — ceia com ellas e champagne bebido pelos outros. Enriquecer quando não custa a vida e uma fortuna, custa, pelo menos, o melhor bem humano, porque transitorio: — a mocidade. Ernesto aliás tratava o doloroso e delicado assumpto com cynismo amavel. — Que querem vocês? Aos vinte annos, afastei as mulheres para conquistar a Fortuna. A Fortuna vingou-se deshabitualmente do amor...

Mas era gentil, muito gentil, como diziam essas damas. Fazia as despezas de uma italiana, montara casa a uma hespanhola, comia com as figuras mais impressionantes do armorial da galanteria, e protegia, ás occultas, algumas costu-

reiras e modistas. O desprezo, ou antes, a integral indiferença de Ernesto pelas mulheres, só poderia ser notada porque esse homem jamais tinha uma historia de mulher a contar. Quando narrava um facto era dos outros e referia-o sempre com o riso ingenuo da completa incompreensão. Parecia contar pilherias de bonecos. Os amigos julgavam-no feliz. Era-o. O homem feliz é aquelle que não conhece o amor.

Nesse momento, porém, accesos os charutos no terraço sobre o mar a roda se fazia de homens, como são a maioria dos homens, tendo a vida com dous fins: dinheiro e mulher. Estavam Octaviano Rodrigues, que se arruinara por uma princeza austriaca, e André Figueiredo, com quem a princeza enganava Octaviano, mas que por sua vez tinha varias paixões, menos a princeza. Estava Clodomiro Viegas, que nunca pagara o amor e andava sempre a arranjar dinheiro para ser gentil com as generosas creaturas. Estava o commendador Andrade, que em trinta annos de francezas ainda não aprendera a falar francez. Estava Theodoro Gomes, o bolsista que enriquecia a bailarina russa de uma companhia italiana, em companhia de Godofredo de Alencar, o unico literato com dinheiro.

E também palestrava Julio Bento, lindo e excellente rapaz de trinta e cinco annos, casa-

do, pai de cinco filhos, mas cuja lista de conquistas não deixava de ser profusa.

A conversa, precisamente, generalisara-se a proposito da ultima paixão de Julio, senhora alta, com enorme boca vermelha e dois braços de tragedia, admiraveis e brancos, «as duas velas de seda da trireme do amor», como dizia, com exaggero, Godofredo de Alencar. Essa mulher agoniava Julio Bento. Eram cartas, telegrammas, chamadas ao telephone, imprevistas aparições, scenas de ciume, ataques, tentativas de suicidio, recriminações, inqueritos minuciosos.

— Um inferno, meus caros! E eu tenho receio que minha esposa venha a saber.

— Mas deixa-a. Nada mais simples! insinuou Ernesto com o seu ingenuo e feliz desconhecimento do complicado desespero das ligações amorosas.

— E' bom dizer. Ella mata-se. . .

— Ora!

— E para que deixar esta, se são todas assim? indagou ironicamente Alencar. Amar é soffrer, mas ser amado é o cataclysmo. Não se póde fazer mais nada. Ellas caem sobre a gente como os andaimes. Um gnostico dizia que é preciso passar pela mulher como pelo fogo. Nós imbecilmente ficamos a assar. Ao demais o Eliphaz Levy já teve uma phrase lapidar —

«Queres possuir? Não ames! Nós, sem intelligencia, em vez de possuir, somos possuidos. A intelligencia é um perigo no amor.

— Paradoxal!

— Conforme. Qual de nós não almeja, não sonha com o typo da amante idéal? Qual de nós, porém, não soffreria se amasse o typo da amante idéal?

— A questão é saber qual a amante idéal, após trez mezes. . .

— A amante idéal! suspirou Julio Bento.

— E' a esposa, sentenciou o velho solteirão Andrade.

— A esposa, meu caro amigo, desde a Grecia, é a mãe dos nossos filhos. Não a sobrecarreguemos. . . Moysés, segundo a legenda, forjou o anel do Amor. E taes foram as complicações, que logo teve de forjar com pressa um outro: o anel do Esquecimento. Nenhum dos dois é a alliança matrimonial. . .

Julio Bento ficara pensativo. E de repente:

— Como o Alencar fala a verdade. Eu já tive a amante idéal.

Houve na roda um alegre sobresalto.

— Tu?

— Como era ella?

— E deixaste-a fugir?

Julio Bento, sem tristeza, suspirou.

— Sim. Apenas só depois é que soube. . . E

até agora, francamente, não comprehendo, não atino, não sinto bem. . . Que aventura! Imaginem vocês. . .

Accendeu outro charuto, e impaciente, continuou:

— Ha uns cinco annos encontrei no theatro uma encantadora mulher. Pallida, da côr dos jasmims, dois olhos verdes, pestanudos, uma longa cabelleira de ebano, alta, magra. Estava no camarote pegado ao meu, só, vestida de preto. Olhou-me duas vezes. Da segunda havia muitas intenções. Fiquei desejoso de a conhecer, de falar-lhe. Mas, evidentemente, não era uma qualquer mulher. Saiu em meio de um acto e eu fiquei com a familia, não sei porque, raioso. Quatro dias depois ia pela rua do Ouvidor, quando a vi que vinha a sorrir. Tinha uma linda boca. Cumprimentei-a. Continuou a andar. Segui-a. Voltou-se uma só vez e logo metteu-se pela rua Gonçalves Dias. Continuei a acompanhá-la. Ella ia pelo meandro de ruas estreitas e commerciaes. Emfim, num beco deserto, entrou por uma porta. Quando passei pela porta, ella estava no corredor. Timidamente disse-lhe:

— Desculpe se a acompanhei. . .

— Entre, fez ella com a voz calma. Não podíamos falar em ruas de movimento. Não seria conveniente nem para mim nem para você.

Fez uma pausa, murmurou: Sympathisei muito com a sua pessoa.

— E eu, então!

Ella riu:

— Sempre que as mulheres querem, os homens sympathisam ao menos uma vez.

Agarrei-a, ella offereceu-me a boca, que cheirava a rosa, e gulosamente mordeu-me. Depois, desprendendo-se:

— Agora vá embora!

— Mas isso não pode ficar assim. Onde a posso encontrar?

— Na minha casa é impossivel neste momento...

— Como se chama?

— Adelina. Até outro dia...

— Ha outras casas. Por aqui mesmo...

— Hoje não.

— Por que?

— Ninguem tem mais vontade do que eu...

Amanhã, se quizer. Serve-lhe ás 2 horas da tarde, num automovel defronte do terraço do Passeio Publico?

Concordei. No dia seguinte rolavamos, ás 2 da tarde, para a Quinta da Boa Vista e essa mulher era de um ardor, de uma paixão allucinantés. Apenas não saiu do automovel e no automovel estivemos até ás 6 horas. Ao deixal-a, Adelina disse-me apenas:

— Moro numa pensão da rua da Piedade.  
Quando quizer escreva-me.

— E não posso lá ir?

— Se quizer, — durante o dia.

A minha curiosidade conseguiu saber aquillo que ella não dizia, mas de que não fazia mysterio. Chamava-se Adelina Roxo. Era casada, separada do marido. Vivia mantida por um velho director de banco, que lhe dava larga vida. O seu modo era tão exquisito, tão diverso das outras mulheres quando desejam, que me abstive de a procurar oito dias. Quando as mulheres são sinceras, os homens são «cocottes». O «chiquet» é a essencia do amor. Apenas verifiquei a inutilidade do processo e apertou-me o desejo. Queria aquella volupia e queria tambem conhecer a mulher. Escrevi, pela manhã, uma carta sem assignatura, e lá fui. Recebeu-me deliciosamente. Tinha tres salas admiraveis. O gabinete de vestir era mobilado de sandalo com incrustações de marfim. Os tapetes altos de seda turca, contavam em azul sobre fundo rosa surradas do Korão. Um cheiro de rosas errava no ar, e ella despindo um «tchartchaf» de seda pesada appareceu-me atravez de um tecido de Brussa com a pulchra delicadeza de um lyrio á sombra. Amei-a furiosamente. Ella era das que, entregando-se, infiltram nos mortaes ainda mais desejo. E se eu a amei, ella teve todas as etapas

do delirio desde o frenezi ao desmaio. Ao sair esperei alguma phrase, um pedido, uma supplica. Nada. Não me demorou, beijou-me com a alma. E não disse uma palavra.

Era diversa, integralmente diversa das outras. Certo gostava de mim, gostava com um calor que eu não sentira em nenhum outro corpo. Mas todas as mulheres querem saber coisas, perguntam onde vamos, indagam se as amamos muito, se será para sempre, e não deixam de reter mais alguns momentos a creatura... Ella não teve um só gesto nem uma das phrases banaes, mas que estamos acostumados a ouvir.

Claro que voltei. Conversavamos. Ella, sem pedantismos, sabia muito mais do que eu. Viagara a Europa inteira, falava varias linguas, conhecia os poetas de diversos paizes, que lia em encadernações de antilope com fechos de ouro lavrado. Mas, rindo com infinita alegria, prendendo com a sua clara voz, o seu olhar de braza verde, o seu corpo de jasmim, jamais perguntou pela minha vida. E tambem não me disse uma palavra a respeito da sua, e tambem não me pediu nada. Sabem vocês como as mulheres gostam de contar a propria vida aos amantes. E' um duplo exercicio de mentira e de tortura. Sabem vocês, como ao cabo de uma semana não se póde dar um passo sem ter a senhora apaixonada a perguntar-nos os detalhes mini-

mos do dia. Ella abstinha-se desses actos, naturalmente. E, talvez por isso, se o meu desejo augmentava, a minha desconfiança irritada crescia. Nem o meu nome ella perguntara — nome que, de resto, devia saber. Tratava-me de «Meu pequeno», meu «guru». Um dia disse-lhe:

— Não sabes o meu nome?

— Não.

— Mas eu assigno as cartas...

— Ah! sim, as cartas... Mas não quero o teu nome, quero-te a ti. Que me importa que te chames João, Antonio ou mesmo Julio?...

— O tratamento de «guru», entretanto...

Ella deu uma grande risada.

— Ah! essa palavra é de um grande poema de amor, o «Ramayana». E' uma palavra de carinho, de affeição que não tem traducção. Achei-a *sympathica*. Só a ti no mundo eu chamo assim. Porque só a ti no mundo eu amo, meu pequeno...

— Emfim, um homem casado transformado em «guru»...

Eu dizia para forçal-a a perguntar-me cousas. Foi em vão. Em virtude de tanta liberdade, como sou humano entre os lamentaveis humanos, aproveitei-a para trahil-a. Trahil-a? Póde-se trahir uma mulher que não nos toma contas? Tive varias intrigas amorosas, que me deram enormes *incommodos* e fizeram-me enormes despe-

sas. Todas essas mulheres amavam-me como loucas e eu as deixei sem que ellas mudassem. Alguns negocios forçaram-me a ausentar da cidade.

— E' uma aventura morta! dizia a mim mesmo para convencer-me.

E ao chegar das viagens, lá ia entre desejo daquelle amor impossivel de pôr em duvida e um vago mal estar, uma inquietação. Afinal, teria ou não interesse por mim? Tinha, era evidente que tinha. Mas não era bem esse alheimento da vida commum. Talvez forçasse a indifferença para não contar os mysterios da sua existencia. Mas, respondia sempre com franqueza a tudo quanto lhe perguntava! Talvez tivesse outro amante. Inquiri, observei. Não. Além do velho banqueiro, só a mim. . .

Os nossos encontros faziam-se intermittentes. Semanas havia que estavamos juntos todos os dias. Depois passavamos semanas sem nos vermos. Era natural que essa mulher, diante de uma ausencia prolongada, procurasse falar-me, escrevesse, passasse um telegramma ao menos. Pois nada. E recebia-me com a mesma ternura, o mesmo sincero amor, sem uma pergunta. A's vezes resolvia não a procurar mais. Encontrava-a, porém, na rua, e a irradiação do desejo era tão forte, que tivesse eu o mais urgente negocio, largava tudo para segui-la. Ella tam-

bem ficava tremula, com as mãos frias. Tomávamos o primeiro automovel e era um verdadeiro frenesi.

Diante da sua absoluta discreção, era forçado a ser discreto. Nunca trocámos uma palavra a proposito do velho director do banco. E a necessidade de contar a minha vida se fazia nulla com o acanhamento que me produzia o seu ar de não querer saber. Uma vez gabei-lhe os olhos. Eram macios e ardentes.

— Herança, meu pequeno.

— Como?

— Eu sou descendente de armenios. Minha avó devia tapar os olhos. Elles ficaram com mais luz e mais doçura. São olhos de serrallo. . .

— Curioso. Por que não me contas a tua vida?

— Porque não vale a pena.

— Mas não perguntas pela minha?

— Para não te aborrecer. Eu sou a tua escrava. Dei-te o meu desejo e o meu coração. Não tenho o direito de perguntar. Estamos assim tão bem. . .

Ella fallava com tanta brandura, as suas mãos de jasmim pousavam tão docemente sobre os meus olhos, que senti uma infinita pena de mim mesmo, e calei-me. . . Sim, de facto, para que falar, para que mentir, quando não men-

tiamos ao nosso desejo? Vivemos assim largo tempo. Se não ia á sua casa e a via na rua — era fatal, sossobravamos na volupia. A's vezes o desejo era tão forte e immediato, que ella entrava em qualquer porta e ali mesmo as nossas bocas se ligavam vorazes — antes de seguirmos para a luxuria ardente dos seus aposentos.

Possuia-me e entregava-se como jámais pensara que fosse possível.

Conservara durante annos a mesma chamma, a mesma maravilhosa chamma. Sem uma intimidade, sem detalhes da vida commum, sem me interrogar, sem chegar a esse momento habitual em que dous amantes são iguaes a duas creaturas communs. Eu a consideraria exasperante, se, talvez por isso — o meu desejo nunca tivesse força de resistir.

Emfim, ha tres mezes tive de ir á Bahia. Ia demorar, pelo menos, trinta dias. Podia dizer-lho. Mas o meu orgulho resistiu. Passei a tarde com ella, aliás, e quando consultei o relógio, ainda esperava uma pergunta, que não veio. Parti. Não escrevi. Não escrevi, posto que pensasse nella. Era o que eu julgava uma vingança. Ao chegar, não resisti e fui vel-a. Recebeu-me a dona da pensão, uma velha franceza.

— Bem dizia madame que o senhor tornaria . . .

— Onde está ella?

— Oito dias depois daquella tarde, ella cahiu doente, muito mal. Esteve assim tres dias. Afinal, os medicos acharam necessario uma operação. Era appendicite. Sahiu daqui para ser operada no Hospital dos Inglezes. Mas antes de sahir, chamou-me. Lembro-me bem das suas palavras, «la pauvre»!

«Madame Angéle, eu vou morrer, sinto que vou morrer. Quando o meu pequeno apparecer, diga-lhe que não fique triste, mas que eu morrerei pensando nelle como o meu unico bem. . . .»

— Então?

— «Pauvre petite!» Morreu na mesa de operações. . . .

— Mas onde a enterraram?

— Não sei, não acompanhei. Talvez perguntando ao Sr. Herbrath. . . .

Desci, quasi a correr, para não mostrar á velha franceza as minhas lagrimas. Todo esse longo, o unico longo amor da minha vida, surgia aos olhos do meu desejo como um sonho. Tinha sido uma illusão, a immensa illusão. E desaparecera, de modo que nem mesmo lhe sentira o amargor, nem mesmo lhe comprehendia o fim, pensando na ultima tarde que fôra a primeira, sempre primeira, sempre nova, sempre a que afasta para depois a tristeza. . . .

Na rua, eu era como o homem que, tendo tido uma entrevista de amor em que amou com

furia — procura encontrar de novo aquella que não teve tempo de conhecer bem, com a ancia dos vinte annos.

O criado de Ernesto entrou neste momento com o café e largos copos de crystal, onde gottejou uma famosa «fine» de 1840. Julio recebeu o copo, virou-o. Se estivessemos em tempo de emoções, a sua historia poderia ter commovido. Mas não estamos. Octaviano é que disse com indifferença:

— Curioso!

— Nunca me pediu nada, nunca lhe dei nada, nunca me perguntou nada, continuou Julio Bento, com a voz surda. O sentimento que conservo por ella é o mesmo: um louco desejo e uma certa humilhação. . .

— Porque tu és da vida commum e ella era o amor, respondeu Alencar. O amor é o desejo acima da vida. Talvez nunca tivesse dito sem o sentir uma tão profunda phrase. Nenhum de nós nascidos e vividos na mentira e na tortura da mulher, comprehenderia essa amante que existiu, como todas as coisas irreaes. Mas, se nos fosse dado comprehender — aos homens como ás mulheres, todos nós invejariamos a tua sorte e o prazer superior dessa suave perfeição. Para conservar o desejo é preciso não mentir, não pedir e não saber. Ella foi a amante idéal, a unica sincera.

Nesse momento o criado voltou a prevenir Bento de que uma senhora estava á sua espera num automovel, a chorar.

— E, a Hortencia! bradou Bento. Nem aqui me deixa! Por Deus, não lhe contem essa aventura. Teria ciumes da morta. E' insupportavel!

E' como todos os homens neste mundo, precipitou-se ancioso para a amante, igual ás outras.



## Historia de amor num jardim...

Deliciosa lembrança a da condessa — aquelle saráu d'estio, com os jardins accesos na luz das lampadas electricas, musicas entre as arvores, e fontes de vinho de Champagne jorrando em pequenas grutas! A' vasta série de salões do palacio afluíam as relações do conde Gomensoro — as relações de quando elle era apenas o corretor Gomensoro e as actuaes em que se manifestava a estima, aliás incredula, pelos seus titulos de conde, principe de Luca, e descendente de Carlos Magno. Havia, pois, muita gente. Mas o enthusiasmo era para o parque, onde os olhos tinham dois maravillamentos: a belleza das arvores e o encanto das mulheres. As arvores, num paiz de luz frenetica, não podem ser comprehendidas durante o dia. A' noite, porém, todo o mysterio feminino que se encerra no fuste dos troncos e nas curvas dos ramos parece acordar da catalepsia diurna. A arvore é mulher. Dá, aconchega, dulcifica, suaviza. Nos seus troncos vivem as amadryades. Ella é a tentação, o enigma, o saber. E nada mais excitante do que as arvores por uma noi-

te de verão, illuminadas pelos fócios de electricidade.

Corriam no ar sussurros de pecado, arripios de luxuria. Era impossivel caminhar sem intenções deliciosas por aquelle jardim em que o sangue verde das folhas se aclarava da luz artificial.

E nesse ambiente, quatro ou cinco rapazes, depois de um copo de Champagne, tão gelada que os cristaes tinham ficado nublados, conversavam. Cyrillo Castro parecia o mais excitado.

— Não estamos nos jardins de Dejanira Flavia Maria, recente condessa Gomensoro! Estamos nos jardins de Armida, estamos no eterno jardim onde desabrocha o amor! Precisamos restabelecer o principio fundamental: a verdadeira conjugação entre os sentimentos da natureza e os sentimentos do civilizado está em uma arvore illuminada por uma lampada electrica. . .

— Criminoso!

— Por que?

— Porque queres dizer coisa que só podemos sentir.

— E não é verdade?

— Rasão de mais para não as dizer. A verdade é um phenomeno desmoralisadissimo. Basta pensar que ninguem acredita na verdade senão para consideral-a mal.

— Que importa? Não ha quadro mais empolgante do que o de mulheres sob as arvores. E' a reconstituição do Paraiso. Apenas as mulheres sob as arvores, sem noções mundanas, — chocam. E as mulheres passeando deliciosamente embebidas de luz artificial — são como o acorde perfeito, a harmonia da belleza inicial expressa para contentamento dos nossos nervos de agora. Eu estou feliz.

— Porque vês as arvores enfeitadas pelos reflexos dos arcos voitaicos e mulheres a passear por ellas em vestes de baile? . . .

— Exactamente.

— Artificial!

— Qanta coisa ha no mundo de que não percebemos o segredo! A mim parece que o instincto da natureza é deixar de o ser. Quem te dirá que as arvores não se sentem alegres transportadas da selva para o meio urbano, cuidadas, preparadas, entrando na vida social, conhecedoras dos segredos mundanos? Já reparaste como as arvores gostam de ouvir musica? Só ouvem musica assim as mulheres. Se não me acreditas, toma um comboio, examina em algum sertão da redondeza o ar contrariado das arvores e vem depois sentir a differença vendo o contentamento das arvores que ouvem musica, assistem á passagem dos automoveis, leem os jornaes e acordam com a luz electrica...

São as arvores que compreendem o luxo, os prazeres da vida . . . D'ahi esse ar, esse grande ar de elegancia provocante, esse ar de pintura e de artificio, com que ellas se sentem, nas cidades, como as mulheres, ornamentos caros da existencia.

— Estás realmente ardente !

— Defendo o principio fundamental que explica aliás o meu conhecido axioma : a honestidade é proporcional á civilisação.

— Cyrillo, aqui, no jardim da condessa Dejanira ?

— Exactamente. As arvores são honestas. O parque é o registro civil da arvore. E as mulheres, desde que estão decotadas num jardim fechado, isto é, em persa: paraíso, além de serem mais tentadoras são muito mais honestas. Não riam. Perguntem a opinião de Jorge de Aguiar . . .

Jorge de Aguiar accendera um «abdoula». Soprou a fumaça para o alto, sorriu:

— De facto, o Cyrillo tem razão. E eu explico: a mulher, á proporção que se eleva na escala social, vai ficando um pouco mais consciente. E' um animalzinho com a idéa das responsabilidades no alto mundo; é o animalzinho instinctivo guiado pela fatalidade e á mercê de todas as tentações no mundo inferior.

Houve um protesto risonho contra o advogado. Era de força! Trazia a defender-lhe os paradoxos um mysogino, um Euripedes de salão sem tragedias! Mas Jorge estava victorioso.

— Digam-me cá. Todos vocês têm o ideal de tomar a esposa de algum cavalheiro da nossa roda? Conseguiram sempre? Conseguiram a maioria das vezes? sejam francos! E, entretanto, a nenhum de vocês resistiria ou resistiu a criada de quarto.

— Oh!

— Neste exemplo ainda ha o irresistivel effeito que sobre a mulher inculta produz o homem afeminado, bem vestido e de mãos macias. Mas se vocês deixassem as recepções de Botafogo, a rodinha fatal e «snob», veriam por ahi abaixo uma despreocupação tão grande em ceder, que só com oito dias de passeios teriam anedoctas no genero de algumas de Brantome, e um volume de contos verdadeiramente macabro para o nosso meio. Entretanto, se o Cyrillo arrastou-nos assim á psychologia, é preciso accentuar que, se a mulher é tanto mais honesta quanto mais civilizada, pela noção da responsabilidade, nas classes inferiores, por menos difficil que seja, é sempre muito mais ingenua. Umas são honestas de corpo; outras são virgens da alma, como os animaes. E desconhecem-se...

Jorge dissera aquillo com tanta melancolia, elle em geral tão frio, que logo o secretario de legação accentuou:

— Alguma recordação?

— De duas infelizes. . .

O prazer que os homens têm em saber a historia das mulheres infelizes é evidente. Sente-se o consolo na face dos mais lyricos, quando exclamam: que martyr! Logo os daquella roda, mesmo Cyrillo, esqueceram as preoccupações da noite, para saber a historia.

— Conte lá você esse duplo drama de amor!

— E' apenas uma anedocta para mostrar como o destino contraria as vocações e como ellas se desconhecem. . . Ha dez annos, era ainda estudante, vi na estação dos bonds de Santa Thereza duas meninas com um pequenote. Ellas riam excitadas e o pequeno estava carrancudo. Eram nove da noite de um domingo. Gostei de uma dellas. Morena, forte, dois labios carnudos e vermelhos, uma trança selvagem e negra, a pelle de pecego. E ampla, roliça, rindo com um riso tentador de bacchante, os olhos semi-cerrados. A outra era flexivel, clara, de cabellos ralos. . .

— Lia a segundo o Evangelho e a primeira o «Assomoir» de Zola, como nos versos de Luiz Guimarães?

Jorge sorriu.

— Se o Sr. diplomata interrompe outra vez, páro. Mas não. Ellas deviam ler pouco, se é que liam outra cousa além das cartas amorosas. Fui no mesmo bond, no mesmo banco, paguei-lhes a passagem, conversei, peguei na mão da que era deliciosa, e levei-as até perto de casa. Chama-vam-se Amaryllis e Honorina. No dia seguinte tomei informações. Eram filhas de um pequeno negociante meio arruinado, cuja mulher estava idiota, após um ataque de cabeça. Sahiam com o irmão para passear no Passeio Publico; e a visinhança, a atrás visinhança de Santa Thereza, dizia dellas horroses verdadeiros. Varios estudantes, como eu, já por ali tinham passado. Os namorados eram ás pencas. Amaryllis, até um hespanhol, criado de hotel, fizera entrar no jardim da casa. A perdição, simplesmente a perdição. Tolo seria se não aproveitasse. Aproveitei. Menos do que esperava e que outros diziam ter gosado, mas aproveitei. Dous dias depois levava commigo o Bento Fonseca, o eterno namorador, e dava-lhe a Honorina. Esperavamos as duas numa esquina, enchiamos de moedas e de presentes o terrivel irmão, e sahiamos a passear, ora correndo, ora de vagar, em extase. Que inesqueciveis noites! Amaryllis vinha com os vestidos de cassa lavados, cobrindo de leve o seu corpo moço, e entregava a boca aos beijos com uma gula de enlouquecer. Ver-

dade é que dentro em pouco tivemos que sustentar, como o homem primitivo, a luta com os nossos rivaes, tirando revólveres e vibrando bengaladas. E depois de taes scenas, o ciume rugia:

— Tu ainda tinhas dois!

— Que importa! Você só tem a mim?

E ria perdidamente. Uma vez estávamos a descansar, e a fazer projectos. A Honorina, que enfasiava o Bento, disse:

— Vocês sabem? os homens não me agradam tal qual são. Eu queria ser freira.

— A doida, gargalhava Amaryllis, a doida! Quer ser freira! Pois eu queria ser como essas raparigas que têm uma porção. Estou esperando só casar ou ficar maior!

O facto é que essas duas meninas eram virgens, e diziam taes cousas! Como não aproveitar até o ponto em que não houvesse responsabilidade perante a policia? Seguimos assim dous longos e perdidos mezes de amor. Um bello dia, porém, estávamos numa ponta do morro, ao luar, inteiramente loucos, quando o irmão pequeno appareceu com o pai, armado de um páo. Bento precipitou-se. Eu tambem. E viemos rolando o morro, por caminhos horrendos, até vir dar na rua D. Luiza, sem saber como.

— Não volto nunca mais! bradava o Bento.

— Foste tu o covarde!

— Não, não quero historias.

No outro dia voltei eu só a inspeccionar. Não vi ninguém. Oito dias de frio fiz sentinella em vão. Ao cabo desse tempo falhei uma vez, e naturalmente deixei de lá ir. Estava terminada a aventura. Alguns mezes depois, quando encontrei Amaryllis no Passeio, ella ia com outro — o que não me causou a menor perturbação.

Mas os annos passaram e um bello dia, abrindo os jornaes, li uma noticia de suicidio dolorosa. Honorina — porque era ella e o jornal dava-lhe os signaes, a filiação, o numero da casa, a photographia — suicidara-se embebendo as roupas em kerozene, apaixonada por um soldado de policia. Ficara irreconhecivel e só horas depois a tinham encontrado morta, porque não soltara um gemido. A pequena que queria ir para um convento suicidava-se dessa maneira atrás! Lembrei-me da outra, indaguei. Casara, havia dous mezes, com um rapaz do commercio, obrigado pela policia, depois do desastre. Pobre homem! suspirei. E logo não mais lembrei essa deliciosa Amaryllis de um vellutineo pecego, que entregava a boca, com o desejo das baccchantes... Uma dessas madrugadas, porém, sahia de um club de jogo, quando percebi que a figura de uma mulher em cabello escondia-se por entre os automoveis, ao ver-me. Precipitei-me. Era ella. Mas outra, inteiramente outra,

magra, murcha, os olhos lindos molhados de lagrimas, o corpo mettido num horrivel casacão. Não me deu tempo para fallar. Indagou:

— Jorge, viste-o por ahi?

— Quem?

— Meu marido.

— Não o conheço.

— E' um rapaz bonito, alto, o Arthur...

— Vieste procural-o?

— Sim Jorge, sim. Sou uma infeliz! Estou aqui ha duas horas. Elle deixa-me, abandona a casa, vem com as mulheres... Ai Jorge, que dor, que dor! Não gosta mais de mim. Se tu soubesses! Ha mais de dois annos que faz assim. E bate-me, bate-me sem razão. Ando toda a noite a ver se o encontro para o levar commigo e tenho medo, muito medo...

O seu corpo tremia aos soluços convulsivos. Mettia dó. Segurei-a pelo braço.

— Vamos daqui. Vou metter-te num carro, mandar-te para casa.

— Não! Não!

— Se elle te vê, zanga-se.

Ella accedeu chorando, baixinho. Mettia-a num immundo trem de aluguel, tomei-lhe a mão, beijei-a.

— Então? E os desejos, os desejos antigos de ser como as que estão lá dentro?

— Não, Jorge, só delle, de meu marido. Eu

não teria coragem. . . Prefiro a morte — porque é só delle que eu gosto, só delle, só delle, só delle!

E cahiu nas almofadas, chorando. Deixei a sem mais uma palavra. E' amargo, meus queridos, amargo. . . Por mais que queiramos entender as mulheres, isso sempre será impossivel, porque nem mesmo ellas se comprehendem. . .

— As de classe inferior, insistiu Cyrillo, porque as civilizadas são na maioria honestas.

Neste momento appareceu junto ao grupo o conde Gomensoro. Abriu os braços, exclamou:

— Dr. Cyrillo por quem é! O Sr. a conversar e minha mulher á sua espera para o «cotillon»!

Então o diplomata curvou-se para Cyrillo com maldade:

— A condessa Dejanira tambem?

— Tambem ! affirmou Cyrillo meio nervoso. Estamos num jardim, Estamos no paraizo. E' natural que ella peça explicações sobre a revelação das arvores. Porque afinal este mundo não passa do mesmo jardim onde Eva multiplicada deseja o nosso sacrificio, seja para comer o fruto ou seja para marcar o «cotillon»!



## A aventura de Rozendo Moura

Na rua era um fragor. As casas pareciam abaladas pelo barulho dos tambores, das cornetas, dos bombos, da vozearia infernal. Rozendo Moura, muito mal disposto, estava a vestir-se. No seu encantador gabinete de laca branca com estofo côr de rosa e uma infinidade de objectos de christal e marfim por sobre os móveis, nós insistiamos.

— Não me deixarão vocês?

— Rozendo! Uma terça feira de carnaval!

— Mas chove. . .

— Tanto melhor. A Bertha Worms esperanos!

— Essa mulher desagrada-me. . .

— Não ha mulheres desagradaveis. As mulheres contentam-se com ser, como dizia o dramaturgo — a razão e o impedimento de todas as nossas obras. . .

— Pois eu julgo-as portadoras da fatalidade e nós, mesmo contra a vontade, as placas sensiveis dessas correntes de Mysterio.

— A Bertha dá então azar?

— A mim, pelo menos. Explico o meu caso,

Pode dar sorte a outros. Commigo, ha mulheres que, aproximadas, são motivo de prosperidade. Outras baralham-me a vida, por mais que me amem. Tenho de brigar a murros com desconhecidos, negocios quasi realizados periclitam, a saude fenece. . . Assim deve ser com vocês, com todos os homens. Infelizmente não sou excepcional. Ha de resto uma especie de mulheres peor — a que age sobre os homens como allucinação, fazendo-os participar da propria desgraça. Dessas, quem escapa uma vez, não torna. . .

— Fetiche!

— E' que vocês nunca se lembram da mulher que os acompanha. . .

— A mulher fatal?

— Todas são fataes.

Houve uma pausa breve, emquanto Rozendo Moura dava o laço da gravata, deante do espelho.

— O' Rozendo, já escapaste de alguma? indagou Jacques Cyro, um prodigio de scepticismo, porque tinha apenas vinte annos.

— Já. Olha. O carnaval faz-me lembrar a mais horrenda semana da minha vida, a semana em que eu participei integralmente da horrivel fatalidade. . .

Nesse momento, o rumor vindo da rua tornou-se tão grande, que tivemos de ir á janella.

Chovia a cantaros. Mas, em baixo, a multidão delirava. Eram gritos, uivos, gargalhadas, assobios, guinchos de cornetins, rufos de tambores, sacolejos de adufes, estalos de pratos. E os sons agoniantes dos bombos bombardeando as fachadas... Rozendo recolheu com desgosto, atirou-se no divan.

— Não, positivamente não vou!...

— Recordaste a semana horrivel? tornou Jacques Cyro.

— Sim. E tanto mais atrás, quanto até hoje não comprehendo como e porque agi nesses oito dias. Foi ha cinco annos e por mais que pense, não explico. Macabro. Mysteroso. Assustador. Recorda-se você da Corina Gomes, uma rapariguita brasileira, que frequentava os clubs?

— Ha cinco annos, Rozendo? Não ha memoria que alcance uma rapariguita brasileira a cinco annos de distancia. Depois eu estava na Europa...

— Felizardo!

— Infeliz, porque voltei...

— Pois a Corina era magra, livida, tomava cocaina. Eu achava-a antipathica. Nunca trocamos senão monosyllabas, o instincto dizia-me que essa mulher seria a desagradavel aventura da minha vida. Como? Não sabia!

Ora, numa terça antes do carnaval, com a agitação da cidade, habitual em taes dias, sen-

tia-me inquieto, indeciso, nervoso. Desejava voltar a casa e queria aborrecidamente beber champagne e ouvir gritos no club — onde se annunciava uma ululante *redoute*. A' porta do club ainda hesitei. Ia acontecer-me qualquer coisa de desagradavel. Com certeza. Sem ter inimigos, apalpei o revólver no bolso da calça. Ha desses instantes de polarisação nervosa em que vagamente sentimos o que está no ar e vem... Veiu. Veiu como os ciclones. Ainda no vestiario senti uma voz d'agonia :

— Leve-me daqui já ou estou perdida ! Pela sua honra . . .

Voltei-me. Era um dominó.

— Que brincadeira é essa ?

— Por piedade ! Não posso falar aqui. Escute, venha cá . . .

Fragil, a sua força nervosa era tão intensa, que quasi me arrastava para a rua.

— Você está doida, mulher ?

— Pelo amor de Deus ! Só a sua companhia até mais abaixo, Rozendo . . .

— Conhece-me ?

— Sim, sim. Salve-me de morrer !

— Mas quer comprometter-me ?

— Não. Quero a sua presença contra um covarde !

Na rua um taximetro rodava vasio. Ella precipitou-se.

— Mande tocar já, já — para onde quizer...

Olhei em redor. Não havia ninguem suspeito. Tratava-se por consequencia de uma aventura sem consequencias. Ella entregava-se, indo onde eu quizesse... Curvei-me para o motorista e, quasi em segredo, dei-lhe uma direcção vaga. Porque? Até hoje não sei. Quando me voltei, o automovel em marcha, o dominó levantou a mascara. Era Corina Gomes, os beiços tremulos, livida...

— Você? bradei colerico.

— A desgraça da minha vida! Não gosta de mim, bem sei. Mas não se trata de amor, Rozendo! Só o sr. poderá salvar-me.

— Eu?

— Ha trez annos supporto as torturas de um monstro. Tudo quanto ganho é delle. Quando vou do club toma-me o dinheiro. Depois fecha o quarto todo, abre varios frascos d'ether, põe-me inteiramente núa, prende-me os cabellos á gaveta da commoda, e goza naquella atmosphera desvairante, gotejando sobre mim ether. Oh! não imagina! não imagina! Cada gota que cae dá-me um arripio. Ao cabo de certo tempo é uma sensação de queimadura, queimadura de gelo até á insensibilidade... Hontem, não foi possivel toleral-o mais. Protestei, gritei, contei tudo á gente da pensão. Dois homens que lá estavam puzeram-no na rua a ponta-pés. Elle

voltou. Não o recebi. Deu então para perseguir-me. Jurou que me matava. Ando a fugir. Vejo-o por todos os lados. E' certo que me matará. . .

— E você incomodar-me por uma tolice dessas! Faça as pazes.

— E' tarde. Não tenho coragem. Antes de ouvir-me, mata-me. Tenho a certeza. Os meus dias estão contados. Conheço-o.

Disse aquellas palavras com tal segurança, que não hesitei um segundo. Tambem eu tinha a certeza da fatalidade que vence todos os obstaculos, tambem eu via aquella creatura morta. . .

— Mas que fazer?

— Se pudesse esconder-me uns dias, dar-me depois uma passagem? E' inutil, porque elle acabará por encontrar-me. Mas eu tenho medo, muito medo. Falta-me a coragem de morrer, Rozendo!

Devia ter levado Corina á policia, denunciado o monstro. E, livre de responsabilidades, ir dormir em seguida. Assim faria um homem de bem no uso das suas faculdades.

— Sabe onde está elle?

— Por ahi. Procura-me. . .

De repente senti que tinha odio a Corina, com vontade de defendel-a. Perdera a noção do real, sabendo que a perdera. Era desejo de aniquilar o desconhecido e o medo vago desse enorme e vago desconhecido. Não disse que a de-

fenderia. Levei-a para um quarto d'hotel em rua escura com a resolução de embarcal-a no dia seguinte, ainda não sabia como. No hotel, Corina tremia tanto, quando tentei deixal-a, que fiquei. Dormimos um ao lado do outro, sem uma caricia — ella a delirar com medo; eu, olhando a treva e maldizendo a aventura. E no dia seguinte verifiquei apenas o seguinte: perdera insensivelmente metade da energia. Como essas creaturas na imminencia do desastre. Como os criminosos com medo á policia. Andei dois dias assim, desconfiado, fraco, aterrado, sem agir. Corina não deixava o quarto, sem dizer palavra. Eu sentia que era preciso salvar-a, para salvar-me. Inexplicavel estado d'alma! Na sexta resolvi terminar, vendo os annuncios dos vapores.

— Embarcas ámanhã para a Europa!

Corina despregou-se das persianas, onde passava o dia a espreitar a rua.

— Não é possivel. Elle já descobriu.

— Como?

— Vi-o ainda ha pouco alli em frente.

— Mas estás louca!

— Não me deixe só, Rozendo! Elle mata-me.

Chamei o creado, com uma subita intenção do perigo. Interroguei-o. Havia algum hospede novo? Havia. Um homem louro, pallido, que alugára o quarto do outro corredor, e estivera

a ler a lista dos hospedes... Corina caíra sobre o leito. Os seus dentes batiam como se estivesse desabrigada, entre neves. Fiz um esforço:

— Esse homem já recolheu?

— Ha pouco.

Era uma lucta, devia ser uma lucta, secreta e atrós, na sombra. Mandeí buscar um automovel. Consegui dominar o terror de Corina para que ella ao menos caminhasse. Saímos naturalmente, como quem vae a passeio. No meio do caminho trocámos de automovel. Eu tremia de raiva.

— A culpa é tua! Tu é que o fazes vir, sempre a pensar nelle!

— E' sim, Rozendo. Sinto que elle vem e não posso, não posso, não posso...

— Acabo com isso eu! Vamos dormir em qualquer hospedaria e amanhã dou queixa á policia...

Assim fiz. O delegado prometteu tomar providencias, mandando dois agentes para o hotel onde estavamos. Mas, ao sair da policia, comprehendi claramente que «elle» sabia da minha resolução. «Elle» sim, o homem que eu desconhecia, com o qual a fatalidade me punha em conflicto, o homem de que a Corina devia ser victima. Essa creatura já de certo sabia, e ria com desprezo. Eu não precisava tel-o visto

para ter a certeza do seu conhecimento. . . Foi um pensador melancólico que escreveu: «não é só no céu e na terra, é principalmente em nós mesmos que ha mais coisas do que podem conter todas as philosophias». Não sei explicar o mysterio d'aquellas correntes de sentimentos que chocavam. Tinha a certeza, porém. E era horrivel, era angustioso! Tornei a mudar de hotel e não tive mais coragem de deixar só Corina. Fazia-me reflexo sensível daquella fatalidade feita mulher. Ella aos poucos desdobrava-se em mim. E como só pensava no seu algoz — naquelle a quem o Destino lhe entregara a vida — eu tambem só pensava nelle. Passavamos horas a ouvir o rumor dos corredores. Onde estaria elle? Onde? De certo perto. Talvez, á nossa porta, espreitando. . .

O meu delirio tinha entretanto intervallos de relativa lucidez. Domingo de carnaval perdi de subito o medo.

— Corina, achei uma solução para o nosso caso.

— Qual? fez ella.

— Vamos aproveitar o carnaval. Não se pode contar com a policia. «Elle» ainda não apanhou a nossa pista. O essencial é pôr-te a andar, antes que de novo a descubra! E encontrei-me a planejar alto: Visto-me de qualquer coisa e saio. Vou até a casa, enfio o dominó e

venho buscar-te. Sairemos pela porta dos fundos. Faço melhor. O meu creado tem uma rapariga mais ou menos com o teu corpo. Mando-os esperar em qualquer casa de mascaras. Lá elles enfiarão as nossas fantasias e virão para este quarto, enquanto nós estaremos livres para tomar o nocturno de S. Paulo. Ha quarta feira em Santos um transatlantico para Buenos Aires e Valparaiso. Se o homem não estiver no vapor, estarás livre. . .

— Achas?

— E' certo.

Sahi a executar o plano. Executei-o exactamente. Na casa de mascaras, Corina pôz uma travesseirinha nas costas, armou uns seios muito grandes, amarrou com o lenço o rosto e collocou por cima uma espessa mascara de arame. Eu fiz um grande ventre sob o dominó e sahi claudicando. Tudo isso, notem vocês, faziamos sem ver nada anormal, sem a certeza senão vaga de que elle nos estivesse acompanhando. . .

Após, conseguimos um taximetro. Estavamos prestes a dizer:

— Emfim, logrado!

Mas, curioso. Durante as duas horas em que rolámos por avenidas meio desertas nesse automovel fechado a fazer horas para apanhar o comboio, não trocámos uma palavra. Era o grande momento decisivo. Corina apertava a

minha mão, de vez em emquando, tremendo. Apenas. Eu sentia que o seu medo voltava aos poucos a desequilibrar-me. Passavamos pela cidade em delirio, sem dar por isso. O nosso delirio era maior.

Quando chegámos á Central a confusão urbana tocava o auge. O grande hall da estação cheio de luz electrica, a turba, os «cordões» com archotes a zabumbar, as dansas, os gritos, as luctas de lança-perfumes e dos *confetti*, o risco colorido das serpentinas... Mettemo-nos por alli dentro para tomar o vagon. E de repente, os dois, no mesmo instante, vimos que estavamos perdidos.

Como explicar essa impressão extra-lucida?

Fóra caia um temporal desabrido. A estação estava atulhada. Homens suados, bandos alagados, mascaras, passavam numa allucinação como galvanizados pela luz electrica. Ninguem reparava em nós, ninguem de certo, ninguem, ninguem. E entretanto nós sentiamos que o perigo se approximava seguro, com passo firme. Onde estava elle? Era o homem do ether, o homem cuja physionomia eu nem mesmo conhecia, elle com a sua cara, ou com uma mascara. E olhava-nos, e estava alli, e reconhecera-nos. Sim.

Devia estar, devia ter reconhecido. Que fazer? Que fazer? A vertigem apoderava-se de

nós. Aquella mulher era de certo o polo negativo a chamar mysteriosamente, a attrahir o horrendo ser. Elle advinhava por uma revelação telepathica. Sei lá! Sei lá! O facto é que Corina apoiou o corpo no meu braço:

— E' o fim!

— Anda para frente, estafermo! rouquejei furioso.

— Não partimos mais, Rozendo.

— Partimos sim!

— Elle está no apeadeiro, sinto-o!

— Prendemol-o!

— Elle vae tomar o trem comnosco. Elle mata-me em viagem!

— Miseravel, caminha ou largo-te!

— Voltemos, Rozendo. Ainda é possível escapar, se apanharmos ahi um automovel. . .

— Agora?

— Sim! Sim!

— Agora? repetia eu correndo, como deante do inexoravel Destino. E não havia mascara ou cara suspeita!

Na praça deserta — faltavam as conduções. Só, ao longe, rebrilhavam as lanternas de um carro. Ella deitou a correr. Segui-a, olhando para traz. Ao chegarmos á beira do carro, um *landau* fechado, estavamos completamente alagados. A chuva redobrava.

— Para onde?

— Ande!

— E' vinte mil réis a corrida.

— Seja cem! Depressa!

— Para onde?

— Para onde quizer!

O trem tomou o caminho do lado da Casa da Moeda.

— Vamos á delegacia, Rozendo?

— Queres?

— Se ainda for tempo!

Convencido de que não seria possível lutar só contra o horror invisível, gritei ao cocheiro:

— Policia Central! A toda...

O carro, porém, parara.

— Que ha?

— Raios o partam! Rebentaram as correias das bestas.

— Hein?

— Dos dois lados. Caiporismo!

— E agora?

— E' esperar aqui, até que passe outro carro. Não posso guiar assim.

— Meu Deus!

Era no pedaço mais deserto da rua. Saltei para ver. As correias gastas tinham arreventado naturalmente. Estavamos nas mãos do Destino. Só havia um alvitre: Correr até a esquina, onde passavam bondes, onde havia movimento... Era o meio de escapar, e eu escapa-

ria para sempre, porque no dia seguinte não me metteria mais á guarda daquella creatura.

— Vamos?

— Rozendo...

— Anda...

— Si tem de ser? fez ella. Tens razão.

Desceu, corremos os dois sob o temporal pelo meio da rua escura uns cinco metros, uns dez metros. Sei que ouvi um psio e voltei-me, enquanto ella estacava. Sei que vi um sujeito que vinha para nós, talvez o cocheiro. Sei que o sujeito avançou para Corina com uma pequena mascara de chorão, ergueu o braço, e passou a mão pelos seios falsos da rapariga. Ia gritar. Deu-me um pescoção. Rolei na lama. Elle segurava-a já, riscando-lhe o dominó com uma navalha.

De subito ella deu um grito agudo. O unico. Pareceu-me que desmaiara. Nas mãos do mascara lembrava um manequim. O homem em furia continuava a brandir a navalha contra os enchimentos dos seios. Afinal atirou-se á mascara. Era de arame. O fio da arma rompeu-se no tecido espesso. Ouvi. Ouvi os triços gaspeados da lamina no tecido d'aramé. Ergui-me de um pulo, saquei do revólver, detonei aos berros:

— Assassino! assassino!

O typo arrancava as roupas, a mascara da desgraçada. Eu continuava a detonar e a gri-

tar. Gente corria. Vi cair o capuz á Corina, o assassino agarral-a pelos cabellos, afundar-lhe a navalha no pescoço e deixal-a tombar num jacto de sangue. A scena talvez tivesse durado dois minutos. Para mim foi longa como um seculo, rapida como um raio. De revólver em punho, fantasiado, meio estrangulado pelos cordões da mascara, eu delirava, presa de uma febre cerebral. . . Estive entre a vida e a morte, dois mezes. . . E quando os medicos me declararam fora de perigo, tive a sensação absoluta do desastre de que escapara. Ella agira como os cyclones, que, embora destinados a um certo sitio, desarvoram, matam, estragam o que se agita no limite da sua acção destruidora. Aquella creatura fora o cyclone. Longe della ainda lhe soffrera a força fatal. Não morrera, mas estava desarvorado, como os barcos apanhados pela tromba terrivel. E desde então, respeito muito essas coisas inexplicaveis que as mulheres representam. A semana de Corina fez-me comprehender o horror do enigma dramatico da vida. . . .

Rozendo Moura reclinou-se inteiramente no divan. Tinha a fronte banhada em suor. Amigos desse excellente rapaz, nós ouviamos a anedota e os commentarios com paciencia e sem prestar muita attenção. Jacques Cyro, o joven sceptico, estava ainda na idade em que se toma

interesse pelas historias alheias. A's divagações de Rozendo, insistiu :

— E a Corina, morreu ?

— E' verdade, a Fatalidade desapareceu ? sorriu outro.

— Não, fez Rozendo. Não estaria no meu principio de que as mulheres são agentes do Destino, contra ou a favor de certos individuos. Ella parecia a victima do tal assassino. No fundo a victima foi elle. Elle é que devia desaparecer para libertar-se. . .

— Rozendo !

— A propria opinião inconsciente dessa rapariga. Nem elle nem ella morreram. Elle foi condemnado a vinte annos de prisão. O advogado tem appellado. Ella, com o pescoço costurado, a cara cheia de talhos, mais magra, mais livida, vive numa hospedaria das proximidades da Detenção. Todo o dinheiro que arranja é para elle, para o seu antigo, para o seu assassino. Amam-se profundamente. Ella, porque sendo a expressão viva da fatalidade do pobre homem, não o deixará emquanto fôr possivel fazer-lhe mal. Elle, porque ninguem foge á sua mulher, isto é, ao seu Destino. . . Outro dia encontrei Corina. Não a vira desde a noite tragica. Foi ella quem me falou. E, contando-me o seu amor, a sinceridade do «pobresinho», exclamou : «Tudo por sua causa, Rozendo. Se não

fosse o seu medo e a mania de metter-se na vida dos outros, o meu Roberto não estaria dosgraçado».

Decididamente, meus amigos, as mulheres !...

— Não valem o tempo que aqui perdemos, sentenciou grave Jacques Cyro.

— Vão vocês pois ao divertimento. Eu fico com medo á chuva e ás rajadas do Destino, que são as inexoraveis mulheres. . .

E Rozendo Moura ergueu-se, foi até ao espelho desmanchar o laço da gravata. Estava só. Todos nós já descíamos as escadas. Corriamos ás aventuras provaveis do baile de mascaras. O carnaval, sob a chuva, sacudia as urtigas dos desejos. Não era por consequencia momento de reflectir sobre as philosophias talvez verdadeiras de Rozendo. O mundo não seria o mundo, se fosse possivel a qualquer humano evitar o que tem de ser. . .



## A Fada das Perolas

—Não pões o cheiro que ella te deu?

—Qual! Aquillo é só passar, antes do theatro.

—Olha a tua dôr na costella. . .

Seraphim olhou em derredor. Estava com toda a familia: a sogra a um canto a costurar, inteiramente surda, os quatro filhos, a Guiomar já com seis annos, o Jorge, o Pedro, o Antonio, e, deante d'elle, carinhosamente, a mulher, a Joanna, morena, magra, o peito chato, dois grandes olhos ardentes. Talvez não explicasse a razão de seu contentamento, e de certo não procuraria as causas da alegria. Mas estava contente. Deu um tapa á face da petiza, riu grosso, e saiu a bambolear-se. Joanna fechou a porta, abriu a rotula e ficou a olhal-o. Havia no seu olhar orgulho do homem e uma certa inquietação. . .

Seraphim dos Araujos era de Maia, nos arredores do Porto. O pae, lavrador, dera-lhe o officio de carpinteiro. Aos desoito annos elle já trabalhava pela arte numa carpintaria da rua Cedofeita. Era forte, musculoso, retacado, de um

moreno macio, a boca vermelha e sã, o cabello anelado sobre a testa. E bom, timido, ingenuo— uma creança crescida. As mulheres gostavam delle. Seraphim, porém, não se atirava. Deixava-se levar. Nunca procurou, mas não resistia. A Joanna, mais velha quatro annos, magra, com o peito chato, era sopeira na casa de um commendador brasileiro. Tomara-se de uma grande paixão por elle e conquistara-o. Queria-o como a um filho, desejava-o como uma esfomeada, respeitava-o como um deus. Seraphim teve de consentir. Aquella dedicação envaidecia-o. Na sua simplicidade a belleza da mulher era de somenos importancia. A sua sensualidade fazia-o um egoista bom.

Joanna deixou a casa do commendador quando o pae de Seraphim morria, legando ao filho a herança de uns centos de mil réis. Ella cuidava da casa, cuidava delle, firme a seu lado, fazendo-se indispensavel. Quando o dinheiro estava para acabar nem Seraphim pensava em deixar a mulher nem Joanna julgava possivel largar-se algum dia daquella paixão. Chegaram por esse tempo cartas do Brasil em que um camarada, o Juca da Olaria, noticiava que como carpinteiro se fazia fortuna no Rio. A Guiomar já nascera. A viagem decidiu-se com rapidez.

Tomaram a prôa de um navio inglez em Lisboa, com dinheiro emprestado, e no Rio a vida

correra sem tropeço, tanto que um anno depois, em vez de morarem na estalagem, alugaram aquella casinha terrea em frente ao morro do Senado. A mãe costurava. Seraphim era da officina para casa, da casa para a officina. Ella que todos os annos punha um garoto no mundo, lavava e engomava para fóra.

Que bom era Seraphim! De vez em quando uma taponna para animar. Mas nada de mulheres, esbornias.

Foi por esse tempo que Seraphim, após a janta, certo dia, dando milho ás gallinhas em camisa de meia, disse á Joanna:

—Sabes que talvez entre p'ro theatro?

Joanna tinha uma noção espessamente escura do que vinha a ser theatro. Indagou, com espanto:

—Pr'o theatro?

—Sim. O Juca da Olaria ganha á noite como carpinteiro no Recreio, cinco mil réis.

—Então ha carpinteiros no theatro?

—São os que movem as scenas, pregam os palacios, arranjam as historias. O Juca esteve a explicar-me. São cinco mil réis mais. Que achas?

Joanna ficou a pensar.

—Não deixas a officina?

—Estás louca! A officina é o pão; o theatro o achego.

—E podes mesmo arranjar?

—Pois se te digo.

A mulher sorriu. Era o seu homem a ganhar mais, numa posição que ella não imaginara, e por isso mesmo mysteriosa e importante.

—Olha se agentas!

—Eu cá sou de ferro. Vaes ver se aguento!

Riu forte no orgulho dos biceps enormes, do peito de lutador, a face morena coroadada dos cabellos negros em cachos. Era uma convicção tal de saude, de força bella, que Joanna sentiu aquelle mesmo impeto de fervor.

—Pois entra, homem!

Seraphim, no dia seguinte, saiu ás sete da noite. Mal tivera tempo de descançar da officina que fechava ás seis. Ella esperou-o acordada. Uma grande curiosidade a inquietava. Queria saber como era o tal do theatro. Seraphim, importante, com o olhar aceso, deu pormenores.

—O trabalho é duro. Tem que se armar as scenas em dez minutos. E as apotheoses, então?

Ella ouvia-o sem comprehender, julgando-o por isso mesmo maior.

—E sympathisaram contigo?

—Todos! Até o empresario, um velho, perguntou o meu nome.

—Este Seraphim é das Arabias...

Seraphim estimava que o considerassem bem. A sympathia vinha daquella saude bruta e alegre.

—Vamos dormir, sora Joanna. Cá tenho os cinco.

Passaram-se dias assim. Ella esperava-o acordada para ouvir as historias desse outro mundo de que o seu senhor fazia parte. Elle contava. A's vezes mentiras. Para pol-a tonta. Só uma coisa era verdadeira: a sympathia com que fôra recebido. E como as visinhas estavam intrigadas, Joanna explicava:

—O meu Seraphim agora é do theatro. Coitado! Não descança. Tambem ganha cinco mil réis por noite!

Afinal sofria de o não ter junto de si e sentia muito somno, pois tinha de acordar cedo para o tanque de lavar roupa. No primeiro domingo, como houvesse matinée, Seraphim appareceu um instante só para jantar, e ella, depois de apromtar as creanças para brincar na calçada, só na sala que a noite escurecia, cantando baixinho uma trova qualquer, pensou que ia chorar. A tudo porém nos habituamos. A vida é assim. Depois, Seraphim estava tão satisfeito! Não o esperou mais. Deitava-se cedo, não o via entrar. Quando acordava parecia-lhe impossivel que tivesse assim procedido. E o Seraphim com o trabalho da noite dava para não querer acordar.

Ella tinha com muita pena de o despertar de vagar, alisando-lhe a cabeça.

—Seraphim, tem paciencia, olha a officina...

Um dia elle recusou pôr-se a pé.

—Tambem um pobre de Christo não pode dormir um dia. Que se fomentem! . . .

Ella temia pelo emprego do homem, mas que prazer sabel-o ali, em casa, descançando! Preparou-lhe um bom almoço; ia de vez em quando, pé ante pé, vel-o respirar, de braços sobre a travesseira gozando o somninho.

—Que lhe saiba como aos anjos, coitado!

Certa vez elle appareceu com um vale do theatro para leval-a á matinée. A's 11 da manhã já os pequenos e a velha estavam preparados. Ella pôz o vestido azul, a corrente de oiro fino. Almoçaram á pressa. No theatro, Joanna viu como gostavam de Seraphim. Sujeitos paravam o Seraphim, conversavam, outros diziam-lhe adeus. Alguns admiravam-se que um rapaz de apparencia tão moço, já tivesse quatro filhos.

—Pois o meu Seraphim é mesmo capaz. Tem só vinte e seis, não, Seraphim?

—Vou para os vinte e sete lá pelo S. João...

Depois Seraphim desapareceu. Ellas estavam na platéa, ao fundo, nas cadeiras de segunda. Joanna admirava a magica como se fosse a obra só do seu homem. A magica era bonita. Havia certo diabo horrivel contra um par de

namorados. Mas a *Fada das Perolas* venciu o diabo. A fada parecia linda. Joanna era pela fada. Quando a magica terminou, ficaram no terraço, á espera do carpinteiro, que só muito tempo depois appareceu. Iam todos sair, e n'isso, com um enorme chapéu de plumas, cheia de brilhantes, Joanna viu apparecer a *Fada das Perolas*. Appareceu e indagou amavel:

—Araujo, são seus filhos?

—Sim, sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo.

—E sua mulher?

—Sim, minha senhora.

A *Fada das Perolas* fez festa aos petizes, abaixou-se para pegar o Pedro, abriu a bolsa, tirou uma cedula, mettu-a na mão da creança.

—Que flôr! Gosto muito dos garotos.

Depois, rindo:

—O' Araujo, mande sua mulher visitar-me com o pimpolho. Sabe v. que seu marido é muito bemquisto por cá? E' um latagão! Parabens.

Não deu tempo á resposta. Uma carruagem esperava-a. Metteu-se nella, atirou com os dedos em pinha um beijo ao pequeno, e partiu ao trote largo da parelha.

—Logo vi que a Fada era bôa! reflectiu Rosa, a velha surda.

—Tem luxo! E como gosta de Seraphim!

—E' para veres... fez elle meio enleiado. Havia em torno alguns rapazes do theatro,

que sorriam galhofeiramente. Seraphim rodou com os seus.

Mas para Joanna o assombro da fada continuaria. No meio da semana, á hora em que o Seraphim chegava da officina, parou-lhe á porta um trem luxuoso. Era a *Fada das Perolas*, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo, cheia de joias e com varios brinquedos. O quarteirão inteiro ficou presa de espanto. D. Maria do Carmo vinha dizer que não se esquecera do Pedrinho e desejava ser pelo menos madrinha de chryσμα do pequeno. Depois, obrigou Joanna a acceitar uns dinheiros para calçado dos filhos, pediu café, um copo d'agua. E agarrava o Seraphim pelo braço.

— O' Joanna, que homem tens por marido! Quero-os felizes. Vocês brigam?

— Ah! não senhora.

— Ainda bem . . .

O Seraphim estava satisfeito e confuso. Não fixou uma só vez a *Fada das Perolas*.

— E' uma santa! exclamou Joanna, ao ver desaparecer cheia de orgulho, o carro da actriz.

D. Maria do Carmo continuava para ella uma entidade celeste. Talvez fosse. Os deuses são bons ou máus. As mais das vezes, bons e máus ao mesmo tempo. E nós chamamos deus ao que não comprehendemos acima de nós. A actriz era para Joanna o insistente assombro bom. A lavadeira via-a nos cartazes da rua, no calçado

e nos brinquedos dos filhos com a doçura da *Fada das Perolas*. Na vizinhança o prestígio da família Araujo crescera enormemente. Eram todos pobres sem ideal senão o da vaga inveja do bem material jamais conseguido. D. Maria do Carmo apparecia quasi sempre estabelecendo a curiosidade, para distribuir coisas. A's vezes, não descia da sua victoria forrada de setim verde.

— O' Joanna, anda cá. Toma que eu trouxe para os petizes. E o Araujo?

As vizinhas, logo que o carro partia, eram só exclamações e perguntas. Como é linda a sua comadre! Quando é mesmo a chrisma do Pedrinho? Dizem que ella é millionaria. Ella gosta de Seraphim, hein?

Joanna de nada sabia. Aquillo era um milagre, a *Fada das Perolas*. Porque, de repente, resolvera protegel-os? Sentia bem que passara sem a protecção, calma, bem. Mas se não havia mal algum? Até seria desagradavel agora que a protecção cessasse por causa dos presentes e da vizinhança. Ao demais uma certeza lhe viera: a posição de Seraphim dependia da *Fada das Perolas*.

D. Maria do Carmo, aliás, desorganisava-lhe a vida. Uma vez mandou-a buscar de carro — a victoria de setim verde. Joanna, com o Pedrinho nos joelhos e a Guiomar ao lado ia, quasi com medo, tendo deixado a roupa da freguezia

por apromptar. Ficara assombrada com o palacete de Baependy, os creados, os divans de seda, os tapetes, os espelhos. D. Maria de Carmo recebeu-a no quarto de dormir que era forrado de rendas sobre seda azul celeste e com a cama sobre um estrado, irradiando brilhos de oiro. A actriz conversava.

— Temos que fazer um peculio para o Pedro. Disponho de duas apolices de conto de réis que vou pôr na caixa em nome do garoto. Venha cá, Pedro. E' verdade. Que idade tem o Araujo? E' forte esse rapaz. E' direito, não?

— Lá isso — de toda confiança.

— E mulheres?

— Muito socegado.

— Vê-se. Homens com mulheres estragam-se logo.

Depois distribuiu presentes, nervosa, como desejosa de alguma coisa. Quando Joanna de volta contou ao Seraphim o caso, elle ficou serio, a boca aberta, e não disse nada. Mas pela madrugada Joanna acordou sacudida pelo marido.

— Sabes que a tua camarada teve hoje um faniquito lá no theatro?

— Hein?

— Ao descer da apotheose final, caiu desmaiada. Caiu nos meus braços, que eu estava perto. Levei-a ao colo até ao camarim. E' leve.

Joanna ergueu-se e sentiu que o seu homem cheirava a vinho.

— Que horas são ?

— Mais de tres. Andei por ahi a bordejar, a tomar uma pinguita, para ver se tomo coragem . . .

Joanna ficou olhando. Os homens tem os seus dias de quizilia. Não é bom contrariar-os com perguntas. Mas Seraphim tinha a cabeça cheia do seu caso.

— Aquillo está o diabo, Joanna ! A tal do Carmo vai para tres mezes que me attenta.

— Uma senhora tão nossa amiga !

— Bem sei porque. Ella desafia-me, ouviste ? E' rica, tem dinheiro, mas eu tenho de ir com ella ou estou perdido. Metteu-se em brios !

E não lhe sendo possivel narrar o appetite de Maria do Carmo, a estrella hysterica que passava o theatro inteiro numa furia sexual de assustar, despejou as scenas em phrases curtas, sem seguimento. Elle afinal era homem. A tal do Carmo, logo que o vira, começara a provocal-o. Os companheiros lh'o disseram. A gaja era maluca. Tinha dois amantes de chelpa, um fazendeiro e um deputado, fóra os outros marchantes. Mas não lhe bastavam esses. De repente escolhia. Tivera um menino estudante. Elle, porém, não era de brincadeiras. Damas da alta com sedas, joias, faniquitos, estonteavam-

no. Tirara o corpo fóra. Ainda assim a mulher insistia. Todo aquelle carinho em casa era para pegal-o.

— Que hei de fazer? O desmaio foi fingido, só para eu agarral-a. E' uma typta que faz e desfaz no theatro. Se não vou, põe-me na rua. Depois, sou homem. Já os outros riem de mim...

Confusamente a perceber, Joanna olhava-o...

— Isso acontece no theatro. Nem tem importancia. O Juca da Olaria já teve uma corista que empenhava as joias para presenteal-o. Era uma corista. Essa é estrella. Lá os rapazes dizem que eu devo aproveitar. No fundo estão com inveja. Dize-me tu se eu sou lorpa? A gaja é mesmo capaz de pensar que eu não presto. Pois vou. Acabou-se.

A sua revolta era a inconsciente revolta do vigor humilde, que não pode ter vontade. Não sabia bem se queria, se não queria, se devia ir ou não ir. Joanna, deante de uma mulher da sua igualha, que lhe tomasse o homem, saltaria aos murros. A *Fada das Perolas* estava tão alta, a preferencia era tão envaidecedora, que lhe parecia outra coisa, como o theatro ou um grande baile — a que só o seu homem fosse convidado. Tinha dôr, uma dôr horrivel, mas sem coragem de o dizer com receio ao cataclysmo de que a podessem culpar depois.

Seraphim despia-se aos trancos. Atirou-se á

cama. Em breve roncava. Ella ficou, chorando. Mal o dia abriu, estava a pé. A ancia que lhe ia no peito. Era aquelle dia! O seu homem ia... Tão bonito, tão forte, tão bom! O seu homem ia... Tudo quanto fizesse para obstar seria inutil. O seu homem ia... Que grande differença entre ella e a *Fada das Perolas*, num quarto de rendas, cheio de perfumes! O seu homem ia... Se não fosse hoje, seria amanhã, graças aquelle horrivel theatro. O seu homem ia... Coitado! Porque a sorte a isso o obrigava. Ella tinha um homem que as ricas desejavam. Desgraça! Desgraça!

Ao meio dia, Seraphim acordou. Ella deu-lhe o almoço, ajudou-o a vestir a roupa limpa. Nem um musculo da sua face tremia. Talvez o pobre Seraphim preferisse uma scena, para desabafar num par de taponas. Mas, nada.

— Faze uma boa janta.

Ella suspirou:

— Has de vir com fome.

Um silencio angustioso caiu. Elle era bom, não lhe queria mal. Apenas nos seus olhos, Joanna via a *Fada das Perolas* com a sua nudez, as suas joias.

— Que se ha de fazer? Vamos a ver! Não te afflijas...

Elle abriu a porta e saiu sem se voltar. Ella debruçou-se na rotula e viu-o caminhar ligeiro.

Como se elle não voltasse jamais. . . Alguma coisa dentro do seu magro peito batia.

— O' Joanna, não vaes molhar a roupa?

-- Já lá vou, mãe. . .

Voltou á tina, cantarolando. Na sua cabeça via Seraphim entrando no palacete, via o grande abraço, via! Uma grande ancia enchia-lhe a alma. Se não voltasse? Elle voltou ás 6 da tarde. Era escuro já. O jantar requentava no fogão. Quando ouviu bater, Joanna tremia. Seraphim entrou. Era o mesmo, a paixão de toda a sua vida humilde, aquelle que fora o seu homem. Deus! Como se podem dar dessas enormes transformações, sem que ninguém note? Porque é o mundo assim? A pobre mulher estava deante de outro, de outro ser, sentia bem, irrevogavelmente, resignada.

— Então?

— Lá me arranjei.

-- Seraphim!

— Acabou-se, agora.

Nesse dia voltou cedo. Mas no seguinte não appareceu. A *Fada das Perolas* tomara a Joanna a noite do seu homem. Quando o viu, ás seis da manhã, ella ainda não dormira. Então foi para o rapaz do campo, desconhecedor do prazer, o delirio. Estava inteiramente dominado. Passava apenas horas em casa, a dormir. Na sua ingenuidade e como jamais amara Joanna,

achava natural aquillo e fazia á pobre mulher confidencias. Os luxos da Carmo, os ciuões dos amantes que pagavam, uma vez que a actriz lhe beijara os pés, outra em que pedira para que a esmurrasse.

— E' maluca, mas boa . .

A sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo continuava aliás a mandar presentes e a fazel-os principalmente a Seraphim. O homem transformava-se. Tinha um relógio com cadeia de diamantes, tinha dois aneis de brilhantes.

— Vês. Deu-me isso. Os rapazes dizem que eu não a aguento. Mas eu sou homem . . .

Era vaidade, deslumbramento, desafio e tudo a mysteriosa força da corrupção. Um dia elle contou que a Carmo tivera de apanhar.

— Andava a azoinar-me. Dei-lhe uma surra!

Joanna admirava o poder do seu homem capaz de até escravisar tão alta senhora. Aos poucos a sua dôr se desfazia numa expectativa orgulhosa. Ella interessava-se por um drama em que a personagem principal era o homem a quem amava, o pae dos seus filhos.

— Ella é uma féra de ciuões. Só não os tem de ti.

— Tambem porque?

— E' porque tu não os tens?

— Para te aborrecer?

Qualquer coisa sem que o sentisse quebrava

dentro do seu peito. Tinha apenas a certeza vaga de que a sua existencia normal desapparecera no dia em que soubera. . . Desde então sonhava a *Fada das Perolas*. Era como se o homem tivesse ido occupar um cargo importante, que só Deus poderia acabar. Estava perto todo o dia, solícita, fiel, pensando que amava da mesma maneira Seraphim; mas não via que o bom rapaz perdia um pouco a côr, tinha olheiras, queixava-se de pontadas, de tonturas.

Quando se amou uma creatura que nos abandona, mesmo que pensemos continuar a amar e esperemos a sua impossivel volta, dá-se que nas suas doenças, somos incapazes de senti-las. E' o allucinação da alma, o egoismo vital, o que queiram. E' principalmente o desinteresse inconsciente, a liberdade inconsciente.

Assim, ella propria, ao fechar a rotula naquella manhã de domingo sentiu extranha a idéa de falar a Seraphim da dôr na costella. E no quintete, olhando a luz hibernal, teve uma grande tristeza, sem razão. Para distrair-se, foi arranjar os filhos, que iriam brincar na calçada, almoçou sem vontade, arranjou-se ella mesma, e à tarde ficou na janella a conversar com as vizinhas.

Ainda havia sol, quando viu parar esbaforido em frente á janella um rapaz do theatro.

— Aqui é a casa do Seraphim?

— Sim senhor . . .

— Pois . . . A senhora é a mulher delle?  
Pois . . . A senhora desculpe. Mas o Seraphim está mal!

— Como?

— Foi puxando um trainel . . .

— Hein?

— Veiu-lhe uma golfada de sangue que não parou . . .

Joanna ficou livida. A vizinhança apinhava-se.

— O medico é uma besta. Não fez nada! ganhou o rapaz.

Mas não foi preciso que elle dissesse mais. Pela rua vinha vindo um magote de gente em torno a uma pobre maca. E estendido, hirto, a camisa sangrando, a boca aberta, o olho vitreo, o cadaver de Seraphim. A primeira hemoptise de sanguineo afogara-o. Aquella vida de serviços a uma paixão delirante matara o pobre rapaz. Na algazarra, só Joanna livida não chorava nem gritava. Foi quem abriu a porta para entrar a maca. Na sala invadida, estava como alheia, olhando o cadaver. Os choros, os gritos continuavam em torno. E, de repente ella sentiu o silencio. Toda a gente se voltava para ver saltar do seu carro de seda a *Fada das Perolas*, sem joias, desgrenhada, a cara pintada, envolta num casacão. A pobreza, a miseria daquelles coitados que não comprehendiam senão a supe-

rioridade da riqueza sentiam a satisfação de ver a mulher da alta dar a prova final do seu amôr a um pobre diabo como elles.

— Joanna! Minha pobre Joanna! gritou Maria do Carmo, theatralmente. Morto, morto o nosso Seraphim!

Joanna olhou a *Fada das Perolas*. Uma convulsão sacudiu-a. Era como se de repente, só naquelle momento voltasse da catalepsia do instincto. O seu semblante esverdinhou n'um subito derramamento de bilis. Os labios estavam roxos. Ficou entre o cadaver e a actriz.

— Senhora dona Maria, o homem morreu. Para que quer o cadaver?

A *Fada das Perolas* recuava, a dor espectacular suspensa.

— Mas que é isso, Joanna? Está louca!

— Ha outros homens. Vá matal-os. Esse não presta mais.

— Joanna!

De todos os lados havia protestos. Joanna! Joanna!

A pobre mulher caminhou para a actriz. Maria do Carmo estava já na rua, desmantelada, vexada. Dois rapazes do theatro logo a metteram na carruagem, enquanto ella soluçando se dizia desgraçada.

Então Joanna voltou-se e viu o cadaver, o corpo forte e lindo interijado, os cabellos cres-

pos empastados na testa de macho, os grandes olhos arregalados. Deu um grito, um grito terrível.

— Tragam essa mulher! Tragam! Elle não me perdoaria! E' della que elle gostava! Seraphim! Seraphim! O meu amor! Tragam, se não eu morro. Tragam! Elle já não me queria. Deem-n'o á *Fada das Perolas*, deem-n'o — o meu Seraphim só della, o meu Seraphim!

E emborcou em convulsões sobre o cadaver, enquanto no alarido dos circumstantes a victoria de seda verde partia levando a insaciavel *Fada das Perolas*.



## Encontro

Theodoreto Gomes olhou aquella mulher, uma, duas, cinco vezes. Era em Poços de Caldas, numa rua deserta. O esplendor do dia fazia-se de azul e de oiro. Um silencio immenso pairava. E a mulher, sem curiosidade, debruçava-se á janella da casa baixa.

Theodoreto Gomes estava a fazer em Poços o mez de banhos. Ia já para quinze dias mergulhava matinalmente nas banheiras, ouvia depois assustadoras historias de doenças, percorria varias roletas, conversava e sentia-se invadido pela familiaridade de toda aquella gente que, como elle, passava apenas por Poços. Theodoreto aborrecia-se por isso. Poços durante a estação perde a physionomia na invasão dos clientes do Rio e de S. Paulo.

Nos hoteis, na praça, nas ruas, junto ao caminho de ferro ou á empreza das aguas, a população adventicia mostra as mazellas phisicas e moraes, com descaro. Ha muitos jogadores; ha muitas raparigas. Tanto uns como outros, não sabendo fazer senão o que faziam ás escondidas nos grandes centros, fazem-se abertamente

as diversões dos doentes, continuando sem perigo a mesma vida. E todos são familiares, contam coisas, indagam, convidam para passeios. Theodureto era um delicado que vivera muito. Conhecia as estações d'agua, as de mais luxo da Europa e, com rheumatismo, um vago rheumatismo muscular, ficava irritado com as feiuras da vida, levadas a Poços pelos banhistas de passagem. De modo que, para não piorar, andava só pelas ruas desertas, no rumor que se não ouve das ondas luminosas, ou parava largo espaço de tempo na contemplação do espectáculo das cores, de que o céu de Poços é o mais bello scenario do mundo.

Theodureto ia pela rua deserta, abstracto. De repente a sua alma viu que os seus olhos se fixavam naquella pobre mulher. O seu coração bateu. Bateu desordenadamente. Apesar de vinte annos de consecutivo prazer, as surpresas da emoção ainda o agitavam. A creatura sorridente, cuja profissão não punha em duvida, lembrava absolutamente uma outra figura do seu passado de rapaz, figura cujo sabor ainda guardava. Então olhou, uma, duas, cinco vezes, aproximou-se, não se conteve:

— Bom dia, menina.

A mulher riu. Estava de camisola de chita vermelha e tinha os cabellos negros d'azeviche.

— Bom dia, meu senhor. . .

Theodoreto ficou gelado. Aquella voz, talvez não gasta, era como a recordação de uma outra voz, bem viva nos seus sentidos, voz quente e de carícia — a voz que cheirava a jasmim do Cabo . . .

— Como se chama?

— Perguntador que o senhor é. P'ra que quer saber?

— Para tirar uma duvida.

Ella encolheu os hombros e quasi ingenua :

— Chamo Adelia.

— Diabo! Juro que lhe ia dar outro nome!

— Qual?

— O de uma rapariga que eu conheci ha muito tempo: Argemira . . .

A este nome, a mulher cravou nelle os olhos até então indifferentes.

— Hein?

— Digo que você parece uma rapariga de nome Argemira.

— Entre homem!

— Ora esta!

— Faça favor. Entre. Quero conhecê-lo!

A mulher saltara da janella, abria a porta. Theodoreto, nervoso, com um meio sorriso, entrou. Na sala pauperrima, a creatura segurou-o, olhou-o muito.

— Que é isso? Dar-se-ha o caso que me conheça também?

Ella esteve ainda um tempo, fitando-o, muda. Depois foi á janella. Fechou-a. Voltou. Sentou-se no sofá muito encolhida. E rompeu num choro brando.

Theodoreto não sabia o que pensar. Tomou-lhe as mãos para fazer alguma coisa, disse:

— Não chore. Sou bom rapaz. Se a magoei, foi sem querer. Que mal faz tomal-a por outra?

Ella continuava a chorar, baixinho. E, num suspiro entrecortado:

— Ao contrario... ao contrario... Mas como está mudado, Theodoreto!

Theodoreto recuou um pouco, tremulo. Era ella, era a sua Argemira, a pequena que amara.

— Argemira?

— Estou velha, não?

— Não, não... estás... uma senhora apenas...

— Uma mulher, Theodoreto!

— Quanto tempo?

— Quinze annos.

Gentilmente Theodoreto sorria para o semblante della, molhado de lagrimas. Uma onda de recordações enchia-lhe a alma. Fôra o seu melhor amor, o primeiro. Elle tinha dezoito annos; ella treze, tão precoces... O seu orgulho d'elle já homem era dar confiança de namorar aquella creança. A vaidade della era ser como as que já vão casar. A principio brinça-

deira, troça de parte a parte. Theodureto era de gente rica; ella de trabalhadores lá nas Laranjeiras. Aos poucos foi o habito a augmentar-lhes o desejo e como durara dois annos quasi uma ligação ardente. Ella arranjava sempre meio de se verem pelas ruellas propicias, entre arvores. Era morena, respirava uma saude ardente e logo que o via colava-lhe os labios nos labios. Elle dizia que ella toda cheirava a jasmim do Cabo. E brincavam e amavam-se, elle ensinando, ella aprendendo vertiginosamente...

A's dez da noite, elle dizia aos companheiros da Academia, no Largo do Machado:

— Bem: vou á minha aula de amor!

— Cuidado! Não percas a discipula!

Os companheiros tinham inveja. Mas a Argemira não podia passar de um passatempo! Theodureto mettia-se no bonde e lá ia ao passatempo. Lembrava-se de uma noite de domingo, em que a Argemira convencera os paes da ida a um theatro com as amigas. Tinham subido para as Aguas Ferreas. Fazia um estranho luar. O luar sempre o entontecera. O luar é o mel do amor, é a luz dos desejos. Mas o daquella noite ficara na sua memoria como uma allucinação. Tudo era de branco doirado. O céo apagava as estrellas para que a lua o inundasse. O ar parecia tecido de azues pallidos. As ruas, os caminhos, as ladeiras, os montes boiavam com

vagos reflexos de prata, e as arvores cobertas de lua, pingavam luar... Tinham corrido os dois a ver o rio, onde as aguas dansavam a dança dos reflexos da grande luz sensual. Ella dissera :

— Tu és bom !

Abraçara-o muito, com a boca em offerta, a boca, corola de rosa. E elle beijando-a, ia a despil-a.

— Tu és o meu amor. Foste talhada em ambar pelo luar. Tu cheiras a jasmim do Cabo. Tu és a noite. Os teus cabellos são a treva, o teu corpo é a alma do luar. Meu amor ! Meu amor !

Ella não comprehendia aquellas tolices do desejo lyrico. Mas comprehendia o desejo.

— Não dirás nunca mais essas coisas a outra mulher ?

— Com uma condição...

— Não tenho condições...

E durante dois annos quasi tivera-a assim ! Só o receio das consequencias não o fizera abusar. Fora apenas o delirio, a ternura exasperada dos prazeres em torno, a furia de não possuir completamente aquella flôr que se entregava, uma fantasia de fauno amando a virgem que quer ser amadryade. Essa tensão nervosa desequilibrava-o, emagrecia-o, dava-lhe idéas extravagantes. Não pensara uma noite inteira em

participar o seu casamento com Argemira? Não estudara até uma phrase? Meu pae — essa creança é minha esposa perante Deus! Não dissera. Mas no encontro seguinte exigira de Argemira o encontro em casa della. Era depois de meia noite. Pulava a janella. E ficavam os dois, sem poder dizer palavra, na salinha, em longos beijos delirantes. . . .

Quando o pae perguntou um dia :

— Quererás vir conosco á Europa?

Elle ficára calado. Nunca fora á Europa. O pae desejava-o formado antes. Se o convidava para o passeio annual da familia era certo por desconfiar. Não queria ir. Mas, como negar? Depois nunca tinha ido a Paris e fizera dezoito annos. . . . Ao cabo de alguns dias decidiu ir sem prevenir Argemira e até o ultimo instante gozara dos seus beijos — sendo correcto.

Ao voltar, sete mezes depois, os rapazes seus collegas nos cafés do Largo do Machado estavam-lhe com muito mais inveja.

— E raparigas em Paris?

— Nem se fala!

— Felizardo. E tu então que és professor. Por falar nisso aquella tua discipula. . . .

— Argemira?

— Tomou outro professor.

— Como?

— Mais infeliz. Foi pegado e casou. E' um

rapaz alto, do commercio. A familia com o escandalo, mudou-se . . .

Theodoreto pensou na leviandade e na ingratição das mulheres. Nem aquella a que ensinara tudo e a quem respeitara.

Pateta! Se a encontrasse — pobre marido!

Mas nunca mais a vira. Onde se metteria a rapariga, que não o procurava? O desejo insatisfeito não morrera. Havia tambem despeito. Mas a vida é uma poderosa corrente. Outros namoros, outras mulheres, outras idéas, os estudos, a formação, as viagens, os trabalhos tinham aos poucos tranquillizado a recordação. Não a esquecera, não. Homem, cheio de negocios e attribulado de amores banaes, já meio calvo e já rheumatico, ás vezes pensava em Argemira.

— Que boa!

Erguia os olhos, dilatava as narinas, a evocar o seu perfil e o seu divino e delicado cheiro. Mas não daria um passo, não sentia a necessidade de dar um passo para tornar a vel-a. Esse primeiro amor era como uma historia interrompida, a quasi legenda doirada dos seus vinte annos . . . Precisamente muitos mezes havia, nem se lembrava mesmo de Argemira. E de repente aquelle encontro! Que immenso choque, quando menos esperava! Nunca pensara, . . . A Argemira, . . .

Theodoreto, com os olhos na pobre mulher, um pouco enleiado, tremia recordando. Um silencio caira. Argemira, com os olhos vermelhos de chorar, torcia a ponta da camisola. Então elle perguntou:

— Como foi isso, Argemira?

— Desgraças da vida... Você sabe que eu casei? Pois casei. Quando você desapareceu sem dizer palavra, fiquei tão aborrecida, Theodoreto! Apareceu aquelle. Quiz saber se podia esquecer a ingratição. Elle abusou. Papae obrigou-o a casar. Você deve conhecel-o. E' o Antunes da casa de ferragens Antonio e Pacheco, José Antunes. Não conhece, não? Bom homem, coitado. Mas sem saber falar. Eu casei. A gente casa!... Mas a verdade é que não gostava delle. Era sina. Mamãe dizia que foi praga. Da companhia de Antunes fugi tres vezes. Elle, com rogos e ameaças, fazia-me voltar. Afinal cansou, e eu que estava com um tocador de rabeça do theatro, cahi na perdição...

Tenho rolado, Theodoreto! Afinal, ha dois annos vim para os banhos. E achei aqui tão socegado e estava já tão enjoada do Rio e de S. Paulo, que fiquei. Quem diria, Theodoreto, que eu te ia ver depois de tanto tempo!...

Theodoreto ouvia-a; e aos poucos aquella voz, o som daquella voz independente do que

dizia, ia actuando na sua carne, acordando uma a uma as afinidades secretas que o ligavam ao outro corpo. Uma onda de desejo aquecia-o. Aquella mulher era o acordar da sua sensualidade, o primeiro grande momento da voluptua, e elle sentia que ella sobre o seu corpo conservava todo o dominio, porque não a tivera nunca por completo, porque não a possuira bem. Argemira fôra o amor que não chegára á sua plena realisação. E quinze annos depois, por isso, encontrando-a pobre perdida da cidade do interior, a tarantula do desejo mordia-o; e por isso a sua emoção era agora outra. Pegou-lhe na mão. Disse:

— Pareço velho?

— Você já em menino era tão levado! Como deve ter pintado!

— E você então!

— Eu até fiquei aborrecida, confessou ella ingenuamente.

Elle chegou-se mais.

— Mas que menina ingrata!

— Ingrata por que?

— Casou, teve o rabequista, pintou o sete quinze annos, e nunca se lembrou de mim!...

Ella ergueu os olhos grandes de censura.

— Ah! Theodureto! Que falsidade! Não quero que você me acredite. Não vale a pena. Mas nunca esqueci. Nunca.

— Deveras? interrogou Theodureto, enlaçando-a naturalmente.

— Por esta luz. Parece que estava sempre esperando. Muitas vezes fechava os olhos e lembrava você, você do tempo de rapaz, quando corriamos os dois as Laranjeiras. . . Para aturar os outros, de vez em quando pensava em você.

— E' boa! riu Theodureto, collado a ella.

— Não ridicularise, não. Faz quinze annos e eu lembro como se fosse hontem. De outras cousas tenho esquecido. Daquillo nunca. Era bom. A gente só não esquece o que é muito bom.

Theodureto agarrou-lhe a cabeça e num impeto juvenil esmagou-lhe os labios. Ella desvencilhou os braços para apertal-o soffregamente. Aquelle beijo tinha a furia adolescente do outro tempo. Estiveram assim um largo momento acima da marcha dolorosa do tempo que envelhece. Mas Theodureto, cégo de desejo, queria emfim completar o que havia quinze annos o seu temperamento secretamente esperava. Ergueu-se.

— Vem dahi.

Agarrou-a pelo braço e então viu que ella estava muito pallida.

— Não! Não!

— Não? por que?

— Porque não!

— Deixe de tolice.

— Não!

— Não queres?

— Theodureto! exclamou ella.

— Queres?

— Quero, sim.

— E então?

— Theodureto! e rompeu a chorar, Não é por nada. Não é por nada, meu filho. Mas não. Nunca. Não posso... E' só por mim... Nem posso explicar... Tudo o que você quizer. Menos isso...

— Mas por que? indagou elle colerico.

— Theodureto, seria como os outros, seria tal qual... Meu bemzinho, eu não minto, não posso mentir para você. E negar isso que é minha vida, não tem importancia.

— Vem dahi. Deixa de parte.

— Não é parte, não. E' coração. Que pena não poder dizer direito! E' coração, Theodureto. Se eu for para você o que sou p'ra todos—por quem hei-de esperar, em quem hei de pensar? Theodureto, tudo como dantes, ouviu? Tudo! Menos isso. P'ra eu pensar sempre em você, p'ra esperar, p'ra lembrar uma cousa muito boa que eu quero muito e não provei, p'ra lembrar que ainda sou menina...

Ella estava de joelhos, enrodilhada a seus

pés, soluçando. Elle com a sensibilidade de homem procurava comprehender.

— Como, creatura ?

— Sim, Theodureto. Eu sou uma desgraçada. Não espero mais nada da vida. Só. Sosinha . . . Sem mãe, sem pae, sem ninguem . . . São todos tão máos, tão indifferentes que não me entram no coração. O unico bem da minha vida é lembrar aquelle tempo de amor em que você me respeitou, e toda a noite eu penso e é essa lembrança que me dá coragem para não morrer. Toda a noite eu sou a Argemira das Laranjeiras . . .

Neste momento, os dois, Theodureto a olhal-a, ella de rojo a soluçar, ouviram bater á porta. Argemira ergueu-se de um pulo. Theodureto perguntou :

— Quem é ?

— E' um commendador do Hotel da Empreza que costuma vir a esta hora. Mas não me olhe assim, Theodureto. Por Nossa Senhora, que diga o meu coração. Se você duvida, faça o que quiser. Mas lembre que vae matar tudo, vae desfazer o coração que mais tem pedido por você . . .

Theodureto teve um impeto, Mas recuou, passou a mão pelos olhos, e perguntou baixinho :

-- E agora, como hei de sahir sem te comprometter, Argemira ?

Ella murmurou como se desse escapada a um amante :

— Saes pela porta do meu quarto, na ponta dos pés! Como é bom o meu sonho! Como comprehendeu a pobre alma da sua Argemira!

Puxou-o, metteu-o no quarto que tinha uma porta para o corredor, agarrou-lhe a cabeça num perdido extase d'amor, beijou-lhe os olhos, a face, a boca, murmurando, sussurrando :

— Theodureto! Theodureto! Theodureto! Como nas Laranjeiras! Theodureto meu bem! Theodureto, como outro dia, quando papai estava em casa, de noite... Theodureto!

Mas bateram de novo. Ella despegou-se del-le, rápida, fechou a porta. E Theodureto ouviu na sala a voz do commendador, grossa e idiota :

— Mandriona! Estava a dormir, hein?

Então, sem saber sahiu, na ponta dos pés. Quando se viu na rua a caminhar de pressa, agil e leve, achando em todas as coisas uma alegria nova, Theodureto sentiu a sensação deliciosa que não mudara, que era moço, que desejava, que descia as Laranjeiras com a vontade de voltar, que subitamente readquirira o desejo contido quinze annos passados. E as damas e os cavalheiros balnearios viram entrar no hotel um outro Theodureto, cuja mocidade apagava mesmo uma triste calva e a ruga do labio...

## Exaltação

As senhoras da melhor sociedade não tiveram apenas um digno movimento de repulsa, foram presas de medo — um medo galopante. Marguett Pontes conservava-se sempre exemplar a olho nú. Com amantes ou sem amantes, o comportamento era irreprochavel. Ha comportamento e comportamento. Para uma senhora de sociedade nem o «flirt» (que é uma concessão moderna e americana), nem a insistencia de um camarada (que é a renovação dos sigisbeus venezianos), póde õu deve ser considerado prova de máo comportamento. Mas uma senhora apaixonar-se, deixar o marido, passar a viver com um outro cidadão, sem cumprimentar as conhecidas damas da mesma classe para lhes dar a ellas o prazer de olhal-a com desprezo, ao menos — isso sim, isso é imperdoavel. E Marguett Pontes fôra assim. Bella, intelligente, passara de respeitavel a desabusada, precipitara-se do templo da justa medida ao precipicio do amor, e de modo tão escandaloso, que se tornara necessario deixar o Rio — cidade de um puritanismo cada vez mais sevêro, como ninguem ignora.

Quando, pois, em Santos, o transatlântico poz-se em marcha e eu vi surgir no «deck» da direita, de vestido branco, envolta em gazes verdes, a linda e escandalosa Marguett Pontes, foi com o maior respeito que lhe beijei a mão.

— O immenso prazer!

— E' verdade. Ha quasi um anno que não nos vemos. Vai para o Rio?

— Infelizmente. A Europa é a esperança remota. . .

— Eu tambem. E venho de Buenos Aires, ou antes, de Montevidéo. Venho só. Você vai ajudar-me a passar estas horas.

— Quer dizer: vou ter a felicidade de não me aborrecer.

Falámos de Buenos Aires — essa Paris pampa, falámos de Londres, onde havia quatro annos encontrara-a a ella e mais ao marido della em julho, fazendo o Tamisa numa barca florida, com toldo de seda carmezim; falámos de Paris, do Regina Hotel, da Abbaye do Albert, da rue de la Paix e por consequencia dissemos mal da colonia brasileira em estado de civilisação. Marguett Pontes continuava a ter espirito, e, apezar de certos exaggeros de vocabulos e de attitude que poderiamos considerar as extravagancias copiaveis de uma titular russa, continuava a ser integralmente senhora. Tratei-a como tal. Não pensei em «flirts»,

nem quiz indagar do seu caso. Tenho lido muito o Ecclesiastes. Kohelet, que póde não ser o rei Salomão, mas não deixa de ser por isso profundo, assegura: — «Tudo é vaidade. Nada de novo sob o sol». Para que ter vaidade e praticar a impertinencia de querer saber de cousas iguaes ás outras? Conversámos, pois, como camaradas até ao terceiro signal para o jantar,

Desci a vestir-me, jantei, e quando de volta á ponte, encontrei a orchestra e um baile, — o fatal baile dos transatlanticos. Marguett Pontes estava decotada, de vestido de tafetás negro, sem uma joia.

— Quer dar-me o braço e levar-me lá para cima?

Subimos ao ultimo tambadilho, quasi deserto. Ella deixou-se cahir numa cadeira de viagem, pediu-me cigarretas, aquellas egypcias com essencia de azar-youl. . .

— Estou um pouco nervosa.

— Por que?

— Acha V. pouco? Volto ao Rio, homem, e para a casa de minha familia. . .

— Como?

Ella riu, suspirou:

— Acabou a felicidade.

— Não é possivel. A felicidade, disse um philosopho, é o desenvolvimento da nossa vida em conformidade com as suas tendencias.

— Sabe V. quaes são as da minha vida?

E como eu me calasse:

— Meu caro amigo, que juizo faz de mim?

— O melhor possível.

— Não é responder.

— E' dizer tudo.

— Quando soube que eu abandonava Pontes, pensou assim?

— Julguei que o abandonava para não fingir.

— E agora?

— Tenho a certeza de que soffre. . .

— Não é bem soffrer, é convalescer da aventura. Sabe que eu fugi com o Alberto, estudante de medicina?

— Que loucura! Para que?

— A fatalidade. . . Oh! Imagino o que se não disse de mim! Fugir, quando não era preciso, desmoralisar-me quando poderia conservar marido, amantes, e prestigio! Como deviam ter sido más para mim as que conservam tudo! . . .

— Nada para ser odiado como commetter actos que o commum não póde explicar...

— É este acto, meu caro, precisaria de ser explicado pela illusão que vive nas almas... Olhe cá: você sabe que, antes de fugir com o Alberto, tive amantes?

— Francamente. . .

— Tive uns cinco, Pontes, a bondade em pes-

soa, nunca desconfiou, ou melhor, não se apercebeu.

Eu tinha-os como se tem um objecto. Não os amava, não me diziam nada, senão o vago prazer de ter um amante, de ser bem, de ser desejada. Quando o Alberto...

— Que Alberto?

— Não faça perversidade. Elle era um simples estudante, mas o amor não espera a carta de bacharel.

— E a Marguett amou?

— Admirei, exaltei-me. E talvez mais. Quando esse menino foi para a pensão ao lado do nosso palacete, tinha por elle exactamente o que tinha pelos outros. Divertia-me, sem o sentir d'alma a meu lado. E fazia loucuras, obrigava-o a vir a casa, quando Pontes não estava, encontrava-o nos chás. Banalidade... Como V. deve estar lembrado, Pontes subia a ver a fabrica de vidros, uma vez por semana. Quando chegava telephonava logo da cidade. Evitava assim, coitado! as surpresas; e eu tinha a certeza, ao passar das onze sem telephone, que meu marido ficára na fabrica.

Ora, um sabbado, ao chegar do jantar das Camargo, ás dez, encontrei Alberto. Conversamos até onze e meia e quando elle sahia eu lhe disse:

— Emfim! Vens dormir hoje aqui?

— E teu marido?

— Está na fabrica. Se não telephonou, é porque não desceu.

— Marguett. . .

— Podes ficar tranquillo.

— E' que a posição é falsa. Acho desagradavel ser corrido. . .

— Espera até uma hora. Se até lá estiver a janella aberta, elle não veiu. Saltas o muro para não entreres pelo portão e pulas a janella. . .

— Marguett. . .

— Tens medo?

Elle sorriu e sahiu. Pontes não telephonou nem chegou. Mandeí dormir os creados, fechei todas as portas, esperei cheia de desejo e de curiosidade. A uma hora vi assomar ao muro Alberto em pyjama. Levei-o no escuro, nas pontas dos pés, até o meu quarto, que era no salão da frente do primeiro andar. Nunca fizera aquillo, nunca tremera tanto, nunca sentira uma ancia assim. Porquê? Era como se a minha alma esperasse alguma coisa de enorme, de immenso... Elle olhou o quarto, viu as janellas que abriam para fóra, espreitou o jardim, onde bem em baixo das janellas havia um grande canteiro de cravos. Depois caminhou para mim de subito, com um impeto voraz d'assassino e eu desfallecia nos seus braços fortes, quando ouvimos o portão ranger. Ranger, fechar-se, e passos for-

es, passos de dono de casa, pizarem a areia do jardim.

— Meu marido!

Elle largou-me, como se tivesse levado uma facada no ventre; eu caí tremendo, tremendo sobre os travesseiros. Um tremor convulsivo tomava-me, inundando-me de suores frios. E os passos pisavam a areia, subiam a escada, eu ouvia bater á porta.

Então senti-me sacudida por Alberto.

— Coragem, mulher, coragem!

— Meu Deus!

— Vai abrir! Vai abrir! Socega. Quando voltares, não me encontrarás aqui.

Os seus olhos luziam, a sua boca era a da decisão. Tentei erguer-me. Em baixo bateram de novo. Se eu não fosse abrir, os criados appareceriam. Pontes teria suspeitas. Já estava impaciente. Então vi Alberto agarrar-me pelos cabellos, pôr-me de pé, empurrar-me, levar-me pela escada abaixo como magnetisando-me:

— Coragem! Abre! Não me encontrarás. Ou tens calma, ou mato-te!

Dei assim na porta. Alberto largou-me, subiu as escadas de novo, no escuro, rapido. Perdi a cabeça, abri a porta, como quem vai ser morta. Pontes entrou calmo.

— Estavas a dormir? Um atrazo de trens, mi-

nha filha. Quatro horas á beira do tunnel grande!

Deu-me o beijo dos esposos.

— Estás gelada!

— Pois! Tive um susto. . .

— Fecha a porta.

— Fecha tu!

— Malcreadinha. . .

Subi aos trancos. Elle atraz, com a «valise». Quando entrámos no quarto estava uma janella meio cerrada. Um baque surdo em baixo fez-se ouvir. O meu coração apertou, espremeu de um jacto todo o sangue. Fôra Alberto que se atirara da janella. Teria morrido? Estaria estropiado? Não poderia sahir do jardim? Iria ouvir os seus gemidos? Vinha-me o vapor do escandalo, os criados acordados, o rapaz preso, Pontes, a catastrophe, a minha vida perdida por aquella tolice, aquella criançada em que eu déra confiança a um rapazola ousado. . .

— Ouviste?

— Hein?

— Um baque no jardim.

— Deve ser na pensão ao lado. . .

— Quem sabe!

Pontes caminhou para a janella, abriu-a. Eu segui-o como um trapo. Visse elle Alberto e me precipitaria eu tambem por ella. Mas a janella tinha uma varanda que sahia meio metro sobre o canteiro; e em frente, na «garage», os

pharoes de um automovel impediam de ver qualquer cousa.

Pontes voltou tranquillo, despiu-se, lavou-se, escovou os dentes, enquanto eu, deitada, sentia renascer aos poucos a tranquillidade. Quando, porém, elle soprou a luz, lembrei-me do canteiro de cravos. Pela manhã elle estaria desfeito. Pontes havia de vel-o e ligaria a minha demora em abrir-lhe a porta, a algidez da minha face, o tremor, o baque surdo, e eu estaria adultera com o amante que desaparece na sombra como um ladrão, deixando a prova, a marca do crime!

Passei a madrugada inteira assim. Mordia os lençoes para não gritar, queria levantar-me, correr ao jardim, e o medo de ver Pontes acordar, seguir-me, retinha o meu pobre corpo a tremer sobre o colchão. Que seria de manhã? Que aconteceria? Eu imaginava desastres irremediaveis e prodigios, subitaneos milagres de santos. O meu cerebro ardia na febre do medo. Medo por mim, por mim só. Não vinha á minha memoria Alberto, porque não sahia della como o motivo das catastrophes. Nem sombra de piedade, nem dor de saber que se atirára de uma altura de 5 metros, — nada, a não ser a raiva surda diante do inexoravel que seria dentro de tres horas, de duas horas, de uma hora, de alguns minutos. . .

Pontes acordou ás 9 horas. Eu estava a seu lado, côr de cera, com os olhos arregalados. Acompanhava cada movimento seu como se cada movimento decidisse do meu destino. Quando elle desceu para o banho, corri á varanda, olhei o canteiro.

Estava tal qual.

Como cahira Alberto, então? Ter-se-ia ferido? Haveria rastos de sangue? Enfieo o roupão, desci as escadas, dei no jardim no auge da ancia. Estava tudo sem alteração. Não havia na areia senão a marca dos passos fortes de Pontes...

Em vez de tranquillizar-me, uma estranha emoção apoderou-se de mim. Que teria feito esse rapaz? Onde estaria? Era preciso fallar-lhe, ver se não lhe tinha acontecido alguma cousa. Tornei ao quarto, comecei a vestir-me febrilmente. Meu marido, em roupão de banho, surgiu:

— Que é isso? Saes?

— Provas da Clemence! Tenho de provar os vestidos ás 10 e meia!

— Estás pallida.

— Enxaqueca!

— Não almoças?

— Depois... sem appetite...

Vesti-me, sahi. Não sabia bem o que ia fazer. Estive para entrar na Pensão. Ir até ao

quarto de Alberto. Tomei um taxi, mandei tocar para a cidade, rodei largo tempo sem tomar uma resolução, lembrei-me do telephone, emfim. Parei num estabelecimento commercial, liguei para a Pensão. O Sr. Dr. Alberto não estava. Era impossivel perguntar mais. Deus! Teria acontecido alguma desgraça? Retomei o taxi, inteiramente fóra de mim, para voltar á casa. Já passava de meio dia. Era de certo a morte, a prisão, o fim. . . Quando, porém, o automovel parou á porta da minha casa, não contive um grito: Alberto!

Alberto sahia da Pensão calmo, tranquillo, homem, homem, immensamente homem. Ajudou-me a descer, falando baixo:

— Atiraste-te da janella?

— Sim.

— E o canteiro?

-- Só lembrei o canteiro quando já estava no quarto, depois de ter passado uma hora nos caixões do fundo do quintal por causa dos pharóes da «garage» que podiam me mostrar á rua. . . Felizmente lembrei-me a tempo. Voltei então, e até quatro e meia endireitei tudo para que não houvesse vestigios. . .

Encostei-me ao portão. Como elle era bonito, como era generoso, como era amigo, como era homem! E eu o tivera e não o conhecera. E eu era amante desse homem, pensando em conve-

niencias sociaes, nos egoismos hypocritas, quando elle, sem esforço, expuzera a vida com inteira calma generosa, uma noite inteira, ao sorriso da minha tranquillidade! Agarrei a sua mão forte, rompi num soluço, num largo choro que me lavava de todas as miserias passadas, transfigurada, redimida. E, sem conter-me, na rua, á porta da minha casa, cahi sobre essa mão de homem aos beijos como uma doida...

Era a minha fatalidade, o golpe transformador, o irremediavel. Não poderia viver jámais como até ali vivera. Nessa mesma noite fugi para a vida que é dôr, para a dôr que é vida...

Houve um largo silencio, em que ouviamos apenas o marulhar do oceano e o vago som dos violinos em baixo. Do céu cahia sobre a noite o sendal das estrellas doiradas. Uma pesada viração sacudia os pannos do toldo. Marguett Pontes tombára na cadeira, arfando.

— Tremenda aventura! fiz para dizer alguma cousa.

— Deliciosa aventura, divina aventura... murmurou ella em extase.

— Mas o amor passou?

— Ter-me-ia amado elle? Que importa? Não vem ao caso. Passou? Talvez não, talvez sim. Deu-me, porém, a força de adorar, deu-me a exaltação, salvou-me do horror dos preconcei-

tos, das hypocrisias, dedicou-se por mim. Se estivesse como antes da aventura hoje e me mostrassem o que teria de acontecer — eu procederia do mesmo modo. A vida seria uma abjecção, se não tivéssemos na treva desses heroismos silenciosos, que transfiguram os entes.

Eu olhava Marguett Pontes, com um ar compungido. Ella voltou a si, rindo.

— Dê-me outra cigarretta. A apostar que não imaginou nunca assim a causa da minha fuga do lar?

— As mulheres são esphinges. . .

— Porque os homens não comprehendem o que ellas são: a exaltação amante diante de tudo quanto é nobre e bom.

E sem mais coragem, Marguett Pontes rompeu a soluçar. O vento crescera. E o céu sobre o oceano escuro era um immenso lacrymario de oiro na palpitação suave do pranto das estrelas. . . Só no silencio ancioso não se ouvia mais o som dos violinos em baixo.



## Puro amor

— Sim. Para que negar? Eu não gosto de brincadeiras com as mulheres. Está a rir o senhor? Ah! não tenho para ahi phrases bonitas e versinhos que digam o meu pensamento. Mas sou franco. Falo logo. Digo o que tenho a dizer. Não gosto de brincadeiras com as mulheres. . . .

Que idade tenho? Ando em vinte e um. Ha onze que deixei a terra, a aldeia, os paes. Vim para o Brasil como caixeiro — caixeirito ahi de taberna. Sou simples caixeiro. Ha quasi uma duzia d'annos mourejo sem descansar. Estou forte, graças a Deus. Não tenho tempo para doenças. Só uma vez estive na Ordem. Aqui é vir, é trabalhar, é juntar. Agora, nem mesmo se junta mais. Tem-se o cuidado da roupa, de um par de botas, do cabello bem aparado, de uma flor para o peito. . . Tudo isso custa dinheiro. Não póde uma pessoa juntar, quando as despesas augmentam. A taberna dava tão pouco que tive de passar para um botequim. Estou no botequim ha cinco annos. E' na rua do Lavradio. Conhece? Vão lá soldados, rufiões, e mu-

lheres, muitas mulheres. Algumas eram bem bonitas no meu tempo.

Está o senhor a rir outra vez? Eu não lhe disse que sempre fosse contra as mulheres. Até brincava com ellas, fiava-lhes aniz, café, porções de mortadella. Que essa gente quanto mais ganha, menos tem. Muitas, depois de pedirem coisas, indagavam :

— O' João, queres ser meu amigo?

Amigo, eu? Para ter de as acompanhar aos passeios, defendel-as das outras, esperar de fóra as horas que ellas entendem? Eu não! Uma pessoa tem principios, nasceu de gente séria, e não se arrisca a estragar a vida, agora por causa das fufias. Brincadeiras, favores — vá. Atural-as é que não. Sempre tive uma prevenção cá dentro. Parece que advinhava. Por que eu gostei d'uma . . .

Torna o Sr. a rir. Não esteja a zombar. Gostei. Não nego. Muito. Ainda gosto. Tambem era differente das outras. Fôra um rapaz lá na terra que a enganara. Ella que havia de fazer? estava a morar na rua do Lavradio. Mas era mais séria que as outras. Nada de pandegas, de esbornias, de farras. Tinha vinte annos quando a conheci. Mais velha do que eu. Quando pedia os coisas á gente, ficava corada. E tinha medo á policia, dizia sempre :

— Ai, Jesus! que me prendem!

Gostei d'ella. Para que negar? Uma vez, a perseguição estava forte e eu pedi ao inspector que a soltasse. O inspector bebia muito fiado no botequim e consentiu. Ella veio logo a tremer com uns olhos muito grandes a chorar.

— João, és o meu homensinho. Ninguém nunca me protegeu assim. . .

O Sr. sabe, a gente precisa tambem de ter um carinho. Consola a alma, faz bem. Fui lá a casa, coitada! E não me arrependi. Ao terminar o serviço, corria a vel-a, e até com ella sahia a passear. Era uma rapariga séria, que não se dava ao desfrute. Nunca a vi na rua com um homem, a não ser commigo. Só punha o pé fóra, para as compras. E depois que boasita! Quando um homem estava arreliado da vida, ella só consolava, só afagava; quando se soffria de uma dor, parecia que ella tambem soffria. E, como estava sempre a exclamar: ai Jesus! dava ganas de pensar no céo e nas coisas tristes que os fados cantam.

Uma vez, já lá iam seis mezes dessa vidinha e eu já me aborrecia em segredo de saber que até á uma da manhã ella era de todos, apesar de só gostar de mim. Assim, arranjei uma dor de cabeça e fui vel-a mais cedo.

— Foi bom vires, João. Temos que conversar, disse ella ao ver-me entrar.

— Conversa, mulher. . .

— Mas eu queria que não te zangasses. . .

— Que ha ?

Ella rodou um pouco. Depois disse :

— Sabes a minha vida como anda atrapalhada. Não tenho geito para a janella. Tambem não quero ir servir ahi de lavadeira ou copeira.

— Então ?

— Então, João, eu encontrei um homem. . .

Senti um grande puxão cá dentro da alma, tão grande, tão grande. . . Ella continuava a falar :

— E' um homem serio, negociante de louças. Quasi velho. Tem dinheiro. Dá-me tudo quanto eu quizer, e ainda compra a casa da madama, para eu ficar como dona.

— Vaes tirar o ventre da miseria.

— Mas elle quer vir dormir cá toda a noite, e tu. . .

— Eu não sou nada.

— Não digas tolices !

— Vou-me embora.

— Ainda temos uma noite.

Fiquei com um odio de repente !

— Deixa-me.

— Escuta. . . ai Jesus ! é a minha vida, rapaz.

— Pois arranja-a !

E desci a escada depressa. Mas chorei toda a noite. De dor ou de raiva ? Parecia impossivel

que ella, uma rapariga tão sincera, fizesse aquillo. No fundo, porém, era séria. Se eu não podia — tratava dos seus negocios seriamente. Eu é que era posto de lado, assim. Que pensaria ella de mim? No outro dia passei-lhe pela janella. Ella lá estava, mas eu fiz que não via. Passei assobiando. Nada de dar o braço a torcer. E custava tanto!

Estive assim uma porção de dias. Já não estava acostumado com a minha cama estreita e suspirava e chorava toda a santa noite. O Justino, meu companheiro de quarto, é que me levava a espairecer, contava historia, imitava os actores engraçados. Eu acompanhava sem coragem. Uma tarde fomos ao Campo de Santa Anna e quem eu encontro? Ella com o tal sujeito das louças, todo abrilhantado! Estava outra, de chapéo, com saphiras nas orelhas. Ai que odio, que odio o meu! Cheguei a parar uns dez passos adiante.

— Justino, eu mato aquelle sujo!

Estava tudo escuro em volta. Mas olhei para traz e ella, que se reclinara no hombro do homem para olhar-me, parecia com tanto medo, tanto que até cuspi para o lado:

— Porca!

E fui andando.

Mas, o Sr. pensa que ella ficou desgostando de mim? No outro dia, quando me viu — riu.

Eu bem vi o seu risinho meio triste, meio desconsolado, e não tive coragem: olhei para ella tambem. Então ouvi a sua voz:

— Boa noite, João!

Que devia fazer? Respondi:

— Boa noite, Sr.<sup>a</sup> D. Rosa.

E passei sério, sem dar confiança. Ao fim da semana, ella disse da sacada:

— O' João, sobe. . .

Não tive mão em mim. Subi a quatro e quatro a escada. Mas é quasi para não acreditar. A Rosa recebeu-me como uma senhora, sem um abraço, sem nada.

— João, és meu amigo?

— Ainda perguntas, Rosa. . .

— Porque quizeste estragar a nossa vida no Campo de Sant'Anna?

— A nossa vida. . .

— Sim, a nossa. O homem dá-me tudo. Estou pagando dividas, enroupando-me. Elle tem muito ciume. Se vem a saber que o engano, abandona-me! E eu fico outra vez ao deus-dará. E' triste voltar á miseria, ter que ir para a janel-la. . . Ai Jesus! Você não ajuda a Rosa, João.

— Eu quasi mato outro dia aquelle sujo.

— Sujo porque tem dinheiro?

— Porque tu gostas delle.

— Quem t'o disse? Eu só gosto de uma pessoa no mundo — és tu!

— Pois sim . . .

— Para que preciso de mentir? Eu não esqueço João. Nunca seria capaz de passar por ti sem te falar. Os homens são máus . . .

— Mas, se gostas de mim . . .

— Vão contar-lhe e eu estou perdida.

— Rosa !

— Escuta. Tenho que ser honesta. Nunca te menti. Chamei-te para pedir um favor. Espera que eu me possa ver livre delle. Depois continuaremos. Elle ainda não me comprou a pensão. Mas até lá — sê meu amigo, vem conversar, deixa que eu te veja, meu bom . . .

Estava a chorar. Não respondi. Ao demais, ella mostrava que me queria bem. Era correcta lá com o typo das louças, mas não me desprezava. Voltei, pois — para conversar. E acredite, ficava furioso quando os rapazes no botequim, ao ver-me partir, diziam que eu ia lavar a louça . . . Não ! Respeitava o seu pedido. Se bastava ir vel-a com a esperança do dia em que ella deixasse o negociante . . . O diacho é que ella gostava das minhas visitas, agora, durante o dia, de fugida, entre dois freguezes.

— Ai João que saudades tenho das nossas noites!

E as mulheres, as outras, tinham inveja de Rosa, com um namorado que não passava da sala de janta.

Um bello dia, havia de ser duas horas da tarde, disseram-me no botequim :

— Então, a Rosa muda-se?

Como? Ainda na vespera lá estivera e não me dissera nada! Perdi a cabeça. Era como se me tivessem dado a noticia de um incendio muito grande. Corri a casa de Rosa. Encontrei no quarto um velho de bigode grosso, que não era o typo das louças.

— Que quer?

— Venho perguntar se a senhora precisa de alguma coisa.

— O' Rosa, gritou o sujeito, tens ahi um caixeiro.

O senhor sabe que eu sou um simples caixeiro. Gritei tambem :

— E' o João, minha senhora, o João. . .

E chamei «minha senhora» para o velho não desconfiar. Ninguem tinha de saber da nossa vida. A Rosa appareceu.

— Ah! é você? Realmente, eu preciso. Venha cá.

Foi levando-me para a escada, e dizia baixinho:

— Não me percas, João. E' o meu futuro, esse velho. E' o socio do outro. Dá mais. O outro falhou com o dinheiro da pensão. Esse vae fazer a nossa felicidade. Dá-me uma casa com creados nas Laranjeiras. Vou viver séria. Não

tenho geito para perdida. Logo que tomar pé, mando-te um recado. Havemos de nos ver agora, se o velho me não tomar o tempo todo. Meu João, meu amor, dize que não queres mal á tua Rosinha, dize. O meu coração é teu. Dá-me a tua boca. Bom . . .

— Mas, Rosa . . .

— Não fales; domingo, domingo conto-te tudo. Pelos momentos bons que eu te dei, pelas santas alminhas que estão no céo, não me percas . . .

— Rosa . . .

— E, escuta, não venhas mais aqui, não tenhas nenhuma destas mulheres. Eu ficarei triste se souber que queres outra mais que a mim. João, meu homem . . .

Era bonito fazer uma scena? Depois, não adeantava nada, Talvez até ella deixasse de gostar de mim. Voltei ao botequim que nem parecia. Quando me perguntaram se eu sabia, disse que sim. Quando indagavam onde era a nova casa, eu respondia:

— Que têm vocês com a vida da mulher?

E esperava a carta em que ella me contaria tudo. Mas, nem tudo é possível. O velho com certeza tinha ainda mais ciumes do que o outro — porque ella nunca mais me escreveu. Também não a vi mais, e se a ver, é até melhor que não aconteça o vel-a. Porque dessa eu gos-

tava. Gosto. E' uma rapariga séria. Das outras não. Si se soffre com uma rapariga direita, quanto mais com as ordinarias! Isso de mulheres é uma gentinha que não vae commigo. Conheço o mundo. Tenho visto padecimentos. Nada de brincadeiras. . .

Mas que está o Sr. a olhar para mim assim? Aposto como o Sr. está imaginando que se eu tivesse o dinheiro a Rosa não me deixava. E' da vida, o Sr. sabe? é da vida. . . não se póde ter tudo, e quasi sempre só não se tem o que se deseja. Ella era tão séria! Até hoje não durmo direito, pensando. . .

O Sr. está com pena de mim? Diga? Eu pareço muito creança? Sou um tolo, um toleirão, pois não? Mas que quer? Até quando falo nella começo a sentir agua nos olhos. Não é nada, não! Qual! E' só uma vontade de chorar, de chorar. . . O Sr. desculpe. Mas não posso. nunca ninguem me viu a chorar. Está olhando o lenço? Foi ella que m'o deu. Lenço é separação. Quando choro com este lenço até me dóe mais a alma. Hei dell'ò dar quando a tornar a ver. Ella chorará tambem de pena. Porque é boa rapariga, tão boa. . . Mas nem tudo se póde na vida. E eu não sou nada, nada, nada meu senhor. . .

## O milagre de S. João

Quando o comboio parou, uma lamuriante voz como que badalou:

— Coimbra!

José Espinha pegou da mala e precipitou-se. A estação estava inteiramente deserta. Foi elle proprio levar a valise para um outro carro de via ferrea, sujo e desagradavel. No seu compartimento, para oito pessoas—quatro de cada lado, como indicava uma taboleta ao alto dos recostos ensebados, havia um cavalheiro gentil. José Espinha tinha o sorriso a seu pezar ironico. O cavalheiro gentil parecia intelligente, porque tambem sorriu:

— Vossa Excellencia acha isto um tanto máo?

— Não senhor.

— Realmente deixa a desejar. Vossa Excellencia é do Brasil?

José Espinha ia a dizer que não, que era mesmo dalli, de Coimbra, a dous passos, que deixara aquella terra, aquelle rio, havia vinte annos, e que emfim a saudade o fizera voltar. Mas estava muito habituado a mentir e a des-

confiar. Contentou-se, pois, com sorrir, sem dizer cousa alguma.

O homem, porém, não perguntara para saber, perguntara para fallar.

— Ah! o Brasil, grande terra, muito dinheiro! Vossa Excellencia chegou bem aliás, em vespera de S. João. A noite está quente e bonita.

Da estação á cidade, naquelle comboio, eram tres minutos. O homem amavel despediu-se. Um agente do hotel agarrou-lhe a maleta e José entrou na cidade, pela grande rua, que é o cáes do Mondego ajardinado. A cidade deu-lhe uma impressão de que estava vazia e estava cheia, cheia de almas, de amores, de impalpaveis seducções. Deixou a mala numa hospedaria, mesmo alli num recanto — que não era para os primeiros hotéis. O agente da locanda disse-lhe:

— Saiba o meu amigo, Coimbra está assim! Toda a redondeza! Dos arredores vieram para ver as festas. Ah! os estudantes organisaram um S. João de primeirissima. As raparigas, as tricanas que dansam, são todas sérias, escolhidas.

José lavou o rosto, as mãos, deu um geito ao cabello, abriu uma carteira, olhou bem uma pequena photographia ordinaria. Era a photographia de uma aldeã viril e forte. Depois sor-

riu e foi-se a passear. No dia seguinte veria a dona da photographia. Havia tempo e o seu coração não tinha impetos.

Naquella pequena cidade, onde todos são notados, quem o visse era como se o não visse. José Espinha, magro, picado de bexiga, tinha um passo de velludo, um passo de raposa em torno do gallinheiro. Com as mãos nos bolsos, não fazia um gesto inutil, nunca. A impressão era de que não andava, era de que apparecia por intermitencias, com dous olhitos verrumantes e desconfiados. E toda aquella gente, no goso bacchico da festa, apparecia brutalmente, ingenuamente, apresentando em cheio as physionomias.

José Espinha foi despachado pelo pai aos dez annos de idade para o Brasil. Era um garoto rachitico, enfezado, feio e talvez máo. Gostava immenso de fazer mal aos bichos. A mãe chorara muito. O pai dera-lhe uma corôa, como começo de vida. Era sempre mais do que poderia vir a arranjar naquella terra, onde se passa com um peixe assado nas brazas e uma brôa. José veiu numa leva de immigrants e puzera a corôa num saquinho, ao pescoço, para que não o roubassem. O barulho, a algazarra da terceira classe, a bordo, não o deixaram ter saudades. Sabia de cór umas cantigas e outros portuguezes fizeram-se seus camaradas, protegendo-o.

do-o. Ao chegar a Pernambuco, estando o navio fundeado, tanto se curvou na amurada, para ver os grandes peixes a que os marinheiros atiravam abobaras quentes que a corôa escorregou e cahiu ao mar. Chorou de raiva; não houve consolo possível. Quando saltou no Rio trazia consigo cinco réis. Andou uns oito dias a rolar, sem casa, sem pão, e sem vontade de pedir emprego. Uma noite foi pegado a dormir sobre um banco. Os guardas levaram-no com outros muitos para a delegacia. Ao sujeito que o interrogava, deu informações trocadas, por desconfiança, mas a chorar.

— Porque me prendem? Ah! minha mãe! Ah! pai!

Acharam-no divertido e mandaram-no para a Detenção, onde deu entrada num enorme cubiculo de que eram habitantes uns dez marmanjos de má cara, hespanhoes, brasileiros, argentinos, portuguezes. Passou um mez ahi, esquecido das autoridades. Mas num admiravel curso de má vida e de ladroeira. Quem o fez sahir foi o Bumba, organisando-lhe um requerimento de «habeas-corpus». O Bumba era um celebre ladrão sentimental. Tambem sahiu para entrar na nova profissão, fazendo parte da quadrilha do Bumba. Foi a principio «guella», por ter o corpo franzino, depois assignalador da policia, «vigia», depois «punguista». Vivia n'aquella leva,

sem pouso certo, dormindo nos recantos, nos canos abandonados, quando não havia chelpa; dando-se á esbornia, quando conseguiam depenar um gajo. De tempo em tempo ia para a cadeia, onde passava algumas semanas — sempre com a sorte de não ter flagrante, provas. Prendiam-no por garoto perdido. Elle ria. Aos quinze annos havia dado entrada na Detenção umas vinte vezes, era o protegido official do Bumba, já protegia um pequenito de onze annos, fugido da casa dos pais por pancadas e tinha tres ou quatro nomes que lhe serviam, assim como o conhecimento rudimentar do codigo e dos subterfugios dos advogados de porta de xadrez. Mas o que os outros lhe invejavam era a destreza, a genialidade, o sangue frio, com que executava os passes mais arriscados da arte. Só ainda não provara coragem. Uma vez, porém, o Bumba organisara com uns cocheiros o ataque, na ponte dos marinheiros, a alguns sujeitos abrilhantados, de volta do theatro. Elle foi e, com uma imprudencia de louco, estreou-se como gravateiro. Era esplendido. Apenas os homens abrilhantados reagiram a revólver; a policia accorreu, e José Espinha foi pegado pela primeira vez em flagrante. A sua condemnação quasi que não se realisou. José, que tinha um advogado palrador, discutidor da «societas sceleris», de Lombroso, do direito italiano e das

modernas theorias do direito penal, um joven irritante, capaz de sacrificar mil vidas ao seu proprio effeito, só não foi condemnado á pena maxima, pelo ar triste e ingenuo que imaginara, um ar humilde de coitadinho — que desarrou os jurados, convencidos pelo joven advogado de que elle era um bandido da peor especie. Ainda assim passou cinco annos recluso.

Quando voltou á liberdade, resolveu trabalhar só, por conta propria, no officio de carteirista de primeira classe. Vestia-se correctamente e agia nos bondes, nas agglomerações, nos theatros. A sua intelligencia desenvolvera-se para esse lado. Não era um gatuno, mas um prestidigitador, um illusionista. Alfinetes e carteiras desapareciam do proximo, com uma facilidade de pasmar. A policia conhecia-o. Os jornaes fallavam d'elle como de uma alta personalidade do crime. Elle, entretanto, nunca era conhecido. Estava ás vezes perto dos agentes e não davam os agentes por elle. Tomara da sombra ensinamentos e com ella nos apertos fundia-se. Varios chefes de policia pretenderam, com provas, remettel-o para o carcere; em vão! Um mesmo, o feroz Dr. Godinho, que fizera no vicio e no crime da cidade uma verdadeira limpa, mandou prendel-o um dia, sem motivo. Elle, que era mais do que advogado no conhecimento da sua liberdade, deixou-se conduzir por um agente

amigo, a quem dava alguns dinheiros, de vez em quando. O Dr. Godinho estava na sua sala com varios reporters e quando o olhou e quando o viu bradou:

— Cá está o celebre Espinha!

Todos se voltaram, se approximaram. A noticia correu a Central como um raio. Havia gente curiosa por traz das portas. Espinha sentiu um certo orgulho. E, importante:

— Celebre por que, Sr. doutor?

— Pois ainda ousas perguntar, ladrão infame?

— Lembro ao Sr. doutor que offende um homem sem provas.

— Mas se tens retrato na policia.

— Tive, Sr. doutor, em rapaz. Depois de cumprir a minha pena, regenererei-me. Ninguem prova que tivesse commettido outro qualquer crime. Hoje sou negociante; tenho uma charutaria; estão aqui os meus papeis.

E realmente tinha no suburbio uma charutaria, onde apparecia todos os dias, a garantia para trabalhar á vontade. Mas nem o Dr. Godinho, nem os reporters, nem os conhecedores funcionarios da policia iam nesse conto moral. Sabiam tanto que perigoso era elle!

— Pois sim, fez Godinho, mas comtudo isso sabes bem que, durante a minha estadia aqui, posso prender-te.

— Sei que V. S.<sup>a</sup> fará o que bem entender, e que eu procurarei defender-me.

Todos viram o seu sorriso. O chefe não podia, senão contra a lei, prender um cidadão sem flagrante e de quem ninguém se queixara. O proprio Dr. Godinho mordeu o bigode. E, mudando de tactica :

— Dizem que este sujeito é espantoso. Rouba sem que ninguém perceba.

— E' o nosso primeiro ladrão! exclamou um reporter; que «interview» daria elle! Não ha quem lhe escape!

— Ora!

— Eu, por exemplo, aposto a vida como não me rouba! exclamou o Dr. Godinho. E olhou Espinha. Espinha tinha um imperceptivel sorriso. O chefe indignou-se.

— Pareces duvidar?

— Não, senhor.

— Sim, estás a rir!

— Por quem é, Sr. doutor!

— Sempre quero ver. Sejamos francos. Eu, diante de você, sou impotente. Sem provas a minha acção é nulla. O que poderia fazer era retel-o seguidamente, mas sem conseguir a sua condemnação. Ora, sempre queria vêr. Dou-lhe a minha palavra de honra que está livre, que nem isso faço, que não o retenho, se mostrar-me a sua habilidade.

—Que habilidade, Sr. doutor?

—Deixe de embustes. Um gatuno da sua ordem deixa taes processos para os porcalhões. Todos nós sabemos quem você é. Eu reservo-me o direito de o mandar vigiar sem cessar, de o apanhar com provas. Isso é fatal. Você sabe bem. Mas dou-lhe a minha palavra como está livre se me roubar, dentro de um quarto de hora, este relógio.

Ergueu-se, mostrou o relógio com a corrente. Os reporters e os funcionarios divertiam-se immenso. Todos exclamavam e riam a um tempo. Ora, tambem era de mais! Isso não! Então, Espinha sorriu:

—V. S.<sup>a</sup> dá a sua palavra de honra?

—Com todas estas testemunhas. Eu não sou você.

—Por um quarto de hora?

—Quer mais?

—E' que essas brincadeiras fil-as eu em outro tempo.

—Não minta.

—Juro a V. S.<sup>a</sup> E o habito perde-se...

Todos olhavam os dous homens. O chefe cravava nelle os olhos. Espinha abaixou-se para apanhar o lenço que torcia entre as mãos. O chefe berrava:

—Mas já lhe disse que não mentisse!

—Sim, de facto... outr'ora. Mas V. S.<sup>a</sup>

para prender um gatuno intelligente devia ter na policia gatunos. Eu não, eu sou um pobre infeliz, charuteiro. . .

E o dialogo continuou, todos a olhar os dous homens, com uma hyperacuidade de attenção extranha. De repente, porém, José Espinha cortou o dialogo :

— Bom, Sr. doutor, se dá licença, vou-me embora.

— Que é lá isso ? Então, o roubo ?

— Ah, é verdade. Já ia esquecendo.

Sacudiu o braço e apresentando ao chefe attonito — o relógio :

— Sou de V. S.<sup>a</sup> muito obrigado.

Esse facto dera-lhe a celebridade ainda maior. Elle conseguira algum peculio, garantido em bancos estrangeiros. Agia com uma prudencia cada vez maior e escrevia para a familia. Mas mentindo. Era negociante, trabalhara muito. A' primeira carta que recebeu da terra, soube que o pae, já havia dez annos, morrera. A mãe com o seu trabalho, ia a viver. Mas pobre. Pobre e honrada. Não tinha onde cahir morta. Não acreditou senão no desejo que tinham de intrujal-o para arranjar massa. E uma bella manhã acordara com o desejo de ir vêr a terra, ir vêr a sua gente, ir fazer d'homem sério. Como o receberia a velha ! Como havia de rir ! Não partiu do Rio, partiu de Santos ; e es-

tava alli em Coimbra emfim, para no dia seguinte vêr a creatura que lhe dera o raio da vida. Não tinha amor, não tinha saudade. Tinha uma curiosidade ironica, aproveitando as horas antes do fatal calabouço. Não era homem para viver alli, e voltaria á grande cidade, continuaria a roubar. Era um habito que se fazia necessidade, era uma molestia. . . Já um mez e dias havia passado sem trabalho. Talvez naquelle meio pudesse divertir-se um pouco, até.

Como caminhasse sem saber por onde, deu numa agglomeração. Havia illuminação, girandolas, gente endomingada, estudantes de capa ao léo, e fogueiras, altas fogueiras, ardendo á luz das estrellas, emquanto por todos os lados eram cantigas e guitarradas. Metteu-se na turba febril e amorosa, que a musica e os versos ensandeciam. Quantos futricas, quanto Sr. doutor, quanta tricana! E quanta gente do campo!

Elle ia indo, de nariz ao vento, avaliando num rapido olhar o peso das carteiras pelo ar dos homens. Haveria gente com dinheiro? Talvez apenas dous ou tres brasileiros, de anneis com brilhantes. De repente esbarrou com velha e forte aldeã, dessas solemnes e broncas, que vão ã feira e parecem ter pataco. Quanto teria ella? A mulher estava solitaria, mas gostando da festa. Quanto teria? Foi a acompanhá-la, e por exercicio, para experimentar a destreza,

imaginou apossar-se do lenço, que ella tinha na mão, com as moedas amarradas numa das pontas. Seria difficil. A tentação, porém, era por demais forte. Se a mulher percebesse, seria o escandalo, seria a prisão. Como resistir, porém? A velha seguia, vestida á moda da terra. Estava só.

Quiz vel-a de frente. Tinha uma cara desagradavel, cara de forreta. Seguiu-a. A velha parou a comprar uma gulodice qualquer. Era rica, tratava-se. A velha desamarrou o lenço, pagou, e para comer o bolo, poz o lenço no bolso do avental. José da Espinha tropeçou junto. Estava com o lenço na mão. Ao mesmo tempo ouviu uma voz:

— Ora seja bem apparecida, Sr.<sup>a</sup> Maria da Espinha! . . .

José parou como se recebesse um raio, pensando ter sido apanhado em flagrante, naquella brincadeira. Apertava o lenço mecanicamente, imaginando o meio de deital-o fóra. Veiu-lhe em turbilhão a idéa de ser preso, com o seu dinheiro, a prisão, as notas informativas do Rio, o fim proximo, todo o horror de quem de repente vê finalisada a vida livre. Um segundo que lhe pareceu um seculo. Voltou-se. A aldeã a quem roubara conversava com outra e essa outra ria.

— Que me diz a «sôra» Maria da Espinha!

Espinha? Teriam o mesmo nome ou fôra uma allucinação sua? Quedou-se a ouvil-as. Era uma conversa sem interesse, em que, falando da vida aspera, ellas se lamentavam.

— E quando volta?

— Logo pela manhã.

— Pois muito boas noites, «sôra» Maria da Espinha.

— Bôa noite, «sôra» Gertrudes.

José tirou a carteira, examinou a photographia, olhou a velha que já andava, tornou a olhar a photographia, seguiu-a. No meio daquella alegre algazarra, a anciã começava a bocejar, só. Um momento fixou-o com indifferença, José teve um estremeção. Lembrou-se de uma carta. Os olhares dos dous cruzaram-se. Era calmo o da velha e sorria. Era covarde o d'elle e tremia. O seu fugace riso de bandido fugira, ficou frio. A sua mão esquerda apertou no bolso o lenço vermelho, enquanto a direita apalpava o bolsinho onde guardava as libras que trouxera para gastar e folgar. A velha caminhou para uma fogueira, em torno da qual havia mais gente. José tirou o lenço immenso, pobre e usadissimo. Desfez-lhe o nó. Havia vintens, guardou-os. Depois apanhou uma das libras, deixou-a cahir no lugar onde havia os vintens. Apanhou outra. Apanhou mais outra. Com os olhos fitos no dorso da velha, tremia, os seus

dedos agiam subtis, retirando as libras para o lenço. Era como se roubasse a si mesmo. Elle trouxera umas quarenta libras. Metteu-as todas no lenço, como se não soubesse que as mettia. Depois tornou a approximar-se da velha e só — tão perto della que lhe sentia o cheiro, tão perto della que a reconheceu de todo. E pela primeira vez, com um infinito, um perdido medo de errar, subtilmente metteu no bolso do avental da velha o velho lenço.

Depois teve um suspiro, um grande ah! de alivio. Era por todo o ambito uma immensa alegria ingenua, de risos, de sons de viola, de cantares, de roupagens vivas ao estalidos das fogueiras, dos applausos aos ranchos. Em côro, todos cantavam um estribilho ardente:

Enquanto a aurora não surge  
E a nossa festa não finda  
Cantemos que o tempo urge . . .  
Cantemos que a noite é linda!

A velha, só, olhava sem cantar, mas os seus olhos riam, pareciam rir ingenua e simplesmente.

Então, José da Espinha pareceu relutar. Fechou os olhos, ainda tornou a olhar, como querendo fallar áquella que lhe dera o sêr. Mas deu d'hombros, num arranco e precipitou-se

ruas abaixo, sem se voltar. Quando esbarrou no cáes, parou, afinal. O rio corria docemente. Na noite clara, onde as estrellas tinham palpitações d'amor, viam-se as sombras dos choupos ardentes do outro lado. Vinha de todos os cantos um sussurro de musicas campestres. José da Espinha olhou aquillo como se voltasse a si. De novo sentiu que lhe retomava o labio o sorriso frio da navalha. De novo sentiu que a treva, que a semi-sombra o retomava. Apalpou as algibeiras.

— Ora que espiga! Ia a roubar a mãe. E fiquei sem cheta! Coitada . . . Mas inda cá tenho os seus vintens.

E, de repente, sem saber por que, desatou a rir, convulsiva, perdidamente, na noite ardente, a apertar na mão fina as moedas de cobre baças e usadas . . .



## A honestidade de Etelvina, amante

— Por aqui? Temos decerto amor novo?

— Nem velho, meu caro amigo. Vim assistir ao espectáculo, como qualquer mortal. Sem outras intenções . . .

Era á porta de um theatro, cheio de luzes e de gente. O cavalheiro que primeiro falava parecia contente; o outro era um desses rapazes em cujas faces lemos o estouvamento, a estroinice, a violencia impulsiva e que, apesar de tal genio, a viver em paixões, conflictos, desesperos e pandegas, — conservam, muitos annos depois de homens, o mesmo ar de rapazes. A natureza, mantendo essa illusão, attenua talvez o chocante effeito que taes temperamentos produziriam, se o physico não correspondesse á leviandade barulhenta das opiniões.

— Vem assistir apenas ao espectáculo? Ainda bem. Assistiremos juntos, que a melhor maneira de ouvir uma peça, sempre foi conversar durante os actos e falar das actrizes nos intervallos.

— Claro!

Mas, nesse momento, o rapaz recuou e escondeu-se; positivamente escondeu-se por traz de um grupo de senhoras, que ameaçava a entrada. O cavalheiro voltou-se surpreso, e viu que passava a correr a figurinha gracil da pequena actriz Etelvina Santos. Estava de vermelho, d'apparencia menina, ainda mais menina — o seu poder definitivo sobre as platéas de cá e d'além mar. Na face fina, como modelada em porcelana, luziam-lhe os olhos entre sonsos e maliciosos; e ella toda parecia um «biscuit» antigo de Sévres. Passou, aliás, numa rajada. A creada, que a seguia, era levada pela mesma ventania de pressa.

— Mentiroso!

— Por que?

— Este Gastão da Fonseca! Então não acabo de vel-o esconder-se á passagem da Etelvina? Vão recommençar os escandalosos amores? Comprehendo que voltou a paixão!

— Não é verdade. Recuei para evitar cumprimentos.

— Zanga ou magua?

— Mal estar apenas. Essa mulher é indecifavel.

— Como todas as mulheres!

— A Etelvina mais que as outras. Vivi com ella dois annos, e, quando a deixei, conheci-a tanto como a primeira vez em que a vi. A es-

phinge de Gezireth seria mais confidencial. Foi talvez por isso que ainda tentei uma nova analyse. Depois abstive-me. E' desconcertante!

— Francamente.

— Faz outra idéa de Etelvina?

— Meu caro Gastão, conheço Etelvina ha dez annos. Já nesse tempo ella parecia menina e tinha nove filhos. Os jornaes comparavam-na a um «biscuit». Etelvina cantava como um canço, e fazia-se incomprehendida dos apaixonados. Você não pretende positivamente voltar a amal-a? Pois bem. A minha opinião é que Etelvina não passa de uma idiotinha, cheia de preensões. . .

Gastão da Fonseca riu estrepitosamente.

— Era o que eu pensava, mas com erro! Até hoje não sei o que ella é. Se lhe contasse a nossa vida ficaria como eu. . .

— Conte então.

— Perdemos o acto. . .

— Temos ainda quasi um quarto d'ora.

Gastão da Fonseca parecia desejoso de contar, porque sem transição continuou:

— Lembra-se do nosso namoro? Começou aqui no Rio. Mandava-lhe flores, ia á caixa, beijava-lhe a mão que tremia. Etelvina estava com o ensaiador, um sujeito de nome Eusebio, que tambem escrevia peças. As informações davam-na sempre fiel aos amantes. Era tão fiel, tão

honestas, que não só ninguém se lembrava dos motivos por que mudava varias vezes de cavalheiro como até creio bem ninguém mais se lembrava desses homens. Etelvina era fiel, era honesta perante os amantes, que de secundarios passavam a ser apenas o amante, o mesmo, o geral. Não podia haver discussões. Vi que no meu caso, Etelvina continuaria fiel ao Eusebio. De facto. A companhia partiu, sem que della obtivesse nem um beijo. Quasi esqueci o começo da aventura, posto que conservasse pela Etelvina uma ponta de despeito raioso . . .

— O Eusebio estava destinado a apanhar de ti algumas bengaladas?

— Não. Nem pensava no Eusebio, que me dera a impressão apagada de um boneco ou de um aio. Mas, certa vez, a viajar pela Europa, fiquei algum tempo em Lisboa sem relações, de modo que frequentava assiduamente os comicos conhecidos do Rio. Num dos theatros, onde a miude entrava, era a Etelvina quasi «estrella». Os comicos portuguezes são muito amaveis para os brasileiros em Lisboa. Abusei da minha importancia. Insensivelmente recomecei a cortejar a Etelvina. E fosse por não ter o que fazer, fosse por augmentar o capricho, o certo é que fui allucinante. Estava onde ella estava, mandava-lhe flores e mimos desde pela manhã, es-

crevia-lhe cartas. Espantei mesmo a bengaladas dois apaixonados.

Etelvina, entretanto, teimava em fingir tranquillidade indifferença. Um dia, o Eusebio ensaiador, atacado de grippe, não foi ao ensaio. Aproximei-me e disse-lhe quasi no fim — «Espero-a á esquina num coupé fechado.» — «O Sr. está doido?» — «Tanto não estou que tenho a certeza de irmos tomar chá ao Tavares.» — «Ao Tavares?» — «Tenho um gabinete reservado. Entramos pela porta dos fundos. Ninguem nos verá.» — «Não vou.» — «Lembre-se de que não responderei pelos meus actos, se não vier!» — «Que fará?» — «Tudo! Até já.» — Sahi. Aluguei um *coupé*. Mandeí arriar as cortinas. E fiquei a fumar dentro do *coupé*, certo de que fazia uma tolice e que ella não viria.

De facto, a principio, assim foi. Passaram artistas, coristas, o velho primeiro comico, que sahia sempre por ultimo, alguns carpinteiros. Já ia mandar o cocheiro tocar, quando ella appareceu nervosa, hesitou, olhou para todos os lados, e precipitou-se no trem a chorar convulsivamente.

— Encantador!

— Quiz abraçal-a. Recuou. Quiz beijal-a. Ameaçou de descer. Esperei o gabinete vasio de Tavares, onde ninguem nunca se lembrara de tomar chá ás cinco da tarde, mas onde eu pen-

sava dominal-a com champagne e amor. Ao saltar, Etelvina tremia como uma grande dama honesta na sua primeira entrevista criminoso. Quando no gabinete, cahi-lhe aos pés e repeti uma ardente declaração sempre de fulminante effeito, — ella disse-me, encostada á mesa: — «Mediu bem o que vai fazer?» — Respondi que era seu escravo, incapaz de medir a extensão da minha felicidade. Ella murmurou: — «Bem». Depois sentou-se. Sentei-me tambem. Um instante rimos porque desastradamente o meu pulso a tremer inundara de champagne a toalha clara. E rindo approximei mais o meu corpo. Etelvina affastou-se um pouco. Insisti. Ella affastou-se mais. Estava á beira da banquetta. Tentei mais um movimento e ella naturalmente poz-se de pé para partir. Eu, que até então conseguira conter-me, agarrei-a, preendi-lhe a cabeça, beijei-a furiosamente na boca. Ella debateu-se quasi a gritar: «Não! Não!» E, conseguindo desvencilhar-se, correu ao outro extremo do gabinete — «Etelvina!» — «Deixe-me, ou eu grito!» — «Mas é estúpido!» — «Não posso! Abra a porta. Não posso! «Esfregava o lenço na boca, como se eu a tivesse maculado. Tive uma dessas coleras lividas que se exteriorisam pela pancada ou por um silencio terrivel. Abri a porta. Ella precipitou-se no estreito corredor, que tem visto oisas muito peiores. Um creado passava. Man-

dei abrir a outra porta, a da rua. Ella, sem um olhar, correu ao *coupé*, bateu a portinhola, e o trem rodou a toda pelo mau pizo.

— Calculista a rapariga!

— Pensei erradamente assim. Ao pagar a conta a um criado que sorria, jurei profundo desprezo por todas as mulheres e por aquella em particular. Estava envergonhado, humilhado, e temendo que alguém desconfiasse da minha triste aventura. Fui ao theatro, conversei nos bastidores, acabei por convidar os dois primeiros comicos para ceiar no «Imperial», uns pratos copiosos, regados a vinhos espessos. Estavamos em meio da ceia, quando vieram chamar-me. Fóra, numa tipoia, esperava por mim uma senhora. Corri. Era Etelvina. Tinha os olhos vermelhos de chorar. — «Que é isso?» — «Entra!» — «Alguma desgraça? Viram-te?» O meu odio desaparecia deante daquella dor. — «Entra!» — «Mas que ha?» — «Não posso falar aqui.» — «Para onde queres ir?» — «Para tua casa.» — «Não tenho casa.» — «Para teu quarto então.» — «Seja.» — Dei a direcção. A tipoia rodou. Ella rompeu em choro. «Mas, conta rapariga. Si ninguem morreu ainda, não ha nada perdido. Que ha?» Ella olhou-me: — «Gastão, deixei o Eusebio para sempre! Eu não sou mulher que engane o homem com quem está. Eusebio ama-me. Eu já não o amo. Seria entretanto indigna se o en-

ganasse. Depois do seu beijo, ao voltar á casa, não tive mais coragem de o encarar.» — «Mas recusaste o beijo. . .» — «Sim. E', porém, superior ás minhas forças. Não o posso ver. Luctei todo este tempo, em vão. Acabei por escrever-lhe uma carta, contando-lhe tudo!» — «Tu fizeste isso?» — «Fiz, fui franca, disse-lhe que vinha para a tua companhia. Amanhã mandarei buscar as malas. Prompto. Esqueçamos!» Passou o lenço nos olhos, alisou os cabellos, como quem volta de uma dor tremenda. — «E tua filha?» indaguei attonito. — «Fica com o Eusebio. Se não a quizer, mando-a viver com a mãe na minha casa do Lumiar, onde estão os outros.» — «E o Eusebio?» — «Acabou.» — Encolhido no fundo da tipoia eu não pensava, sentia apenas um vago horror, uma incompreensão dolorosa. Ella continuou: — «A não ser que a tua sympathia fosse brincadeira e que receies alguma coisa. . .» — «Eu não receio nada!» — «Nesse caso, tratarei só da minha vida. . .» — Senti que qualquer palavra seria inutil. O melhor era crêr na fatalidade. Procurei-lhe a cinta. As minhas mãos tremulas tactearam o seu corpo. Ella cahiu-me sobre o peito, com a boca na minha boca, de tal modo que quando chegámos a casa, onde eu tinha um quarto, os nossos desejos ardiam. Foi ella quem fallou com voz macia e intima: — «Chegámos, salta.» Saltei e ia dar-lhe a mão,

quando vi erguer-se da porta um vulto. Puz a mão no revólver. O vulto era Eusebio com uma creança nos braços. . .

— Puro melodrama, caro Gastão!

— E tão verdade como estas senhoras que entram para o theatro.

— A verdade é sempre inacreditavel. Mas, continue. . .

— A minha surpresa foi tanta que fiquei sem movimento. O pobre homem falou — «Atire, se quizer. Pouco me importa a vida. Matar-me será entretanto um crime inutil. Não vim aggre-dir. Vim pedir. Vim com esta creança. O Sr. é homem. Talvez não saiba que esta mulher é mãe de minha filha, a unica pessoa que eu amo, a razão de ainda existir este coitado que vê a chorar. Eu amo Etelevina. O Sr. por emquanto não pôde ter senão capricho. Nunca pensei que ella me abandonasse. Tão honesta! Estou perdido, estou desgraçado. Tenha dó de mim. Dê-m'a. . .» Tremia. Grossas lagrimas afundavam-se-lhe pela bigodeira melancolica. E, entre soluços, sua voz repêtia: «Tenha dó!»

Olhei Etelevina, irrevogavel e má como um anjo. Que responder? Responder quando não sabia o que devia fazer, quando o meu coração batia de orgulho, de pena, de nojo, de medo, quando a minha razão oscillava! Fiz um esforço

e senti-me hediondamente ridiculo a dizer estas breves palavras: — «Como deve saber, não mando na Sr.<sup>a</sup> D. Etelvina. Ella fará o que entender. Submetto-me á vontade della.» Metti a chave no trinco. Eusebio erguera a petiza, implorando: «Etelvina, olha a tua filha! Vem comigo. Morro, se me abandonas . . .» Etelvina estava de marmore. Apenas aberta a porta, murmurou: «Eu não mudo de proceder, Eusebio, Adeus. Amanhã estarás melhor. Agasalha a pequena. Vamos, Gastão. . .»

A porta fechou-se. Emquanto subiamos as escadas, iamos como pizando nos ais do pobre homem em baixo. — «Etelvina! Etelvina!» gania a creatura. Agarrada a mim, na tréva, Etelvina tinha as mãos de gelo. Desgraçadamente tenho visto commigo, que não sou nem melhor nem peor que os outros homens, o effeito desastroso do choque dos preconceitos sociaes sobre a nossa animalidade. Eu era abjecto. Aquella creatura que se agarrava a mim, era refinadamente miseravel. Abandonára a filha, deixára um homem a soluçar, por outro a quem não podia ainda amar e que ainda não a amava. E, apesar de tudo, talvez por tudo, o desejo, como uma allucinação, queimava-nos. No meu quarto era impossivel falar. A visinhança protestaria. Si tivéssemos falado, talvez nos contivéssemos. As palavras fizeram-se para desvir-

tuar a vida. Calados, eu tremia, ella tremia. Rolámos no leito. Foi a noite de mais exasperado prazer que conheci. . .

— Caspité!

— Fiquei preso. Podia dizer-lhe — para fazer literatura — que ficara no desejo de decifrar o monstro. Não. Tinha vinte e quatro annos, idade em que os homens tanto se importam com a psychologia das mulheres como com a sua certidão de idade. Tambem não era amor. Fiquei simplesmente porque ella se fazia carinho, ternura, o dia inteiro. Fiquei por sensualidade. Nunca lhe vi os filhos e a mãe. Ella achava inutil. Nunca lhe perguntei quantos annos tinha. Obedecia-me de tal modo, que eu era muito mais velho sempre. E, quanto á ordem, á dedicação, que dona de casa e que esposa! Falava pouco, nunca me fez uma scena. Eu era o seu Deus. Esperava-me quando mandava que esperasse, dormia quando não lhe dizia nada. Macia, silenciosa, boa. Para comprar-lhe um vestido, tinha de zangar-me. Ella propria os transformava. Faziamos economias. Dei-lhe certa vez um anel. Pois, chorou!

— E o Eusebio?

— Ah, é verdade. O Eusebio! Emquanto existiu, manteve na nova situação um ar de delirio. Imagine você que o Eusebio ia para o theatro com a pequena. O theatro inteiro cen-

surava Etelvina. Etelvina amimava a filha como se amima a filha de um conhecido, e não falava ao Eusebio. Levava de capricho. O pobre diabo exhibia de mais a desgraça. Deu mesmo para o fim em ir ceiar com a pequena, que poderia ter nesse tempo pouco mais de um anno. Ficava bebado, debruçado sobre as mesas, enquanto a creancinha dormia nas banquetas. Um horror!

— Isso não os envergonhava?

— Exasperava-nos. Era uma raiva! Quando o Eusebio, doente do peito, sahiu para a Serra da Estrella, deixando a filha com a avó, é que notei a normalisação da nossa vida. Acordavamos tarde, almoçavamos. Ella sahia para o ensaio. Eu ás vezes ia leval-a. Doutras, ia conversar aos cafés. Voltavamos a jantar. Riamos, contavamos mutuamente os nossos dias. Era bom. Depois ella ia para o theatro e eu apparecia a buscal-a, indo mesmo ceiar com camaradas. Passámos assim anno e meio. Devia ser por toda a vida! Ao cabo dessa maravilha de temporada, recebi uma carta anonyma, assegurando que Etelvina entrava em francos colloquios com um joven comico, o Justino.

— Desagradavel. . .

— Não sei se era verdade. No momento, perdi a cabeça, lembrei o Eusebio, a minha felicidade. Corri ao theatro. A um canto, Etelvina justamente conversava com o Justino. Ati-

rei-me, aos improperios e alli mesmo espanquei o comico. Houve panico, gritaria, sangue, portas fechadas. Toda a companhia berrava, ameaçando-me. Eu sacudia a bengala. Só Etelvina, branca e impassivel, assistia á scena. Fiquei louco de ira. Agarrei-a pelo braço, levei-a aos encontrões até á rua, atirei-a num trem que passava, e durante a corrida insultei-a. Insultei-a de desespero, porque ella sem dizer palavra, olhava fixamente a ponta das botinas, distante de mim, cada vez mais distante, á proporção que os meus insultos cresciam. . . Ao chegarmos á casa subiu rapida. «Vai fechar-se no quarto e chorar», pensei. Mas, quando cheguei acima, Etelvina estava na casa de jantar, de luvas, de chapéo, com uma pequena valise na mão. — «Temos scena?» indaguei colerico. «Sabes bem que não faço scenas. Tomei apenas uma resolução irrevogavel.» — «Qual?» — «Parto!» — «Estás louca?» — «Commetteste um acto indigno. Desmoralisaste-me deante da companhia.» — «Minha querida, nada de farças. O Justino, esse canalha, já dava que falar até aos anonymos. Olha esta carta! Conheço-te.» — «Deves pois saber que não é meu costume enganar o homem com quem vivo. Quando a harmonia cessa — desapareço.» — «Olha que eu não sou o Eusebio.» — «Não, porque o Eusebio nunca me insultou! — «Etelvina não me infurries!» — «Farei

o possível. O Sr. duvida de mim, o Sr. espancou um pobre rapaz, o sr. insultou-me, dando-me nesse tremendo escandalo como amante de outro. Não podemos viver juntos; para á sua propria dignidade. Seja feliz.» — «Vaes ter com elle, como fizeste commigo, quando deixaste o Eusebio?» — Ella voltou-se livida: — «Juro-lhe que não pensava nesse homem; juro-lhe que não serei sua amante. Vou daqui para a casa de minha mãe.» Dei uma gargalhada de desafio: — «Pois até á vista!» — «Adeus, Gastão.» Ao vel-a sair, esperei um instante, por orgulho, por vaidade. Depois, sentindo o desastre, atirei-me com vontade de espancal-a, de pedir-lhe perdão e ao mesmo tempo certo do irremediavel. Desci, chamei. Já não estava. Corri ao Lumiar, á casa onde tinha a mãe. Não apparecera. Fui ao theatro, sem saber o que ia fazer. Etelvina representava. A minha entrada tinha sido prohibida na caixa, e vinham a mim o vice-consul do Brasil e um senhor amavel. Etelvina reclamara garantias á segurança e mandara um bilhete ao vice-consul. Aquelle senhor amavel era da policia. O vice-consul aconselhava-me. . .

Fiz um enorme esforço para conservar uma certa linha de distincção: Como as mulheres humilham! Com que rapidez aquella creatura me reduzia de amante a desordeiro inconveniente! Disse algumas palavras de ironia, que as duas

autoridades ouviram a sorrir com receiosa piedade. O vice-consul convidou-me para dormir na sua residencia. Era solteiro. Conhecia a vida. Devia ser doloroso ver um lar vasio. . .

Fui. Não dormi a noite. Pela manhã, sahi. Era evidentemente acompanhado por um policia secreto. Entrei na minha casa. A impressão foi a de quem revê scenarios depois da representação da peça. Lá estive enojado alguns momentos, não della, mas de meu acto. Abri gavetas, li cartas. Todas as cartas de familia mostravam o susto pela minha demora! E eu ainda em Lisboa! Deixei os criados attonitos, fui de caminho a uma agencia de leilões e á agencia de vapores. Oito dias depois embarcava para o Rio. Antes informei-me della. Não estava com o Justino. Escrevi-lhe uma carta pedindo-lhe perdão. E até a hora de embarcar esperei a resposta.

— E' sempre triste o fim.

— Esse foi lamentavel. Tanto mais quanto perdendo-a, livre da seducção, a curiosidade tornara-se enorme. Eu desejava conhecer o coração daquella mulher, saber ao certo o que ella pensava, o que ella sentia. Ha um anno, ella reapareceu no Rio, numa companhia d'operetas. A pretexto de abraçar os amigos, fui a bordo. Etelevina ia desembarcar com o seu novo amante, o segundo tenor, um sujeito bexigoso, que tinha anneis em todos os dedos das mãos. Olhou-me

calma. Não me cumprimentou. Era como se nunca nos tivéssemos visto. Fiquei de novo irritado. Mas o procedimento della fôra de tal ordem, que eu, o violento, o estouvado, eu sentia a timidez de um rapazola, a vergonha de qualquer acto menos polido. Assim, em vez de ataca-la, de ter uma explicação, voltei a ter uma friza permanente no theatro, a mandar-lhe diariamente flores, a ser de novo o namorado! Quando estava nesse ridiculo, pensava: — «Ella deve ficar agradecida. O meu romantismo sobrepujará o estúpido tenor.» Ella continuava de gelo. Da sua permanente impassibilidade nasceu a pouco e pouco a minha irritação. Comecei a encarar o tenor com insolencia, a rir de sua voz. O tenor pareceu ter medo. Fiquei mais insolente e resolvi ir á caixa. Note você que não era paixão, era despeito só, talvez . . .

— Comprehendo.

— Não ria; despeito ou paixão, o certo é que eu ameaçava explodir. E na minha terra não haveria autoridades que obstassem uma campanha desagradavel ao pobre tenor e áquella impertinente mulhersinha... Pois estava eu assim uma noite e entrava na caixa durante o intervallo, quando vi o tenor desaparecer no camarim e a Etelvina vir a mim com a maior calma: — «Boa noite, Gastão!» Senti-me desarticulado: — «Afinal fallou-me, grande ingrata!» — «Oh,

homem, não fallava porque V. não me cumprimentava. Os cavalheiros saúdam sempre primeiro... Demais, julguei tivesse o pouco senso de não me ter dado razão no nosso rompimento...» — «Não houve rompimento da minha parte.» — «Ainda bem. Foi uma terminação, só.»

Depois, sem transição, levou-me naturalmente pelo fundo do palco, o braço enfiado no meu. E baixo, amigavel, carinhosamente: — «Fez você bem em vir cá ao palco. Tenho de fallar. E' aliás um pedido, Gastão. Que brincadeira é esta? Porque me persegue você?» — «Eu?» — «Como creançada, creio, já basta! Como cavalheiro, o Gastão nunca teria repetido tal pilheria, se pensasse no que faz!» — «Ora!» — «Antes, bem. Mas agora, depois de um bom momento que passou e não poderá mais voltar!» — «Porque?» — «Gastão, para que phrases inúteis? O encanto rompeu-se. Sabe bem. Nem eu, nem você, poderíamos recommençar senão para mutuamente nos odiar. Depois não quero, não recommenço nunca. E' estupidez querer fazer novo um copo que quebrou.» Fiquei um momento calado, como creança teimosa que ainda insiste: — «Mas eu gosto tanto de você...» — «Estamos a falar sério.» — «Podia ser só uma vez mais...» — «Que tollice, Gastão.» — «Creio que não ama o tenor bexigoso?» — «Para você basta dizer que o respeito. Queria que eu fizesse contra você

o que me propõe contra elle? De resto é mesmo a seu respeito que desejaria falar. O rapaz tem soffrido com os seus modos, Gastão. Isso é tão triste, para um homem como você!... Pediu-me até para falar-lhe. Conto com este favor seu. Deixe de disparates, de conquistas, — seja camarada de quem nunca lhe deu um desgosto... Ao menos! O que foi, foi — passou. Nunca, em hypothese alguma, torno a ser sua amante. Não envenene a minha vida. Seja gentil, seja amigo. Posso contar?...» Olhei-a immenso tempo, depois disse: «És exquisita a valer.» «Não, sou honesta.» — «E' uma explicação.» — «Não, é a verdade. Fui e continuo a ser sempre honesta.» Curvei-me: — «Será satisfeita, Etelevina...»

Deixei a caixa e nunca mais voltei ao theatro. Sinto uma sensação indecifrável quando a vejo. Como não consegui comprehendel-a, evito os cumprimentos, o mal estar das saudações...

Houve um silencio. O outro cavalheiro perguntou, como continuando:

— Agora, porém, parece-me que ella não veiu com o tenor?

— Não, está com o secretario da companhia e já estive com um jornalista.

— Cada vez mais menina e mais honesta?

— Tal qual como commigo, com o Eusebio, os anteriores e de certo os futuros...

O cavalheiro pensou:

— D'ahi talvez seja um genero. Honestidade é uma questão de interpretação. No fundo, Etelevina não tem vicio porque só ama um de cada vez: é digna porque tem a lealdade de não enganar aquelle com quem está; é mulher porque não gosta só de um para toda a vida. Quanto á honestidade, de facto ninguem póde dizer que não é das mais honestas. Talvez de um modo singular. Honesta por partidas, honesta successivamente. . .

Mas no saguão do theatro as campainhas retiniam. O cavalheiro riu com deleite da sua phrase. Quanto a Gastão da Fonseca não riu — talvez por não ter ouvido. Estava preocupado, á procura da cadeira. A honestidade, successiva ou absoluta, apparente ou real, é das qualidades que na mulher mais interessam ao homem. Porque, quando a possui um homem, vive na preocupação de vel-a roubada pelos outros, e quando a vê com os outros, só pensa em corrompê-la.



## Cleopatra

O melhor momento da vida! Que perpetuo segredo da silenciosa dadiwa que o destino faz sem nos prevenir nem antes nem depois! Para tudo ha avisos, indicios, annuncios. Para a felicidade nunca. A sorte é discreta: não diz estar presente. Andamos tão desejosos de mais alegria e mais satisfações que não nos vemos, não nos sentimos no melhor momento, quando estamos no melhor momento. . .

Quando lhe morreu o pae, Raul Guimarães não comprehendeu que atravessava a época da felicidade. Elle voltava com vinte e quatro annos dos Estados Unidos. Sabia nadar, falar inglez, jogar o boxe, usava um cinturão, andava com rapidez e pretendia entrar em negocios praticos. O pai, com a sclerose adeantadissima e vagamente assustado, não lhe deu tempo para os negocios: rebentou certa manhã. Raul Guimarães acompanhou o enterro e foi ver o testamento. Ficava com setenta contos em dinheiro e o velho casarão paterno em Ipanema. Immediatamente a ancia dos negocios cessou. Chefe de um grupo de rapazes nadadores nas imme-

dições da Igrejinha, encontrara ahí um sujeito de origem desconhecida que sabia o japonéz e era professor de *jiu-jitsu*. O grave problema da sua vida era a urgencia de jogar o *jiu-jitsu* e falar japonéz. Tomou o professor por conta. E a sua vida tornou-se chronometricamente feliz. Acordava ás seis da manhã e estudava com o professor a lingua do Imperio do Sol Nascente. A's nove e meia chegavam os rapazes camaradas para os trancos do *jiu-jitsu*. Nesse exercicio passavam até ao meio dia. Suado, esfalfado e victorioso, Raul entrava numa prolongada ducha fria. Em seguida almoçavam todos: o professor, os camaradas e elle. Brutalmente. Pratazadas de feijão, de carnes, grandes copos de vinho. Terminado o repasto, a companhia eclipsava-se. Raul ia dormir. Dormia até ás seis horas, jantava e vinha á cidade, dar um gyro. Em geral assistia ao programma de varios cinematographos. A's onze horas estava de volta ao solar, e dormia até o outro dia, sem sonhos. Vivia na cidade, ausente da cidade e do mundo. Não lia um jornal. Nem livros. Estava gordo, corado, feliz. A sua gloria era falar o japonéz e jogar o *jiu-jitsu*. No jogo, ninguem o vencia. Na lingua, com a sua extraordinaria vocação para aprender idiomas estrangeiros, o professor assegurava que elle fallava melhor do que o ministro do Mikado. Faltava apenas uma outra

pessoa que falasse o japonéz, para provar. Como todo o homem forte, Raul Guimarães era bom e era simples.

Uma vez, num cinematographo, o professor de japonéz fez-se apparecido, no intervallo entre duas projecções.

— Que prazer vel-o, Raul!

— Que ha?

— Encontrei uma senhora que fala japonéz. E' americana e joven. Viveu muito tempo em Ieddo. Está no Rio, com o director do Trust Universal de Lacticinios, o velho Harry Goldschimidt. E' aquella.

Raul olhou. Viu uma pequena morena, de tailleur azul e olhos verdes. Mas a luz apagou-se. E logo elle esqueceu a dama e cuidou especialmente de ver o film, o vigesimo quinto episodio em doze partes de um drama policial que ninguem seria capaz de comprehender.

Ao terminar a sessão, á porta, o professor chamou-o. Na confusão da saída, houve as apresentações.

— Miss Gladys Fire, que fala japonéz.

Raul olhou a dama como um torneio de que sairia vencedor. Os tres desceram a Avenida até o ponto dos bondes falando japonéz, Raul estava contentissimo. Não era que elle fallava mesmo? As palavras vinham-lhe aos labios sem o menor esforço. As replicas eram até com es-

pirito. No ponto dos bondes, miss Gladys Fire, que tinha os labios finos, participou que seguiria no mesmo tremvia. Morava em Botafogo. Conversaram mais japonez no mesmo banco. Naturalmente discutiram o *jiu-jitsu*. Ella mostrava um certo desejo de ver a aula matinal. E ao despedir-se:

— Qualquer destas manhãs appareço por lá. Não aborrecerei. Sou como um rapaz.

O professor de japonez, quando a viu pelas costas, deu informações. Gladys Fire era excêntrica, como todas as americanas. Diziam-na ardente, voraz, de uma sensualidade terrível, mas fiel a Goldschimidt. O velho ricaço dava-lhe fortunas e a maior liberdade. Apenas, ao que se dizia, dera a sua palavra de honra que a abandonaria quando soubesse ser enganado. Gladys conversava com muitos rapazes, denominava nos clubs Goldschimidt de Cold-meat, trocadilho que não deixava duvida acerca da frieza incapaz do amante. Mas era fiel. Todos esses innumeraveis rapazes, fortes, bonitos, bem dispostos, que parecem trafegar a Avenida, á disposição das damas, como taxímetros de satisfação carnal, não se atreviam á vangloria de se dizerem conquistados por ella.

— E ella terá algum?

— Mas, de certo, grande ingenuo. Deve ter tido muitos. Apenas, qualquer coisa de mys-

terioso os força a guardar segredo. Ella de certo ameaça-os com tremendas coisas, que se realisam. . .

Raul Guimarães riu com a sua ingenuidade.

— Você tem cada uma!

— Não posso affirmar, murmurou o professor de japonéz. Mas ha um anno, quando ella aqui chegou, apontavam-na como amante de um desses rapazes cuja vida é ter amantes, um tal Oscar Benevenuto. Dizem mesmo que Oscar confessara o caso no club. Dias depois, como elle tinha o habito da morphina, foi encontrado morto no quarto. Injectara morphina demais.

— E foi ella?

— Ella foi só chamada á policia e lá esteve insolentissima com o Cold-meat, perdão, com o Goldschimidt. . .

Raul Guimarães achou muita graça. Um drama como nos cinemas em pleno Rio! Uma qualquer mulher por conta de um *truster* que possui os rapazes e os obriga ao segredo e os mata quando elles a traem! Mas estava com muito somno. Ao chegar á casa, dormiu bem. Tanto mais quanto aquella creaturinha de beiços finos e olhos verdes não o impressionara.

No dia seguinte, á hora do *jiu-jitsu*, contou o occorrido aos camaradas.

— Já falo japonéz! Conversei hontem com a Gladys Fire.

Houve um reboliço. Os rapazes conheciam todos a Gladys Fire. E todos soturnamente repetiam o temor, a attracção que esse temor espalhava. O Justino Gouveia, um latagão habituado ás damas das pensões, entrou em pormenores.

— Eu fujo quando a vejo. . .

— Pois ella prometeu vir cá.

— Estamos perdidos.

— Mas afinal vocês são doidos. Não é possível.

Oito dias depois inesperadamente saltava á porta da residencia de Raul Guimarães, Gladys Fire. Viera a cavallo. Estava de bombachas, botas altas, grande chapéu de feltro. A sua entrada não foi sensacional. A residencia tinha dois criados bisonhos. Os rapazes estavam todos semi-nús no enorme salão transformado em *rink*. Raul jogava com o Justino Gouveia. Gladys entrou, fez signal que se não incomodassem e assistiu a varios trambulhões de Gouveia com um ar entendido. Depois, tratando todos de você, mostrou varios golpes de defeza e alguns de ataque. Achou interessantissima a casa, recusou o almoço, fumou alguns cigarros, referiu-se a proposito de seu cavallo e com immenso desprezo a Goldschimidt. Nada indicava nos seus gestos agrado por qualquer dos rapazes. De repente consultou o bracelete-relogio, bradou :

— Bom dia á companhia!

Precipitou-se sobre o cavallo e partiu a galope.

Essa visita foi motivo de commentario dos rapazes. Commentarios de jovens dados a exercicios physicos. O exercicio faz um grande bem á alma. Um nadador, um remador não tem a respeito da mulher que se approxima senão a idéa do sexo. Quanto ao resto são conservadores. Não haveria anarchistas se o mundo fosse povoado de hercules. Raul Guimarães, ao demais, não vira em Gladys Fire nem mesmo uma conquista. A vida americana em que passara largo tempo tirava ás extravagancias da rapariga o sabor do imprevisito. A sua epoca violentamente desportiva afastava o apetite do amor. A falta de imaginação preservava-lhe o cerebro. Por ultimo, elle gostava de mulheres fortes, loiras, sans e aquella era magra, morena, fragil, morbida.

A vida continuou, pois, perfeitamente feliz, sem que Raul dêsse por isso. Quando uma tarde, estando a dormir, o joven estudante de japonez acordou precisamente nos braços freneticos de uma pequena mulher. O quarto tinha as janelas cerradas. Uma calida semi-sombra espraivava a tentação das luxurias. Um assucarado perfume de essencia de rosa desnorteava-lhe o olfato. E a pequena mulher, numa ancia louca, dizia-

lhe caricias em inglez. Era Gladys Fire. Se Raul tivesse lido muitos livros teria deixado o leito e, abrindo as janellas, exigiria explicações. Mas não lera. O seu movimento animal foi corresponder ao abraço. E, quando a mulher rola-va num suspiro de fadiga, só então levantou-se e rindo, exigiu as razões da insolita aparição.

— Porque gostei de ti! decretou ella olhando-o fixamente.

— Podias dizer — antes.

— Era perder tempo. Depois, só hoje, de facto, tive o desejo.

— E se eu recusasse?

— Não serias homem.

Elle sorriu. E' incommensuravel a tolice masculina. Naquelle momento exactamente julgou que começava a ser feliz. Mesmo sem fantasia sempre architectara o prazer de ser desejado por uma creatura. Ella saltara tambem do leito.

— Não ralhes com os criados que me deixaram entrar.

Vestiu-se. Estendeu-lhe a mão.

— Peço-te o maior cuidado com as indiscreções. Eu perderia tudo se esse intoleravel Cold-meat viesse a saber.

— Ah! é verdade, as historias... As tuas ameaças. Mas, francamente, comigo...

— Ameaças. E' que eu não poderia voltar mais...

Voltou. A principio com espaços que foram encurtando. Depois, todos os dias. Raul recebia sem interesse, nos primeiros dias, o caso. Sem interesse d'alma. Mas o amor vem do habito, principalmente nos simples. Elle não gostava da mulher, mas achava aquella série de visitas de alta significação. O proprio vago receio das entrevistas iniciaes desfez-se. Ella era canina, com um appetite de amor canino. E inoffensiva. Trazia ás vezes um revólver ou pretendia fazel-o tomar opio. No fundo, entretanto, o seu desejo tornava-a inoffensiva.

Apenas é difficil occultar o amor, a passagem feminina, seja ella qual for, seja numa casa, seja numa alma. Tudo se dilata e transforma, tudo parece dizer a propria depravação, os objectos, as paredes, o ar. Uma casa de rapazes, frequentada só pelos rapazes, muda á breve passagem de uma creatura do sexo opposto. Os mais embotados sentem ao entrar qualquer coisa de diverso, de immensamente diverso. Um mal estar sem razão apparente estabelece reservas nas relações dos homens, phrases ambiguas surgem sem desejo de quem as profere. Ha o imprevisto, que é sempre o amor, por mais banal. Na casa de Raul não foi só o jogo indefinivel das apparencias. Ao cabo de duas semanas elle deixára não só de vir á cidade como de dar diariamente a sua lição de japonez. Em seguida não entrou no

*jiu-jitsu*. Depois aquelles rapazes que antes se referiam ás mulheres como uma funcção sem poesia, em vez de aventuras de força, deram para contar amores, paixões. O proprio professor parasita, que afinal lograra um logar no corpo de agentes secretas, tinha noticias de acontecimentos passionaes em que fazia de personagem principal.

Por fim, Raul ficou tão differente que os seus excellentes camaradas resolveram espial-o. E como Gladys Fire chegava ás tres da tarde, logo descobriram tudo com alarido. O professor, na lição de japonez, preveniu-o:

— Olhe que já sabem.

— Mas é falso.

— E' preciso dizer isso até ao fim.

— Por que?

— Ha Goldschimidt . . . Eu atrevo-me a dar-lhe um conselho: Negar e partir. Que lhe adianta essa mulher? Nada! Reuna os restos do seu dinheiro e vá dar um passeio á Europa.

Raul Guimarães indignou-se. Ninguem tinha nada com a sua vida! Neste estado d'alma recebeu os amigos. A' primeira allusão rebentou violento. A uma phrase de Justino Gouveia bradou:

— Que seja! Sou livre; ella é livre. Não morro de caretas.

E o seu enervamento cresceu porque Gladys

Fire desaparecera. Só oito dias depois, ainda á tarde, recebeu um recado. Ella esperava-o num automovel. Armou-se e partiu. Gladys mostra-se apavorada. Tinham ido contar a Goldschimidt. Goldschimidt sabia tudo e mandara vigial-a. Bem sabia ser culpada. Elle porém negára sempre?

— Sempre! Não por medo, por dignidade.

Era preciso deixar passar as suspeitas. Estavam terminados os encontros. Com que pena! Jamais amara assim! Elle era tão bom, tão forte. . . Que pena! Tambem logo que houvesse occasião, mandava-lhe um aviso, para se encontrarem por ahi, em qualquer parte. . . A conclusão banalissima de uma aventura.

Raul Guimarães voltou humilhado aos camaradas. Repetiram-se as lutas de *jiu-jitsu*, repetiram-se as lições de japonéz. Sem entusiasmo. Elle explicava já saber tanto uma como outra coisa. O bando deu para os *raids* de resistencia em natação. O professor já não apparecia porque tinha outras aulas. Elle, sem ter amado, sentia o despeito. Aos amigos intimos chegou a dizer:

— Quanta historia inventada! Acabámos aquillo estupidamente.

— Ella tem agora um mecanico de garage!

— Sempre guardando o segredo? Porca!

Dois mezes depois, entrando num cinemato-

grapho, Raul notou com alvoroço que era seguido pela insignificante Gladys Fire. Sentou-se. Ella sentou-se ao lado. E imperceptivelmente:

— Ha quanto tempo! Estou com saudades. Não resisto. Queres amanhã?

— Onde?

— Na Tijuca. Esperas-me no Mangue. Serve? A's duas da tarde. Não digas a ninguem.

— Levo automovel?

— E' melhor no meu. Alugo qualquer. Sáo agora.

Raul Guimarães saiu no escuro deixando a fita em meio. Estava alegre e preocupado. Encontrou o professor e quiz contar-lhe o occorrido. Mas teve vergonha. Encontrou Gouveia e, apesar do immenso desejo de lhe dar parte do occorrido, não falou. Foi para a casa e nao dormiu, agitado, nervoso. Pela manhã não nadou. Almoçou mais cedo. Ao sair lembrou-se do revólver, da carteira de identificação. Voltou a buscal-os. Veio para a cidade num taxi, gritando com o motorista, receiando a velocidade nas curvas, temendo desastres. Era tal o seu estado nervoso, que fez de bonde o trajecto até o Mangue.

Na tarde do mesmo dia, Justino Gouveia jantava num dos restaurantes de luxo, quando viu entrar maravilhosamente vestida e pallida Gladys Fire. Acompanhava-a o velho truster Gol-

dschimidt, de casaca. Gladys parecia vestida de lhama d'oiro. O seu corpo flebil dansava dentro do fulgor. Debaixo do retrato de Raul Guimarães e da photographia de um automovel em pedaços de encontro a uma arvore, uma noticia, elle a lia como se não a lesse: «Hoje, ás tres da tarde, na volta da Gavea, indo a toda a velocidade, o automovel 2532 despedaçou-se de encontro a uma arvore. O passageiro, o sportman Raul Guimarães, morreu instantaneamente. O motarista foi encontrado no precipicio com uma pedra sobre o craneo. A policia abriu rigoroso inquerito. A nossa reportagem seguiu para o local.»

Pedi a conta, ergueu-se. Antes de sair, os olhos rasos d'agua, caíram por acaso onde estava o casal. Gladys Fire escolhia o cardapio tão tranquillã, que não teve coragem de lhe dar a triste nova e saiu aos soluços...



## A linda desconhecida

Foi no inverno passado. Estava a preparar-me diante do espelho para a primeira recepção da ministra da China, matrona horrendo nascida na Inglaterra. De repente olhei o meu physico, alarmadamente. Eu engordava. De mais. Muito. Ninguem é gordo por prazer. O unico sério combate da minha vida tem sido contra a adiposidade, considerada imbecilidade dos tecidos. A revelação do espelho fulminou-me. Em vez de ir saudar a velha diplomata, corri ao consultorio de um medico amigo. E no dia seguinte, com indicações severas e varias receitas, abandonava a cidade pela montanha. E' impossivel viver na cidade durante o inverno sem comer de mais, sem dormir pela madrugada, sem acordar ao meio dia. Para diminuir, dissera-me o facultativo, seria necessario acordar á hora em que me deitava, tomar as refeições de accordo com inflexiveis horarios, não beber champagne, sujeitar-me a duchas, massagens e acelerados passeios a pé. Só na montanha.

Fui para a Tijuca, Alto da Boa-Vista. Assim, por causa de uma simples diathese, perdia o in-

verno um dos seus incontestaveis ornamentos, e soffria eu no hotel deserto o verdadeiro exilio, pois, com medo de não resistir á tentação das sessões mundanas, banira os jornaes e vivia a uma hora da cidade, como se nos separassem vinte dias de viagem atravez a floresta.

Tambem me vingava da estravagancia do ventre. A's cinco da manhã, ainda escuro, já estava na gymnastica sueca e na massagem. Depois, das sete ao meio dia, corria a montanha como um furioso. Almoçava fructas, uma taça de chá a ferver. Voltava a andar até á hora da outra massagem com banho de ar quente. Ao cabo de quatro semanas de tal regimen, sendo impossivel morrer, parecia um convalescente. Sentia-me fraco. O somno invencivel pregava-me nas cadeiras após a refeição. A melancholia enchia-me o pensamento.

Precisamente nesse estado, quando, temendo a volta da gordura, eu não reagia contra a melancholia, comecei a soffrer da indifferença com que não reparava em mim uma formosa senhora. Encontrava-a todos os dias, pela manhã e á tarde, acompanhada de manhã por um cavalheiro e um chapéu de palha, ao cair do sol só pelo chapéu. E nem com o chapéu nem com o cavalheiro, a formosa senhora parecia dar por mim. Isso irritou a minha sensibilidade de homem da sociedade, abatido pelo regimen.

— Como se chama aquella dama que passeia tanto? indaguei de um detestavel creado do hotel.

— Della não sei o nome. Do homem sim. Chama-se Anthero. Moram com dois creados allemães, numa pequena casa entre moitas, perto da Gavea. Anda ali mysterio. . .

— Por que?

— Ella nunca desceu á cidade, e vae para quatro mezes que estão cá.

— Não é uma razão.

— Acha? Mulher bonita a esconder-se. . .

— Ama de certo.

— O Sr. Anthero é que tem ciumes.

— São casados?

— Podemos lá saber?

Cortei a palestra, certo de que tinha dado confiança de mais ao criado. Fiquei com raiva do creado. Do que conclui, ao chegar ao quarto, estar a soffrer não tanto da diathese gordurosa como de uma forte neurasthenia. Os neurasthenicos têm idéas fixas. A minha preocupação não seria symptomatica? No mesmo dia mandei buscar ampolas de neurosoro e comecei de injectar-me strychnina.

Apenas via a linda senhora de instante a instante. Ella era morena, de um moreno ardente. Lembrava-me uma dessas mangas-rosa que excitam de longe o appetite do olfato e do gosto

Depois, dois grandes olhos negros, uma cabelleira de opera, inexistente na vida real, negra, enorme, cabelleira que parecia a noite e devia ter todos os cheiros das florestas á noite. Vestia sempre de branco, muito simples. O corpo vivia dentro dos linhos com os coleios lascivos das bayadeiras. Emfim, provocante! Provocante e insolente. Porque só propositalmente, só pelo desejo directo de ser-me desagradavel essa senhora poderia continuar a não me ver a mim, homem conhecido, sem o menor interesse pela minha gordura, o meu exilio, a minha neurasthenia.

Esse processo irritaria qualquer. Eu entretanto seria superior. Não daria por ella. Nem pelo enorme chapéu de palha. Nem pelo homem chamado Anthero. Teria de facto reparado nessa accidental illustração de paysagem?

Por contradicção de molestia fiz exactamente o contrario do que resolvera. Em primeiro lugar, não subia mais a correr a estrada. Ia de vagar. Seria ridiculo se ella descobrisse que eu corria para derreter o ventre. Depois, organizei composições elegantes de fatos, vestindo-me como os galãs do Vaudeville nos actos que se passam em St. Moritse ou em Corfú. E inaugurei o meu ar Balzac, o ar psychologo, graças ao qual tenho sido tão facilmente enganado por todas as mulheres. Assim os cumprimentei, ao homem

chamado Anthero e a ella. Foi um cumprimento discreto, superior, longinquo. Como quem diz: «ah! estão ahi...» O homem tirou o chapéu, secco. Ella não me viu. No dia seguinte, de rai-va, ignorei-os. Mas, tempo adeante, encontrá-mo-nos na estrada em torno de um automovel, a que as arvores tinham pregado a peça de re-bentar.

— E' curioso, monologuei alto. Os motoristas sabem que a volta da Gavea é perigosa, e con-tinuam a fazel-a a toda a velocidade, apesar dos consecutivos desastres.

Os dois estavam calados. Achei-me ridiculo. E a elle, directamente:

-- Teria havido mortes a lamentar?

— Não sei. Passavamos; parámos um ins-tante.

— Dentro em pouco cá estará a policia.

— E' verdade, exclamou ella. Vamos, An-thero.

— V. Ex.<sup>a</sup> tem razão. Já não ha tranquillidade nem no alto da Tijuca.

O par afastou-se. Voltei ao hotel, sem saber o que fazer do dia. Para matar o tempo, accei-tei do hoteleiro uma partida de bilhar. Estava doente. Aquella gente prejudicava o meu trata-mento. Era preciso reagir. No dia seguinte pas-sei por elles sem os ver, no outro fui até á praça para não os encontrar. Tornava-se, porém,

obsedante o desejo de ser camarada daquella senhora que me não olhava. Assim, se evitava o par pela manhã e á tarde, dei de me fazer encontrado quando ella passeava só com o seu chapéu de palha. Uma vez falei-lhe de repente, como visinho:

— V. Ex.<sup>a</sup> passeia a valer.

Ella olhou-me sem responder. Eu multipliquei as phrazes idiotas. Cheguei mesmo a dar explicações de coisas que ella não perguntara.

— No inverno, a Tijuca só para doentes. Eu estou cá por doença. Não pareço. Pois tenho mesmo varias. Primeira, a gordura.

— Faz-lhe mal?

— Principalmente á neurasthenia, que é a minha segunda enfermidade.

Ella agitava a sombrinha, impaciente. E de repente:

— Diz-me que horas são?

Compreendi. Era o momento de dar-lhe uma lição, agora que a forçara a ver-me:

— As horas que V. Ex.<sup>a</sup> quer.

— Como sabe?

— Porque V. Ex.<sup>a</sup> quer que eu a deixe. Não me julgue, entretanto, erradamente. Sou um cavalheiro. Não pensava abusar, falando-lhe. Às ordens, excellentissima.

Curvei-me. E continuei a andar. Ella ficara meio espantada. Eu caminhava radiante. Prom-

pto! Estava acabado! Não me preocuparia mais com a desatenção do par. Poderia vel-os aos beijos e não me aborreceria. Mas, como na tarde do mesmo dia os encontrasse abraçados, perdi a cabeça, certo de que era um acinte pessoal, uma troça ao meu exílio. Bem posso dizer que não sahi da estrada, emquanto a não vi surgir só no dia seguinte. Ella, aliás, parecera ter mudado. Sorria amavel. E em vez de uma explicação minha, foi ella quem falou:

— Esperava-o. Como se chama o senhor?

— Justino Pereira. Tenho que pedir desculpas.

— Ao contrario, Sr. Justino Pereira. Fiquei hontem certa de que é um gentleman.

O qualificativo em inglez inclinou-me lisonjeado.

— Acha?

— Tanto que o esperava para pedir-lhe um obsequio.

— V. Ex.<sup>a</sup> manda.

— Vou falar com franqueza, sem vaidade. Não veja nas minhas palavras senão necessidade urgente.

— Ouço-a

— O sr. Justino Pereira, desde que appareceu, vejo-o tentar chamar-me a attenção. Não proteste. Ha coisas que as mulheres veem, mesmo quando não olham. A sua irritação cresce e

hontem começou a explodir. Ora, tenho a certeza que terminaremos esse mal-estar sem motivo. Não tenho pelo sr. a menor antipathia. Seria interessante se podessemos conversar. Ha, porém, motivos especiaes que me inibem relações. O senhor cura as suas doenças. Eu estou tambem curando as minhas, convalescendo de um grave mal. Aquelle que me salvou, ama-me. E' Anthero. Ama-me e tem um louco ciume, com razão e sem razão. A sua insistencia, percebida por elle, far-me-ia soffrer muito. E eu não posso mais soffrer!

Ella dissera aquillo com tal dor que balbuciei:

— Oh! minha senhora!...

— Sim. Teria de recommençar o impossivel. Vi que felizmente não é um amoroso. Os amorosos não se convencem. Eis porque vim pedir-lhe que seja amigo de uma desconhecida, não insistindo em falar-me. Talvez pareça-lhe imprevisita. Seria impossivel entretanto contar-lhe os motivos que me forçam a fallar assim. Sr. Justino Pereira, conto com a sua palavra?

Tomei um grande ar:

— Será obedecida!

E voltei ao hotel assim. Estavamos em pleno drama! Aquella creatura na Tijuca durante o inverno, guardada por um homem ciumento que a salvara de coisas atrozes, o mysterio e ao mesmo tempo a franqueza imprevisita com que

ella confessara ter reparado em mim . . . Apenas, a imaginação das mulheres é capaz de inventar os maiores dramas. Eu devia oscillar entre acreditar e duvidar. Mas acreditar em que? Mas duvidar de que? Oh! Seria pouco masculino não esclarecer os factos. Nessa exhaustiva meditação, ao entrar num dos salões do hotel — o salão do gerente, esbarrei, positivamente, esbarrei com o Rodolpho Paixão, grande figura da *set* indigena, commerciante durante o dia, elegante o resto do tempo, sempre atrapalhado com mil conquistas e sabendo e querendo saber a vida de todo o mundo.

— Tu, aqui? Que fazes?

— Eu é que pergunto que vens cá fazer?

Paixão sorriu.

— Procurar-te. Não ha quem não indague de ti! O inverno tem estado escandaloso.

— Vaes trazer o escandalo até a montanha?

— Não fazes o mesmo?

— Mas creatura de Deus, estou cá por doença. Ha um mez!

— Oh!

— Varias doenças: diathese gordurosa, neurasthenia . . .

— Deves andar aborrecido.

— Não tanto. Faço no deserto o que tu fazes na cidade: interesse-me pela vida dos outros. Ainda agora anda por cá um grande amor nas-

cido lá em baixo ha quatro mezes e que tu não sabes.

— Serio?

— O homem chama-se Anthero.

— Não digas mais! gritou Paixão. Conheço o caso. Anthero é socio de uma casa de couros: Gomes e Ferreira. Abandonou a familia por causa dessa mulher, que aliás não conheço. Sei só que é casada, reincidente no adulterio...

— E' lindissima!

— Com que entusiasmo dizes isso!

Depois Paixão consultou o relógio, deu-me dois dedos e partiu. De modo que fiquei com outras idéas. Um pouco contradictorias, aliás. Queria voltar á vida activa das festas e sentia-me deslocado, tinha impetos de pedir a conta e julgava-me destinado a nunca mais deixar aquella detestavel casa d'hospedes, julgava-me idiota e ao mesmo tempo escolhido pelo Destino para accentuar conhecimento com os amores de Anthero da casa Gomes e Ferreira. Neurasthenia. Falta do que fazer, talvez. E o incrível é que fiquei nesse estado de angustiosa indecisão quarenta e oito horas!

Ao cabo desse tempo lembrei-me de fazer exercicio, e sahi. Estava o dia nublado. Eram duas da tarde. Ninguem pela estrada. Não pensava enconral-a e os meus passos corriam para o *cottage* da descida da Gavea. Qualquer coisa

dentro em mim affirmava que eu iria acabar a aventura. Ha desses instinctos, dessas certezas. De repente, numa das voltas da estrada, os meus olhos viram em baixo a subir ao meu encontro a linda creatura de vestido branco e um homem baixo que com ella falava. O homem não era Anthero. Mas a scena não parecia d'amor. Ella subia nervosa, discutindo. Saltei da estrada para uns mattos marginaes. Podia ser indecente o procedimento. Felizmente os homens de sociedade têm desculpas. De qual-quer forma, eu affrontava sem utilidade o ridiculo. As vozes approximavam-se. Não tive tempo de discutir mentalmente o meu proprio acto. Vi a linda creatura parar offegante deante do homensinho, picado de bexiga.

— Vamos a saber: que queres?

— Sou muito desgraçado. Não posso viver sem o teu amor. Quero a tua companhia.

— Tu?

— Eu, sim. Por que não? Fui para a cadeia, certo de que me estimavas, sahi para os teus braços.

— Tu?

— Eu, sim. Por que fugiste? Que te fiz eu? Esqueces que eu sou teu...

— Não continues! Não continues!

— Arranjaste outro então? Mas eu é que não te largo!

— Miseravel !

— Custou para descobrir-te o paradeiro. Temos de nos juntar de novo. Estou sem emprego, preciso de dinheiro.

— Canalha !

— Se gritas, faço encandalo. Já não tenho o que perder.

— Ladrão !

— Isso. Chama-me nomes. Mas vem d'ahi.

— Larga-me !

Vi-o agarral-a pelo braço. Perdi a cabeça. Saltei na estrada, theatralmente, berrando :

— Que faz o senhor ?

O homensinho recuou. Ella, livida, encostou-se a um tronco d'arvore, aos soluços.

— Minha senhora, não chore. Estou aqui para defendel-a.

O homensinho sorriu, limpou o labio fino com o lenço. E disse, friamente :

— Perdão. O senhor engana-se. Esta senhora é minha mulher.

— E o senhor é um bandido que vae deixal-a já.

— Como ?

— Ouvi as suas palavras. Suma-se ou chamo a policia.

A esta ultima palavra, o sujeito indireitou-se, olhou-me como a avaliar a minha decisão. Depois, tornou ao sorriso cynico, e dando d'hombros, a ella :

— Não creias que te esqueço. Has de ter breve noticias minhas. Até logo!

E continuou a subir a estrada, só. Em pouco perdia-se no alto com o passo regular de quem passeia. Então voltei-me para a linda creatura. Ella soluçava baixinho:

— Covarde! Covarde!

— Por quem é, não se enerve mais. Acabou. Volte para a sua casa. E' melhor. Eu ficarei vigiando. . .

— Já agora perdi a minha tranquillidade. Elle voltará. Elle quer dinheiro.

Teve um arranco:

— Não quero que pense de mim o que eu não sou. Devo contar-lhe tudo, contar-lhe o que ainda não contei a ninguem. O senhor é um homem generoso. Compreenderá.

— Será para outra vez.

— Será já. Tenha piedade. E' preciso que alguem me absolva no horror desta vida! Esse miseravel é meu marido. Casei-me aos dezoito annos. Tenho vinte e dois. Não o amava. Casei por que era um rapaz bem empregado. Mas seis mezes depois, elle passou á vida das orgias e das tavolagens, abandonando-me. Resisti a todos os desastres. Resisti á penuria, á fome. Ha anno e meio, já sem motivo senão para desprezal-o, soube que o tinham prendido como falsificador de firmas. Fiquei como doida. Corri á policia,

Elle fora apanhado em flagrante e todos diziam que não era o primeiro crime. Pedi para vel-o. Confessou-me tudo a chorar. Só eu poderia salvar-o! A idéa de que seria a mulher de um condemnado, de um falsario, allucinava-me. Não sabia a quem, como pedir. Mas tinha de salvar-o, para não ter no meu nome, na minha carne, o labéu atroz. Atirei-me, então, sem experiencia na infamia humana. Só, miseravelmente só, vi o que são os homens. Arranjei-lhe advogados.

Não tinha dinheiro. Entreguei-me. Necessitava que o tratassem com regalias por que adoecera na cadeia. Pedi, suppliquei, entreguei-me. O processo demorava. Faltava dinheiro? Ia a um, a outro. Vendia-me. Sem juro, sem prazo. Vel-o livre era o desejo. Esses homens, todos os homens não tinham importancia. Não os via. Via o meu marido absolvido, eu mulher de um homem que a justiça dissera não ser criminoso. Que importava o numero dos que me possuíam? Não os sentia. Machinalmente cedia pensando no que aquillo desfazia de maldades para elle. Um hoje, amanhã dois — nada. Não pensava no que poderiam dizer do meu proceder. Elle não me perguntava nunca de como eu arranjava dinheiro. Eu prostituia-me a quantos podessem vender a piedade por elle: continuos, juizes, homens. E andava pela rua de cabeça erguida.

Um dia, ao sahir da Detenção, precisava de duzentos mil réis, não sei mais para que papel. Vi Anthero a seguir-me. Fil-o parar, contei-lhe como uma doida a minha necessidade, o motivo. Elle abriu a carteira, deu-me a quantia. «Vá fazer o seu dever. Estimo-a agora mais do que antes. Quando precisar, venha a mim.» E não me tocou! Nesse dia foi como se me tirassem uma venda dos olhos. Senti-me com vergonha de mim mesma no nojo dos outros. Mas tinha de ir até ao fim, por que era superior ás minhas forças a idéa de ver meu marido condemnado. Anthero dava-me dinheiro, olhando-me tristemente. Nos ultimos dias anteriores ao julgamento, com a vontade a enfraquecer e o horror crescente de tudo aquillo, continuei, pedi, roguei, entreguei-me em segredo a alguns jurados. Mas quando, no tribunal, acabei de ouvir a sentença da absolvição, corri desvairada para um automovel, mandei tocar para a casa de Anthero, cahi-lhe aos pés: — «Salva-me! Esconde-me em qualquer lugar. Está acabado. Elle livre não posso mais vel-o, tenho-lhe nojo. E quero-te só a ti que tiveste pena, que és bom. . .»

Foi ha quatro mezes. Anthero trouxe-me para aqui. Estava a resuscitar, com medo de perder a felicidade, porque Anthero, sabendo o passado, tem no intimo o receio do futuro, guarda o amargor do ciume. O senhor viu como lhe falei.

O senhor viu, porém, mais: viu-me de novo nas mãos de meu marido, abjectamente cynico, querendo explorar-me. Estou perdida! Vou falar a Anthero. Não sei o que faça. Mas o senhor que o acaso fez meu juiz, não condemne esta desgraçada . . .

Respeitosamente beijei-lhe a mão. Depois, com calma :

— O caso é de simples resolução. V. Ex.<sup>a</sup> conta ao Sr. Anthero a scena de ha pouco. O Sr. Anthero previne a policia. A policia apesar de muito deficiente ainda presta serviços. Assim prende o malandrim de seu marido e deporta-o como caften que pretende ser da propria esposa.

— Nunca! bradou ella. E' meu marido. Não lhe posso fazer mal. Tenho-lhe asco. Por elle enlameei a mocidade e perdi a alegria. Tenho-lhe medo — medo do seu contacto, medo das desgraças que me vae trazer. Mas, preso, condemnado, meu marido . . . Não posso! Não posso! Não é possível!

— Que vae fazer então?

— Fugir, defender-me, não sei . . . não sei!

— Seja como entender. Terá sempre um amigo ao seu dispôr.

E despedi-me. Ella voltou a casa quasi a correr. Eu ao hotel, de vagar. Estava fatigadissimo. Deitei-me com seguro desejo de meditar. No fundo a pratica da vida fazia-me ter pena do

futuro de Anthero, até que Anthero se libertasse. Quanto á linda creatura, ao voltar-me na cama, notei que a minha curiosidade tivera uma tremenda falha : esquecera de saber-lhe o nome. Neurasthenia. Só podia ser neurasthenia. Fechei os olhos e dormi profundamente até o dia seguinte.

Não tornei, aliás, a ver a bella e infeliz senhora. A chuva, que estava a ameaçar, caiu sessenta horas consecutivas. Fazia frio, humidade. Fiquei preso no hotel. Depois tinha perdido o interesse. E' verdade. Essa historia parecia-me remota e confusa como a de Semiramis, por exemplo, que eu nunca ouvi contar senão por alto. E com razão. Nada mais inutil que a psychologia das mulheres. Nunca se sabe ao certo o que ellas são nem o que ellas querem . . .



## ○ veneno da literatura

— Justo!

— Boa noite.

— No trabalho da correspondencia?

— O martyrio dos escriptores que frequentam as columnas dos jornaes. . .

Era raro, cada noite, não encontrar na galeria de entrada do grande diario, áquella hora tardia, Justo de Souza. Vinha em geral de theatros, de recepções. Estava sempre de casaca. O rosto magro dizia fadiga, o olhar ardente confessava ancia. Mas a sua palavra era alegre e o conjunto de Justo de Souza exprimia a sympathia de uma intelligente elegancia. D'ahi não lhe invejarem aquella escandalosa correspondencia diaria em que se amontoavam pedidos, confissões, intrigas, applausos, desaforos.

Escrever nos jornaes é abrir uma tenda de loucuras no meio da rua! dizia elle, no fundo lisongeadado.

Uma certa vez encontrei-o attento sobre um maço de folhas escriptas á machina e rescendentes de perfume.

— Algum romance?

— De certo, uma brincadeira que continúa. Ha oito dias recebi uma carta como esta, longa de mais. Era uma senhora que se fazia donzela, maior e solteira, para declarar enorme paixão por mim. Já não tenho idade de causar paixões e muito me arreceio do ridiculo. Como a carta era bem escripta levei-a a algumas senhoras minhas amigas para que ellas descobrissem de quem seria a brincadeira. Não era nenhuma dellas. De homem tambem não podia ser. Não ha homem que por pilheria seja tão difuso.

— A carta não tinha indicações?

— Nem esta que é a segunda. Ella queixa-se de que não lhe dou importancia, conta historias com snobismo e ingenuidade e mais nada. Emfim deve continuar . . .

Dessa noite em diante, quando subia ao jornal e via Justo de Souza a ler a correspondencia, indagava sempre :

— E a rapariga mysteriosa?

Quando não havia cartas elle sacudia os hombros. Quando havia, porém, insensivelmente animava-se.

— E' um caso curioso, um caso morbido. Dez folhas de papel em machina de escrever ! Não se trata de um brinco de mulher. Positivamente encontro-me diante de um mysterio. Tanto mais quanto pelas cartas vejo que é uma rapariga ingenua mas intelligentissima. Nem uma só in-

dicação! O diabo é que ella sabe a minha vida e escreve-me coisas. . . Lê estas linhas!

— De uma vez li realmente o seguinte:

«Justo, meu supremo bem! — Recebeste minha carta ultima? Recebeste, sim. Sómente, como tomaste por orgulho e vaidade o que era apenas o receio de ser importuna, quizeste castigar-me. Que injustiça! Esperei tantos dias! És o soberano senhor: tens o direito de demonstrar o desagrado. Mas falla!

Custa-te ser paladino? Nas religiões antigas, havia deuses perversos, inexoraveis, mas nenhum vedava ao crente o direito da adoração nem da offerenda e da prece. Sê um deus, ainda mais barbaro, que tudo recusa e prohibe, mas deixa adivinhar os oraculos! Não sei o que pensar. O desdem silencioso é o mais despresivel. Em que o mereci? Que culpa tenho eu de ser ciumenta? Tanto quanto a de amar-te. E amo-te e sou ciumenta como não podes calcular! Quem me dera possuir um fluido, um elixir, um poder, um meio qualquer que te dêsse a amnesia de todas as mulheres que passaram em tua vida e que tambem te cegasse para todas as outras, no presente e no futuro!

Tivesse, então, a luz mais esplendor; a côr outros matizes que nunca ninguem viu; o perfume das rosas mais calor suave; e que o som

tivesse aos teus ouvidos vibrações, que nem aos Anjos Deus permite ouvir — para indemnisar-te, ó meu doce amado. Não seria possível amar tanto, mas, com certeza, amaria com mais tranquillidade teus queridos olhos sem memoria e apagados para sempre a todas as mulheres. Tenho ciume de tudo. Do teu passado desde o berço; ciumes do presente, nos menores factos da vida; e do futuro até a cova que te ha-de servir de sepultura!

E no emtanto, amo-te com tudo quanto ha de mais immaterial e fluido em nosso ser. E ás vezes até tenho desejo que ames uma outra como eu te amo para sentires a vida em toda a plenitude da belleza, do goso e até da dôr! Sou contradictoria, pensarás. E tu? Quem o não é?

Amo-te, minha deliciosa tortura! Amo-te! é tão bom dizel-o! Deixa que eu seja feliz um pouco.

Quererás banir-me da tua vida? As tuas mãos parecem-me agasalhantes e o teu gesto acolhedor. Em ti tudo é mentira? Tenho a cabeça fria e cançada de pensar soffrendo; toma-a em tuas mãos, que devem estar mornas e não a deixes rolar. Faze o que se faz a uma filha, tem paciencia carinhosa, debruça-te para escutar-me o balbucio e procura adivinhal-o. Tenho tanta cousa que contar-te e não sei como começar!

Quando me fazes soffrer, nunca tive a vontade de matar-te nem de matar-me. Seria o peccado que Deus não perdôa, mas dá-me o desejo de morrermos. Talvez que em minhas veias corra sangue assassino.

Quando soffro de ti ou por ti, rezo e não sei porque, dá-me o desejo de rever o passado e encontrar esse desejo de exterminio e amor que palpita no meu amor.»

— Que dizes? indagou Justo.

— E' difficil ter opinião sobre as mulheres. Em todo o caso, parece-me uma rapariga muito intelligente, meia tola, pervertida pelo veneno da literatura.

— Exactamente! E apesar de eu não saber quem é, tenho o horror de que ria de mim.

— Meu caro, no amor ou o amor é bastante forte para não ver o ridiculo ou quando se sente o ridiculo não existe amor...

— Pelo amor de Deus! Não posso crer no amor de uma pessoa que não conheço. E tenho quarenta e tres annos de experiencia das que se deixam ver...

Estas philosophias trocavamos pelo menos uma vez por semana, sempre que chegava uma carta. A mysteriosa escriptora, mantendo o mesmo ardor, mantinha a mesma incoercivel infantilidade, narrando uma vida fantastica, a sua

vida, *a vida como a desejaria viver*, com a preocupação evidente de espantar o pobre Justo. Eram allusões a Miss, sua aia, eram referencias aos galgos brancos, ao seu palacio, á sua fazenda, aos ancestraes fidalgos, ao pai embaixador. Devia haver uma verdade escondida n'essas creações. Havia mesmo a verdade inteira de uma profunda religião. Ao cabo de dois mezes ella assignou as cartas: *Leonia*. Mas só. Absolutamente só. E quem lesse essa correspondencia encontraria a marcha de uma intriga amorosa com desesperos, arrufos, extases, reconciliações, tão d'apparencia reaes que Justo punha as mãos na cabeça:

— Mas que papel faço eu em tudo isto?

E estava, afinal, inteiramente preso, querendo saber, querendo conhecer o mysterio. As cartas continuavam agora implacaveis. Cada acto de Justo era discutido ou embellezado. No dia seguinte áquelle em que o escriptor mundano fizera uma conferencia num salão em que todas as pessoas eram suas conhecidas, Justo mostrou-me a carta fatal. Dizia assim:

«Começaste a fallar. O meu *orgam de Corti* deve ser especialissimo. Ou já se acha muito aperfeiçoado ou muito proximo ainda do dos animaes.

Descubro no som vibrações que para todos

são desconhecidas. E associo essas vibrações, por um trabalho obscuro do meu cerebro e que não sei explicar, a côres, a matizes. Como que todos os meus sentidos percebem o som. A tua voz dá-me a impressão da prata aquecida pelo mel a ferver. Vejo-a côr das sempre-vivas e sinto-a no olfato e no tacto como o calor perfumado de uma mão enluvada, a roçar pelos labios. A primeira cousa que amei em ti foi a tua voz. Foi ella o fio conductor do meu coração. Depois olhei-te e amei os teus olhos.

Estavas alegre. Os teus olhos riam como tua boca. De repente, á leitura de uns versos, o teu ar tornou-se grave; o teu olhar nublou-se de uma expressão extranha. Senti que estremecias. E ao recommençares a leitura a tua voz era velada e tinhas a testa tão pallida que julguei-a fria! A quem viste? Em quem pensaste, meu amado? Foi o perfume de alguma rosa do Oriente que sentiste atravez dos versos que ouvias? Devia ter sido muito amada a *sultana* que a simples evocação de seu perfume quasi te fez desmaiar!

Cem annos que viva nunca esquecerei esse momento. Tive vontade de arrancar-te a alma. Mas qual d'ellas? Tenho-a no meu cerebro e já não sei qual é a minha. Não podias ter guardado as tuas recordações para outro logar em que não fossem percebidas e não houvesse quem

soffresse com ellas? Porque carregas a tortura para os outros? E' porque lhes trazes a felicidade? Faze só felizes! E' tão bom ser bom!

Fallavas em rosas e tua fronte estava orvalhada de suor como as rosas em manhãs de Julho.

Não desejaste o gesto de Desdemona? Eu fiz mentalmente o gesto d'ella, e o fiz melhor do que ella. Não sentiste que tua testa ficou cheirando a rosas? Eu a enchuguei com os meus cabellos.

Sem queres, sem saberes, simples acaso, o teu olhar duas vezes cruzou o meu olhar. Tive sonhos de rainha — Pensei, vê que loucura! que tinhas pensado em mim quando escrevias a tua conferencia. Foi verdade, meu amor?

Quizeste mostrar-me que conhecias muito bem os costumes turcos? Mas não conheces a alma das turcas e dizes que ellas não a têm. Será por isso que não são ciumentas? Imagina como devo sel-o, eu que tenho duas!

Eu sinto tanta alma! E ás vezes fico abysmada do poder que tens de crear-me e para mim ser Deus!

Ao partirmos dei ordem que o auto fosse a toda a velocidade e corresse sem destino por todos os logares asphaltados. Fazia luar, fazia frio e eu fiz das rosas travesseiro. Passeia tu tambem assim.

Um travesseiro de rosas é tão boa companhia! Se soubesses tudo o que se sonha? E mais do que o Oriente, são os quatro pontos cardeaes. E eu sonhei todos os céos, por que sonhei o impossivel céo do teu amor! Bebi luar; sacudi arvores cheias de murta; affaguei beija-flores; senti vestigios de perfume em plumas ha muito guardadas; lasquei o sandalo; machuquei a malva; embalei-me em redes; vi a corola das rosas cheia de besouros dourados; vi mil azas de insectos todas irisadas, atravez da luz; vi topazios lindos em velludos negros; mordi os jambos e mastiguei mangabas: ouvi violinos descendo dos montes; dancei cantando como Mignon; toquei as symphonias de Beethoven, sem resvalar uma nota; li Shakespeare e repeti insofrida a insofrida Julieta...

Não é melhor viajar com as rosas? Mas só com as rosas!

Vou viajar, porém, e não com ellas. Miss está muito fatigada e precisa subir a montanha. Voltarei em Agosto. Só te lerei com tres dias de atrazo. Eu que detestava as terças-feiras porque não escrevias! Quem dera que esse tempo voltasse! Agora é apenas uma vez na semana ou na quinzena.

Disse-te tanta tolice! Vás pensar: essa menina diz cousas que não são lá muito Sacré Cœur... Os modos d'ella tambem não serão

lã muito Sacré Cœur? Fica sabendo que os meus modos são sempre muito Sacré Cœur, mesmo quando me descalço e corro pela Praia Maravilhosa e subo a montanha. E se disser, como faço, que te amo, acharás que se não é muito Sacré Cœur, é pelo menos do coração de — *Leonina*.»

E o papel cheirava a uma exquisita mistura de chipre e violeta.

— O meu ridículo! murmurava Justo. Essa rapariga olha para mim e ri, talvez escreva de colaboração com as amigas... Não tenho que me queixar. Mas, francamente, a indecisão envolvente... Imagina que recebo agora também pelo rápido, em casa, presentes...

— Presentes?

— Mandou-me uma caixa de xarão com a *Imitação de Christo*, encadernada em velludo bordado. Tu ris? Eu riria também, se não estivesse numa situação extravagante. Por que essa creaturinha procede assim commigo, fazendo-me alvo de uma brincadeira cruel?

— Pode amar-te.

— E defende-se.

— E' o veneno da literatura.

— Com certeza. Olha, também faz versos.

Vi-o desdobrar a folha com receio. Felizmen-

te eram apenas algumas quadras ao *mais ingrato de todos os ingratos* :

Pouco me importa não ser amada ;  
Pouco me importa não ter seus ais.  
Todos os dias, de madrugada,  
Cantam-me as aves madrigaes.

Pouco me importa que não me queira ;  
Pouco me importa com o seu sentir.  
Todas as tardes, rosa faceira,  
Suspira terna por meu sorrir.

Pouco me importa que não me veja ;  
Pouco me importa com o seu olhar.  
Todas as noites, no céu lampeja,  
Formosa estrella ao meu deitar.

O caso era tão interessante que também eu fiquei preocupado e com aquelle perfume das cartas no olphato, como á espera de encontrar a possuidora. Mas ha tantas mulheres usando a mesma combinação que ellas julgam a unica ; ha hoje tantas senhoras que escrevem versos e amam literariamente. Nos salões que ambos frequentavamos, nos theatros em que estavamos juntos, muita vez pensei encontrar o perfume. Seria o da Genoveva d'Abrantes, a linda esposa do diplomata Genserico e que também faz versos? Seria o da joven marechala Eponina Mar-

ques? Seria o de Ruth, filha do visconde de Serro? Mas a velhissima baroneza de Salto, que nestes ultimos tempos adoptou o papel de Musa, e a dyonisica Alda Leme, romancista lyrica, usam o mesmo perfume e ha uma familia inteira: a Paiva Gomes, com cinco filhas intelligentes, recitando nos salões e todas com o mesmo perfume de chipre e violeta. Essas meninas são um modelo moral, sem flirts. Duas iam mesmo casar. A mais alegre, Margarida, desposaria Marco Pereira, um rapaz fortissimo dado ao *foot-ball*, inteiramente americano. Interroguei Justo sobre essas senhoras. Justo na ancia de saber já mostrara as cartas a essas senhoras suas camaradas. Só não falara á familia Gomes — a qual conhecia apenas de cumprimento. Com a anecdotia de Justo interessei a sociedade nesse inverno e uma vez a jantar na casa de Gomes contei a tortura do escriptor. As meninas ouviram-me espantadas.

— O difficil é saber a autora da brincadeira.

— Eu não me ralava! exclamou Marco, envolvido no olhar amoroso de Margarida.

— Não é tão difficil assim. Olhe eu parto do principio de que Leonia é da nossa sociedade. Conheço o typo das machinas de escrever.

— Ha muitas eguaes e hoje qual a casa em que não ha um desses objectos impessoaes?

— Conheço o papel tambem. Ora, com papel

machina e perfume, se não encontrar os tres reunidos, encontro pelo menos indicios.

— E com que fim?

— Para saber . . .

— Por simples coincidencia. Justo que recebia cartas de ciume com referencias a varias senhoras suas amigas, recebeu uma breve epistola:

«Escrevi-te ante-hontem para brincar e não perfumei a carta para ficares desconfiado. Recebeste-a? Recebeste sim. Se me desses a entender que o meu gracejo chegou-te, sabes o que faria? Não te digo porque talvez seja peor. Vou-te deixar em paz; volto para a roça.

Hoje me disseram que estavas apaixonado por uma cigana. Uma cigana! Certamente que aquellos cabellos asperos não cheiram a rosas.

Já não tenho mais ciume de ninguem. Quem está apaixonado por trez pessoas a um tempo não gosta de nenhuma. E eu olharei sempre os cravos sem lembrar-me dessa Carmen sem poesia e se não cantar a habaneira é porque Biset não a escreveu para soprano dramatico. Felizmente não tens a alma nem o punhal de D. José!

Tu sabes que alguns animaes foram muito agradecidos a S. Francisco de Assis que os chamou seus irmãos. E a ti, creatura humana, qual o nome que não dei que não fosse só carinho?! Has de pensar, ás vezes, que sou uma insensata

e que penso e desejo que me possas amar. Nunca tive essa ambição, mas ao menos podias deixar adivinhar que gostavas que te amasse! E dizer que chego a pensar que me guardas rancor porque... não me podes mostrar aos outros!

Escrevo-te por ser esse o meu unico consolo; nem si quer te vejo! Porque não quero, pensarás tu. Porque não posso, porque tenho medo! A ultima vez que te vi foi no dia 3o de junho. Fui uma tola em te escrever! Privei-me do pouco que tinha para não ter cousa nenhuma! Se ao menos gostasses das minhas pobres cartas!

Já pensei em abandonar essa cidade para ter mais liberdade e viver um pouco como toda a gente. Meu destino escravizou-me, meu amor acorrentou-me e tenho tantas vezes vontade de ser livre e de correr!

Mesmo que ainda me demore aqui uns dias, antes de partir para a roça não te escreverei, meu querido ingrato. Até a volta?... — *Leonia.*»

Não sei porque esta carta fez-me insistir nas minhas atenções á familia Paiva. No Municipal passava intervallos inteiros na sua frisa; sahi com elles de algumas recepções. E esse meu cuidado soffria desillusões. Porque as raparigas eram de facto normalissimas e sem literatura. De facto usavam o cheiro que existia nas cartas a Justo;

de facto havia na casa uma dessas machinas de escrever que substitue o ensino da caligraphia pela dactylo, substituindo a penna pelo dedo; de facto deveria haver papel. Mas nenhuma dessas meninas escreveria assim, poderia manter um romance tão curioso e principalmente com tanto segredo. A mais intelligente, Margarida, era uma creatura mais gorda que magra, com os cabellos negros e enormes, dois olhos tão negros que desprendiam um fulgor nocturno de estrellas e uma boca sensual carnuda. Os ultimos dias de noivado, parecia-me haviam apagado a intelligencia de tão ardente rapariga. Ella andava num bamboleio que as mulheres têm quando estão exasperadas de desejo. O noivo, Marco, apparecia para ficar com as mãos presas nas della. E ella tinha uma tal maneira de lhe pronunciar o nome, mixto de arrulho e de ronronar, aspero e doce ao mesmo tempo — que os mais indifferentes perdiam a calma. Felizardo rapaz! O seu pescoço de hercules, os seus biceps, a sua força de adolescente de stadio, tudo isso era esperado por Margarida como uma pyra espera a victima. Que amor! que desejo! Ella não poderia pensar noutra coisa senão em Marco. E só de resto falava com elle, só estava perto delle. E' irritante ver uma rapariga apaixonada por outro homem. Pelo menos sentimos a vontade de substituir o individuo.

Nessa época tive de ir a S. Paulo, e no dia da partida fui passar a manhã na *garconnière* do impenitente celibatario Justo. Elle estava tranquillo, contente, paradoxal. Perguntei-lhe pela missivista anonyma.

— Continúa a escrever, disse elle, accumulando mentiras ingenuas, para que seja impossivel descobri-la. E um temperamento artistico. Reuni-lhe as cartas. São capitulos de um romance interessante: o romance da imaginação. Se ella publical-o ou se alguém por ella publicar estas duas cartas, ninguém acreditará que no seculo xx, uma pequena educada, de bôa sociedade, passou varios mezes a escrever de paixão a um homem quasi velho, sem procurar conhecê-lo, antes encobrendo-se sob absoluto incognito.

— Com que fim?

— Sei lá! A principio irritei-me. Depois reflecti que sendo eu a creatura mais publica na obrigação diaria de exprimir sentimentos, idéas pelos jornaes—ella voltou-se para os meus olhos como para um confessorio onde depositasse o excesso da imaginação. Apenas.

— Ora!

— Garanto-te que para a incognita seria o maior desastre se me conhecesse pessoalmente. E entretanto ainda hoje recebi uma carta que começa assim: «Justo adorado de hontem, de hoje, de amanhã, de sempre!», em que me conta a

sua historia, a historia que ella queria ter, com pormenores nos quaes encontro o pulso de um romancista na imaginação pueril de uma pequena pura de alma. . .

— Não comprehendo.

— As mulheres é melhor não comprehender. Choremos um pouco porém, porque Leonia está com dois dedos deslocados. E' fantasia. Mas a fantasia é a unica realidade no caso. Lê o final da carta em que se contam os mais imprevistos episodios :

«Se ficares aborrecido commigo por causa das revelações dessa carta, vinga-te ao saber que foi escripta com o maior sacrificio moral e physico que é possivel imaginar. Ha cinco dias, num passeio a cavallo, o ultimo que dei na roça, divertia-me em puxar pelos galhos das arvores por onde pasava; numa dellas, duma casa de marimbondos que não vi, um dos habitantes mordeu o meu cavallo e o animal ferido tomou o freio nos dentes. Para evitar a queda, saltei e fui cahir com a mão que segurava o chicotinho de encontro a certa «maria molle» que foi bastante dura para deslocar-me trez dedos, dois dos quaes com que te escrevo. Cada tecla que firo é uma nova dôr que me vai até a clavicula e ás vezes se irradia pela cabeça. Mas é tão m escrever-te! . . .

Tem paciência que hoje errei mais do que os outros dias. Não te rias muito da pobre — *Leonia.*»

Fui a S. Paulo onde passei quinze dias entre o Automovel Club e o bar do Trianon, assistindo ao esforço com que aquella gente trabalha para dar a impressão de Paris e de Londres. Lia sempre os jornaes do Rio. Li o casamento de Margarida de Paiva Gomes com Marco Pereira, imaginando a felicidade de Marco. Li a partida de Ruth para a Argentina. Li grandes acontecimentos que só interessavam a minha sociedade. E voltei, convencido de que não era possível á vida mundana do Rio continuar sem a minha presença. Assim, indo á noite ao jornal, encontrei sentado á mesa do continuo, na galeria de entrada, o querido Justo.

— Sempre a correspondencia?

— Exatamente.

— E o romance da menina?

— Chegou o capitulo final, que eu esperava para ter a certeza. Lê.

Eu li cheio de curiosidade:

«Fui sempre sincera, é a minha escusa. E quanto a sua vida intima, era naturalissimo que eu a ignorasse. Sou reservada por temperamento (duvida talvez), e nunca faço pergunta

a ninguem, nem mesmo sobre terceiro, por mais que me interesse. Tenho tanto pudor em indagar como em revelar. Nunca houve no mundo pessoa a que eu tanto interrogasse e tanto dissesse como ao Senhor e por que! Os meus amigos do Brasil mal sabem quem sou, e ha cinco annos que temos relações.

Se soubesse como ainda de manhãzinha, no dia 25, festa da Miss, eu estava alegre! Se tivesse lido o que, na ignorancia de tudo, eu escrevi-lhe de travesso e de brincado! Certamente não teria, talvez, a suspeita que foi causaço o que me fez agir.

Costumava, todos os annos, convidar as pessoas com quem me dou para nô inverno terem a bondade de me conceder a sua respeitavel companhia na temporada theatral. Este anno promettera a Deus privar-me disso e a ninguem, por cousa alguma, faria a confidencia. Era preciso ausentar-me para não causar estranheza e projectei ir para a roça. Quando resolvi partir para sempre, puz mãos a obra e só lá passarei dois dias em despedida. Esta carta só lhe chegará ás mãos quando tiver deixado o Rio de Janeiro para nunca mais voltar.

Deixo nossa casa como está, aos pouquissimos amigos que tive aqui. Quero, ao partir, ter a illusão que regressarei á tardinha; quero levar na retina o aspecto das cousas que me fo-

ram familiares taes quaes como ellas eram. Só o movel que supporta esta machina, será alliviado do seu peso; só os retratos queridos, deixarão claros nas paredes.

Tenho pena das minhas rosas e levo uma grande saudade dos passaros.

Não irei para a Europa emquanto durar a guerra. Não me sinto com coragem de expôr a vida de duas pessoas que estão promptas sempre a me acompanhar ao fim do mundo.

Nos dois primeiros annos de minha estada aqui, viajei o Brasil inteiro, de norte a sul; não ha um só Estado do meu paiz que não seja meu conhecido. Fui tambem até Montevidéo e pretendo ir agora até aos Andes.

Hei de, se Deus permittir, conhecer toda a America e voltarei aos Estados Unidos, de onde conservo apenas uma muito vaga recordação.

Como meu pae, e como costume fazer, viajarei incognita e por terra, o mais que for possível. Finda a guerra voltarei a Londres; irei novamente á India e ao Japão. Viajarei até a velhice ou até cançar. Só então fixarei residencia e será na Italia ou no Meio Dia da França. Procurarei um céo cujo azul me recorde um pouco o do meu Brasil. Em Londres, creio que morreria da tedio e de tristeza apesar da vida turbilhonante que seria forçada a levar e talvez mais por isso.

O senhor não é apenas um fidalgo millionario, conhecido sómente em certa roda e atravez do luxo e das festas frivolas das grandes capitaes; seu laureado nome, chegar-me-ha sempre aos ouvidos passando por todas as cidades e atravessando todas as fronteiras.

De muito longe e sem que ninguem diga, poderei saber de sua vida e do emprego de seu tempo: lá também será possível viver do seu cerebro e na esperança do que para a outra vida suppliquei a Deus. Será então sem injustiça e sem remorso.

Tenho o consolo de pensar que fui a alma amiga que nunca fiz soffrer, o que é tão raro! áquelle a quem mais me dediquei. E nem ao menos suspeitará quando deixar este mundo, e só então, depois disso, saberá quem sou e sem indagações e sem trabalho. Durante a vida hei-de guardar o incognito a todo o transe. Ser-lhe-ha impossível descobrir-me; para alguma cousa, valeu-me ter aprendido a esgrima e o xadrez.

Perdôe o que não devia ter dito; perdôe o que disse mal e perdôe sobretudo o que calei. Adeus! — *Leonia.*»

— E' Ruth! exclamei.

— Não é Ruth! rio Justo. Mas sei quem é. Dei o caso que me angustiava, com as devidas reservas, a uma agencia secreta de informações,

ministrando-lhes os *envelopes* que tinham os carimbos e os registros das agencias em que tinham sido entregues. Os agentes trabalharam, e me annunciaram com antecedencia as cartas. Essas cartas eram postas na caixa do correio ou registradas na agencia de Botafogo antes ou depois da missa de domingo. Os agentes acompanharam a «criminosa». Era Margarida Gomes — aquella encantadora menina, hoje a sr.<sup>a</sup> Marco Pereira!

— E que fizeste?

— Nada. Desvanecidamente nada. Encantadamente nada. Para que assustar uma deliciosa creatura que escolheu para o bem, que, sem nunca ter falado commigo, foi bôa a ponto de me dar o que mais podia dar: o seu pensamento, a sua alma durante o noivado com outro? Assisti ao casamento. Comprehendi que ella podia amar Marco, e podia pensar que eu comprehendia a intelligencia dos seus sentidos. E senti-me miseravel por não ter lido o que me escreveu com a unção e a gravidade devidas.

— E' incomprehensivel.

— E' feminino.

— E' como bem dizias o veneno da literatura. Depois do casamento. . .

— Talvez o Marco tenha a sua alma. Em todo o caso eu é que não serei convidado a repartir o que se chama a carne. . . Só se ama as-

sim, deliciosamente, uma vez. Margarida! Queres saber? Foi o unico perfume da minha velhice, a miragem floral da primavera. E se eu morresse hoje, morreria contente, sem que ninguem soubesse ter morrido o homem que soube ter sido o outro...



## Uma creatura, a quem nunca faltou nada!

— Oh! meu caro Dr. Praxedes! Bons olhos o vejam. Então tambem aquí?

— A consolar o nosso digno e infeliz amigo Antonio d'Albuquerque. Comprehende. Apesar da situação irregular e do passado da finada, o Antonio é um funcionario de tanta honestidade e tem padecido tanto que achei dever prestar-lhe esta homenagem.

— Fez muito bem. O Sr. Dr. Praxedes sabe o que fez.

— Procuro estar acima dos preconceitos e sou amigo de Antonio, posto que não lhe frequentasse a casa. Comprehende. Não poderia já-mais dizer á minha esposa o modo de vida do meu desgraçado amigo.

— E não acompanha o enterro?

— Infelizmente não tenho conducção.

— Se é só por isso, offerecia-lhe lugar no meu automovel. Somos tão poucos que o Antonio redobraria a gratidão. É uma séca, bem sei. Vou tambem só por elle. Com a sua companhia lucraria a palestra.

— Muito obrigado. Que horas são?

— Tres horas. Já o Dr. Praxedes não volta á repartição, e assim despachado o enterro, eu o levaria a casa. De automovel os enterramentos são rapidos.

— Cerimonia bem dolorosa.

— Todos nós para lá iremos. Venha, caro doutor.

— Homem, acceito. Não, se me dá licença, fico á sua esquerda.

— Por quem é!

— Senhor Argemiro Leitão, o coche funebre já marcha. A minha resolução é inabalavel.

— Não o quero contrariar.

A portinhola bateu. O automovel seguiu. Era na miseravel rua do Carmo, em frente a um predio esborcinado. Um grupo sordido de curiosos visinhos assistia ao lugubre saimento daquelle enterro de terceira classe. O sol de verão dardejava, vestindo as frontarias sujas e o máu piso da rua de um fulgor causticante. Durante alguns momentos, dentro do automovel que saltava, os dois cavalheiros não disseram palavra. Mas desde que o minguido cortejo tomou a avenida Assembléa, deslizando sobre asfalto, o respeitavel Dr. Praxedes exclamou, alliviado:

— Safa! Que calçamento!

— E para V. S.<sup>a</sup> ver, no centro da cidade...

— Tambem, a moradía aqui deve ser muito em conta.

— E'.

— Eu nunca me habituei ao centro. Quero ar puro. Minha senhora soffre de asthma.

— Ah!

Houve um silencio. O Dr. Praxedes estava solemne e grave. Argemiro Leitão olhava a rua. De repente, entre importante e curioso, com o sorriso de quem desculpa os erros da humanidade, o primeiro indagou:

— O senhor era intimo da casa?

— Como desde o tempo da saude de Antonio.

— Conheceu então a pobre transviada que vamos a enterrar.

— Conheci.

— Que tal? Ella morreu ainda nova?

— Com trinta e dois annos.

— Essas infelizes morrem sempre cedo. Ainda é bom quando lhes succede o que a esta succedeu: morrer sem nada lhe faltar. . . Argemiro Leitão voltou-se ás ultimas palavras:

— Dr. Praxedes, conhece a historia d'essa mulher?

— Não. Sempre tive repugnancia de me imiscuir na intimidade irregular dos meus amigos.

— Eu fui forçado a isso. Sabe quanto sou camarada de Antonio.

— E' notavel a sua dedicação.

— Que irá até á morte do pobre homem. Posso pois contar-lhe uma historia.

— Com referencias á defunta ?

— A sua propria historia. Ha doze annos, Antonio e eu eramos dois estroinas. Antonio com trinta e cinco, era de uma resistencia de aço. Na repartição, vendo-o assiduo, ninguem imaginaria aquella vida de noites em claro, ceias, mulheres. Não tinha nem uma dôr de cabeça. Certa vez, á tarde, foi buscar-me, participando a grande novidade: ia conquistar uma rapariga, coisa fina. Chamava-se Rosa. Filha de um promotor no sertão de Minas, deixara-se seduzir por um caixeiro viajante, que a abandonara por imposição dos patrões em pleno Rio. Rosa encontrara, porém, o velho desembargador Sepulveda, que lhe montara casa. Vivia isolada no maior recato, com vinte annos e formosa. Antonio imaginava ser adventicio. Ella recusava. Não tinha geito de enganar um homem que a salvara da miseria. O assedio continuou por mezes. Até o dia em que Rosa, já vencida, declarou deixar Sepulveda de vez, se Antonio quizesse. Para os homens ha sempre uma providencia.

— Se ha !

— Quiz a providencia que Antonio, exasperado com a resistencia, louco de desejo, accettasse a proposta. Uma noite levou-me a jantar em casa. Era nesse tempo amanuense e com algum esforço suplementar fazia meio conto por mez. A casa devia ser pauperrima. Era. Rosa,

que deixara o luxo e o palacete de Sepulveda, vivia nesse lugar com uma creada preta e a sua belleza. A primeira vez que com ella conversei, tive de admirar o seu bom senso, a sua bondade e os seus conhecimentos, tão solidos quão discretos. Como para a sociedade que permittia Antonio leão de mulheres faceis, não ficava bem Antonio exhibir uma senhora que não era sua esposa, o nosso amigo não sahia com ella. Rosa ficava em casa. Dirão os mais sem preconceitos que elle poderia casar. Mas quando não se tem dinheiro e se depende do governo, ha gestos honestos immoralissimos.

— O meu caro Sr. Leitão exagera o paradoxo.

— Perdão. Quero apenas dizer que Antonio por uma porção de motivos não pensou em casar.

— Tanto mais quanto devia estar de sobre-aviso. Quem faz uma, faz cem . . .

— Exactamente. Rosa ficou em casa. Divertia-se em coser para ella e para Antonio. Quando faltava a creada fazia ella o serviço da casa, desde a arrumação até á cosinha. Era o matrimonio. Se V. S.<sup>a</sup> permite a um renitente celibatario a expressão: era o atrós matrimonio em toda a sua afflictiva vulgaridade. E, consequentemente, Antonio, o solteirão, reunia os cuidados prestados pelo lar — aos divertimentos externos. Chegava tarde, cortava nas despesas e

quando eu lhe notava a injustiça, dizia, convencido: «Não lhe falta nada.» A quem não pede e não reclama, nunca nada lhe falta. Assim, o commentario, a vida de Rosa, não podia ser outro. Ainda agora mesmo o Sr. Dr. Praxedes dizia que não lhe faltou nada.

— Com o seu socialismo feminino o sr. Leitão envenena as bases da sociedade.

— A Rosa não era, como diz V. S.<sup>a</sup>, socialista. Estava contente com aquelle estado de miseria irregular, de culpada sem ter culpa e sem o direito de queixa. Era como um perpetuo susto grave. Afinal, um bello dia o nosso Antonio adoeceu. Consultou varios medicos, queixando-se de dispepsia, de neurasthenia. Estava tambem tachicardico. Os medicos mandaram-no a Caxambú e lá, numa ducha escoceza, o pobre cahiu hemiplegico. Fomos recebê-lo á Central, como ainda está hoje, muito peor: o braço pendente, a lingua tropega, a perna arrastada e dois olhos cheios de terror e de odio impotente.

— Realmente, ha dez annos, Antonio está assim. . .

— Graças á bondade de V. S.<sup>a</sup> conseguiu ser primeiro official sem trabalhar.

— Não falle. Temos tanta pena.

— Mas V. S.<sup>a</sup> deve lembrar-se do anno de licença e depois, dos consecutivos pedidos de

dispensa. Pois nesse longo tempo eu vi o mais agonisante drama da minha existencia. Antonio chegara com o desespero, a raiva, o egoismo dos estropiados. Os medicos constataavam o mal horrendo da avaria. Mas, para tomar tempo e dinheiro, acenavam com mil esperanças que eram tratamentos dispendiosos: electricidade, massagens, drogas, um inferno. O nosso amigo vivia em oscilação d'animo: desesperança extrema e certeza de melhora. E ao lembrar-se do tempo em que era forte e são, tinha crises de lagrimas, rolava pelo chão, gritava, queria matar-se. Os raros camaradas desapareceram. Certa vez fui encontral-o debaixo da cama, resistindo aos rogos da Rosa. Era a ameaça da loucura. Tinhamos que dominar o novo mal, recorrendo a especialistas. E durante um anno, deante de um desgraçado a que a infelicidade fizera aspero e duro, eu vi Rosa sem dormir, livida, multiplicando-se, só o deixando para ir pedir aos medicos e á pharmacia. Como o Dr. Praxedes sabe, eu não tenho recursos e as minhas relações mesmo que os tivessem, não m'os dariam. Fiz o que podia fazer. Mas vi a parca mobilia ir desaparecendo, vi Rosa com o casabeque roto, lavando á noite a camisa unica para vestil-a pela manhã. Não tinha uma queixa. Chorava silenciosamente por elle. E só ella, á custa de paciencia, de cuidados, conseguiu re-

compor a alma em destroços do nosso Antonio, que a ella só tinha no mundo. Muitas vezes eu meditava na exquisita alma da creatura que se resignava áquelle esforço d'onde não lhe adviria nenhum resultado nem moral, nem pratico, nem sensual. Antonio tinha que viver á espera da morte, como vive. Apenas. Aos vinte e dois annos, mantendo-se ella naquella attitude, era uma viuva pauperrima e honesta, trabalhando para um filho grande. Não lhe viria á memoria o tempo de Sepulveda? Não sentiria latejar nas arterias o sangue juvenil? Não amaria, não se arrependeria, não se revoltaria, não teria desejos? Disse-lhe em certa occasião, depois de mudarmos a cama de Antonio: «Isso vae ser por toda a vida!» «Coitado!» murmurou ella. E fiquei tão acabrunhado, não por elle mas por ella, sã e moça, que nunca mais lhe falei. Era um respeito como se tem pelas irmãs de caridade. . . . Quando Antonio melhorou dos nervos e voltou a uma apparente resignação, o seu egoismo tornou-se furioso. Elle queria. Queria sem dó, sem ver, sem pensar. E exigia da pobre creatura a quem não dera o nome para dar a angustia e a quem negará mesmo o direito de sentir o que todas as mulheres sentem. O seu desejo era passear, andar. Ella não devia ir. Pagavam a um homem de confiança que o acompanhasse. A sua preocupação era vestir-

se bem: gravatas, fatos dos primeiros alfaiates, chapéus diversos. — «Ainda sou bem razoavel», dizia deante do espelho. «Quando ficar bom disso, a Rosa não me vê.» E indagava de tratamentos, corria feiticeiros, curandeiros, continuando nos laboratorios electricos.

— Devia ter-se individualo.

— A Rosa montou uma officina de costura e arranjou dar comida para fora. Lavava, engomava, cosia. Nunca a vi na rua. Não devia ter vestidos senão de andar por casa — duas blusas e uma saia. E trabalhava, trabalhava. A sua voz tornara-se seca. Lutava contra a sorte! E depois, o esforço terminou por ser mecanico, já sem sombra de carinho deante do desprezo exigente do nosso infeliz doente. Ao despedir-me, quando lá ia, por cortezia, indagava:

— «D. Rosa, precisa de alguma coisa?» Ella respondia: «Obrigada. Não me falta nada.» E quando elle estava em casa, só com elle se occupava. Era dar-lhe o banho, vestir-o, ler-lhe os jornaes, jogar as cartas. Já na sua qualidade de homem Antonio deveria ter o mal de não comprehender a dedicação. Estropiado, era sem querer, sem maldade, muito mais cruel. Exercia o despotismo tremendo do paralytico. Lembrome ha quatro annos, um domingo. Antonio estava de roupa de flanella branca. Queria ir d'automovel ás regatas. Rosa veiu á escada: «Sr.

Leitão, faça um sacrificio, leve Antonio d'automovel. Eu não tenho dinheiro. E' domingo. Se elle não fôr vem a crise, fica peor. Não teremos nem os ordenados do emprego porque elle não poderá lá ir.» Gritei como quem vem para uma pandega: «Antonio! onde está o nosso Antonio! Vim buscal-o para ver as regatas!» Antonio estava no meio da casa, em pé, apoiado á bengala, sorrindo meio bobo. — «Vamos a pé?» — «Vamos d'automovel». Elle disparou uma gargalhada. E voltando-se bruscamente sério para ella: — «Estás a vêr? Ainda tenho amigos. E tenho sorte. Quando quero uma coisa logo arranjo.» — «Mas D. Rosa virá comnosco.» — «Qual! Ella não tem vestidos.» — «Graças a Deus, Sr. Leitão, nada me falta. Fica porém para outra vez...»

— Que triste historia!

— Infelizmente, Sr. Praxedes, o mundo está cheio destas historias que não vêm nos jornaes. Devo dizer que me empenhei para as quatro horas de locomoção. Antonio estava radiante. Em casa, depois do jantar, narrando o que vira, recordando pessoas suas amigas que passavam na festa maritima e falando mal de todas, acabou por exigir uma bisca. Precisava jogar a bisca de tres. E ahi, sob a lampada, eu olhei Rosa. Não lhe tem acontecido olhar uma creatura que se vê todos os dias? Olhei-a como se

não a visse desde o tempo do Sepulveda. A fatalidade não lhe deixava tempo nem para que a olhassemos. Estava magra, tisonada, as mãos gretadas, o cabello já a branquear. E curvada. «Caramba! D. Rosa, a sr.<sup>a</sup> está um pouco abatida. Parece que precisa descansar. Agora que o nosso Antonio vae melhor, porque não passam um mez na roça? Lucrariam ambos e a sra. tomava côr...» Antonio estava ganhando. Riu. «Qual! Eu ainda podia ir, mas não posso deixal-a. E' o meu contra-peso. Tenho de me submeter. Depois pareces não ver bem. A Rosa está bem, tem uma saude de ferro. Tambem não lhe falta nada...»

Sou pobre, Sr. Praxedes, e resignado. Mas o meu entendimento chega a perceber além do meu proprio eu. Fiquei assombrado, em face daquelles dois entes: o egoismo inconsciente do meu amigo paralytico, a incapacidade dolorosa da mulher. Elle sincero, doente, inutil, sem forças para se defender, sem poder correr, dependendo daquella obscura figura que não o abandonara... E por isso mesmo desesperado... Por que era assim a vida? Por que? Sentiria ella alguma coisa? Estaria convencida de que não lhe faltaria nada?

Deixei a residencia de Antonio com arrepios de frio. E para voltar lá tive de revestir a alma dessa força de incompreensão que mantem os infelizes na infelicidade sem pensar nella. Assim

vi Rosa definhar, cada vez trabalhando mais, e vi o nosso pobre Antonio dilacerantemente máu sem querer, exigindo puerilmente carinhos de escrava, enquanto a molestia, a terrível avaria que concentrara em quinze annos de vida airada, não o podendo matar da congestão, irrompia em outros pontos do seu organismo, atacando-lhe o rim, o coração, o fígado.

Por ultimo convenci Rosa de que devia consultar um medico. Ella disse-me: «Não; é impossivel tratar-me. Quem trataria de Antonio?» Mas o medico foi e examinou a ambos. Um medico novo, camarada, que não me cobrou nada. Ao sahir, disse-me: «Ella não tem trez mezes de vida, se não for para a Suissa. Elle talvez morra antes della e pode vir a morrer depois com um ataque de uremia . . .» «Mas que tem ella?» «Cansaço do organismo inteiro com uma especie de tuberculose muito interessante: a granulada. Imagine V. o pulmão sem cavernas mas revestido desses granulos. Se o granulo corroe um vaso importante, hemoptise e morte.»

— O Sr. Leitão conta com pormenores . . .

— De facto. Hontem estava ella, depois de uns xaropes, preparando com immensa difficuldade o banho de Antonio, quando sentiu sangue na boca e cambaleou. Precipitei-me. Veiu a golphada. Veiu outra. Corri á pharmacia, enquanto Antonio gritava: «Que é isso! Que é isso! Não me

ponhas nervoso!» Ao voltar com o medico, Antonio estrebuchava com um ataque, sem que ella podesse cuidal-o. Estava morta.

Mas, chegamos, Sr. Dr. Praxedes. Antonio teimou em vir ao enterramento com dois companheiros da repartição. Vamos vel-o. Triste enterro. São sempre tristes os enterros dos humildes. Ninguém chora. E a lagrima é a alegria da tumba.

— Devemos convencer o pobre Antonio a não ir até á sepultura. Não acha? Depois do que o sr. Leitão contou . . .

— E' uma idéa.

Os dois homens saltaram. A' porta do cemite-rio, os cinco vehiculos do prestito não conseguiam animar a desolação ensolada da praça. Um sino tocava indifferente. Os camaradas de Antonio de Albuquerque, funcionarios, meio aborrecidos, vieram saudar o chefe Dr. Praxedes, enquanto desamarravam o caixão do coche. No carro que o conduzia, Antonio chor va, sem forças para descer. Quando viu a impon figura do Dr. Praxedes, tentou erguer-se.

— O senhor, meu bom amigo! Nunca pensei. Vê a desgraça que me fere? Outra! Até ella, até ella me deixou após doze annos de sacrificios, de soffrimentos. . . Estou só. Não organi-sei familia, não tenho ninguém. Emfim, coitada! Pelo menos tenho um consolo. Até o ultimo momento fizemos tudo. Nunca lhe faltou nada!



## Penelope

Ora, precisamente, naquella tarde, tendo deixado o seu automovel no canto da Avenida, a generala Alda Guimarães subia a rua do Ouvidor a pé, para a prova dos vestidos de meio lucto no grande costureiro da moda.

la, como sempre, impenetravel. Alda Guimarães, que extraordinaria mulher ! Quando o marido morrera seis mezes antes, ella já tinha uma legenda de honestidade heroica. O general, seu padrinho de baptismo, e seu esposo, casara aos sessenta annos quando ella tinha vinte. Em vez de ciumento era paternal ; em vez de fechal-a, passeava-a por todos os salões, dava recepções, queria mostral-a como o facho da sua gloria. E, apezar dos maldizentes dizerem Alda quasi virgem, nunca ninguem ousou lhe attribuir sequer um *flirt*. Alda não amava o marido como a Romeu ; mas respeitava-o. Assim, morto o marido e ella rica, bella, esplendida, séria, — o entusiasmo em torno da sua carne e da sua fortuna, foi grande. Rapazes das melhores familias, aos quaes nunca dera attenção, propunham-se para amantes e para maridos ; maridos das suas ami-

gas faziam questão de consolal-a. Se não se fechasse, teria a impressão de que a punham em leilão.

Alda Guimarães fechara-se no seu palacete de S. Clemente. A sociedade causava-lhe ainda mais horror sem a companhia do seu velho esposo. Certo não agia de tal modo por hypocrisia, e sim porque nunca amara, por que lhe parecia impossivel o desejo e ainda mais o prazer. A' sua camarada, a sr.<sup>a</sup> Lucia de Villafôr, cujos amantes eram innumeraveis, ella confessava:

— Que hei de fazer, se não sinto sympathia por ninguem?

— Mas, minha querida, uma senhora bonita e rica, sem um homem!

— Irei viajar com a Leonia, ao acabar o lucto.

Estava convencida da propria invulnerabilidade. E ria, ao pensar naquelles homens todos da sua roda que tanto a irritavam com propostas indecorosamente idiotas. Ainda o melhor da collecção fôra o general, bom, sem pretenções. . .

Era esse o estado d'alma e de corpo de Alda Guimarães, ao subir a rua do Ouvidor, caminho do costureiro, quando viu num mostrador de modista uma curiosa e linda série de véus. Parou; deu-lhe vontade de comprar alguns; entrou. Como as vendedoras estivessem occupadas, notou que vinha do fundo, servil-a, um rapaz, quasi menino. Era moreno, forte, com dois

grandes olhos molhadões e um cabello tão lindo que só o S. Sebastião de Guido Reni teria igual. A sua ousadia era misturada de timidez. Ella sentiu o coração bater, um grande calor subir-lhe ao rosto. Reparou-lhe nas mãos. Eram grandes, masculas. Deviam ser quentes... Essa opinião atravessou-lhe o cerebro chrialisando a idéa de que seria bom tocal-as. Foi instantaneo. Encostou-se ao balcão para não commetter a tolice. Mas se retinha o impeto, olhava mais o rosto do adolescente, e via uma boca rasgada, vermelha, primaveral. Elle não se apercebia do effeito produzido. O seu esforço era para vender bem.

— Veja vossencia estas *voilletes*...

Tinha uma voz quente, egual, envolvente, joven.

— Não, decididamente não escolho hoje. Voltarei.

Saiu. Quasi a correr. Pareceu-lhe que se operara nos objectos, nas coisas, nas pessoas uma transformação. Tudo esplendia, tudo ria, tudo era suave e alegre. No costureiro escolheu mais tres vestidos, depois das provas. Depois na rua lembrou-se de tomar chá e resolveu logo o contrario. Passou pela casa dos véus, olhou sem querer e não viu senão as vendedoras. Tomou o automovel. Os seus pulsos batiam e as extremidades estavam geladas, as extremidades dos

seus lindos dedos. Em casa, foi-lhe impossível jantar. Quiz ler. Suspirou, incapaz de atenção. Dentro dos seus olhos, enchendo-lhe os sentidos estava a figura morena e forte, com os cabellos em cachos e as mãos que deviam ser quentes. Deitou-se. Revolveu o leito. Que solidão! Que immensa solidão! Nem a si mesma ousava confessar a impressão instantanea...

No dia seguinte, porém, como acordasse fatigada da agitação insomnea, as palavras que dormiam no seu labio anciosas soaram a contra gosto.

— E' uma loucura!

Seria uma simples incidencia do desejo esparso na cidade, aproveitando o momento de abandono de sua alma, o momento em que estava menos preparada a resistir? Mas resistir ao que? O rapaz era um simples empregado de casa de modas, que não lhe dera nenhuma atenção especial. Nem podia. Nem devia. Nem ella consentiria. O desagradavel é que elle não existia socialmente, não tinha um nome, um titulo, uma familia ao menos. Nunca por consequencia poderia pensar em fazer-lhe a corte. Loucura! Ella, generala, ella que se recusara ás tentações dos leões dos salões, ella que afastara propostas de homens admirados, ella invulneravel tendo no cerebro a hypothese não de um flirt mas de qualquer coisa de mais positivo com um pobre

pequeno. E ao lembrar-o assim com pena, via-o de novo, modesto, ingenuo, joven, tão joven! Não era possível que outras mulheres ainda não tivessem reparado naquella juventude. Com certeza, pobre, já teria tido amantes ordinarias, dessas mulheres que estragam os rapazes e que são livres, inteiramente livres... Talvez mesmo, num estabelecimento onde entram tantas mulheres elegantes, alguma grande cocotte. Mas não! Elle não parecia contaminado. Elle era novo em folha. Coitado.

Uma languidez, entremeada de agitações reteve-a nos aposentos até á hora do almoço. Desceu. Almoçou como quem tem medo de perder o comboio. Sentou-se ao piano. A musica pareceu-lhe o muro imponderavel do isolamento em que vivia. Não pôde mais. Subiu. Vestiu-se com requintes e immensas bondades para Leonia, mandou preparar o automovel, seguiu para a cidade achando urgente escolher os modelos dos novos vestidos. Quando o automovel parou, foi como se de repente tivesse de decidir da vida. Tinha um enorme peso nos hombros, arfava, tremia, e as vozes chegavam-lhe aos ouvidos como augmentadas por um tubo acustico. Sentia a vertigem e não sabia bem porque. Andou assim pela rua. Parou deante da montra, ergueu os olhos para ver atravez os vidros o interior do estabelecimento. As vendedoras moviam-se servindo

as freguezas. Lá ao fundo o rapaz estava a despachar uma cliente. Tinha outro fato. Estava de claro. O esplendor da sua mocidade era maior.

Entrou, sem hesitar; foi direito a elle.

— Pode mostrar-me os véus de hontem?

Elle fez um rapido esforço para recordar-se.

— Ah! Perfeitamente. Um momento, minha senhora...

E ella ficou, humilhada, com o temor de que alguém da loja fosse desconfiar. Passara uma tarde inteira, uma noite inteira, a manhã toda a pensar naquelle ente, ella que bastaria accenar para ter varios secretarios de legação, e elle não se lembrava della — vulgar, vulgarissimo, talvez nos braços de outra creatura. Mas elle vinha solícito, commercial, querendo mostrar-se negociante, com o orgulho infantil de vender bem.

— Nem lembrei que vossencia esteve cá hontem. São tantos os freguezes!

Essa ingenuidade deu-lhe a ella um pouco de ousadia:

— Que memoria!

— Mas logo lembrei. Até estive a mostrar-lhe umas *voilettes*.

E sorria. Ella então poz-se a ver os véus, de que não tinha aliás necessidade. Elle abria caixas e caixas. Sobre o vidro do balcão jaziam

rendas, gazes, tecidos aereos de todas as côres. Ella, inconscientemente, estabelecera a confusão fatigosa como um estrategista, para tocar uma daquellas mãos que deviam ser quentes e macias. No momento propicio, vinha-lhe um frio e não ousava. Para não o desagradar, apartava mais um véu, e continuava. Sofregamente as suas lindas mãos contraíam-se de jaspe sobre o multicolor das gazes. O seu colo arfava. Sentia a boca secca, não podia quasi falar. Que iria acontecer se conseguisse? Elle comprehenderia? Elle fallaria cheio de vaidade com a aventura enorme? Elle não recusaria. E depois? E depois?

— Veja a senhora este que é o mais fino.

Elle curvara-se, segurando o véu com as duas mãos. Ella pendeu o busto para a frente de modo a sentir-lhe a respiração. Cheirava á flôr murcha. O seu respirar era um arfar de olores. Alda, com um indizível prazer que a percorria toda, estendeu ambas as mãos. Os seus dedos como por acaso roçaram pelas mãos do rapaz. Não se enganara! Ellas tinham um morno calor suave ao gelo dos seus dedos.

— Perdão! disse elle largando o véu.

Ella olhou-o com toda a subita paixão do instincto, sem forças. Elle ainda não comprehendia, tão longe da possibilidade que a sua juventude não tremia. Mas o olhar continuou, continuou carregado de desejo e de supplica, pezado de

coisas loucas e deliciosas. Elle sorriu meio indeciso. Ella suspirava forte, olhando-o. Um risco de malicia ingenua clareou-lhe a boca vermelha. Ella estendeu o véu, sem d'elle despregar o olhar que sorria. Os olhos d'elle como quizeram adivinhar. Uma onda de sangue encheu-lhe o rosto,

— Minha senhora . . .

— Como se chama ?

— Ferreira. Manoel Ferreira. Onde devo mandar os véus ?

No <sup>o</sup> cerebro de Alda Guimarães uma lucta entre o receio e o desejo retinha a sua resposta. Com violencia e em seu desvario dizia-lhe todos os pavores do preconceito. Com maior força os sentidos enebriados arrastavam-n'a. Manoel ! Um nome bom, macio. E aquellas mãos, aquelle halito, aquella saude esplendorosa, aquelle cabello . . . Que fazer ? Que fazer ? Dar a direcção da sua casa ? Nunca se comprometteria até aquelle ponto. Ia dizer alguma coisa e disse :

— Porque não m'os leva o senhor mesmo ?

Depois da pergunta, o sentimento de pudor foi tanto, que não percebeu o rapaz, tão attonito quanto ella, baixando a voz, murmurando :

— Só quando fechar a loja ! E' longe ?

Foi preciso que elle repetisse a pergunta. Como despedaçada ella indicou o palacete, e saiu sem o olhar, tremula, palpitante, com a face afo-

gueada e os labios seccos. Chegou assim até o automovel, teve que cumprimentar o secretario da Belgica, solteiro; recebeu já instalada a saudação longa do velho Lloyd Balfour da embaixada americana, e quando mandou tocar, succedera-lhe á atordoação um nervosismo de se explicar a si mesma, de se desculpar, de salvar-se do instante allucinado. Ella que jamais tivera uma aventura, ella que não peccara por não sentir necessidade alguma, ella honesta que comprehendia o outro sexo pelas profissões: um diplomata é um diplomata, um general é um general, um jardineiro é um jardineiro — vendo de subito num pequeno caixeiro de modas um homem! Como podia se ter dado esse horror delicioso? Era preciso afastar as suspeitas dos creados. Lamentaveis, aliás. Porque, livre não era livre, e temia preconceitos quando todas deviam fazer coisas identicas. Para se desculpar encontrava na memoria as intrigas e as calumnias do seu mundo contra varias senhoras bem recebidas: o escandalo de Sophia Marques com o motorista, o divorcio de Adalgisa Gomensoro por causa de um rapaz que ninguem conhecia, mil historias outras. Depois, ninguem saberia se ella realmente realisasse. A essa hypothese, um tremor a sacudia. Podia ser um mariola que a difamasse e que até a explorasse. Mas tratava-se de um quasi menino. Elle não podia ter mais de

desoito annos. E tinha a face ingenua no envolvente e rapido vigor, accrescido de manhãs passadas ao ar livre — porque necessariamente com aquelles hombros, aquella cinta estreita, aquellas mãos, Manoel havia de remar. E as palavras objectivaram-lhe na mente a creatura inteira. Que vergonha! Como seria bom acaricial-o, beijar-lhe a cabelleira negra, os olhos molhados de luxuria ingenua, apertar-lhe os braços e adormecel-o de encontro ao peito. . .

Desse confuso pensar surgiu-lhe a idéa de estabelecer um plano capaz de evitar todas as suspeitas, apesar de não ter nenhum projecto, nem mesmo o de mandar entrar o rapaz. Saltou assim, no palacete, pallida, resoluta como um estrategista, espiando nos olhos dos creados a possivel desconfiança, subiu aos aposentos acompanhada de Leonia, Leonia a sua defesa! Mas acabava de enfiar um roupão, quando Leonia indagou:

— A senhora não sae mais hoje?

— Porque?

— Porque se não sair e não receber nenhuma das suas amigas, eu pediria para sair esta noite. É o meu dia de passeio e iria ao theatro.

Alda Guimarães estarreceu. Era a fatalidade. Iria ficar só com o seu desejo? Jamais! Jamais! Não poderia resistir. Voltou-se para dizer a Leonia que adiasse o theatro. Mas ouviu-se dizer

— Não ; podes ir . . .

E immediatamente achou que devia responder aquillo mesmo, e immediatamente admirou a calma, a naturalidade com que respondera. Leonia não acreditaria no que poderia estar para acontecer. Assim, desde a resposta, dividiu-se em mente: a Alda picada pela tarantula representava um estado de sub-inconsciencia, e Alda calma assistia á representação como no cinematographo. Que intelligencia ! Que lucidez !

— Vou passar a noite lá em baixo, ao piano . . . Podes sair já.

Preparou-se com cuidado, vestiu um vestido absolutamente de interior tanto no seu molle e fluctuante modellado a esteriorisava. Desceu para o jantar. A vida solitaria, a tristeza dessa vida como a sentia agora no seu interminavel bocejo sem preocupações. Era possivel existir assim ? Não jantou quasi. O copeiro grave passava os pratos, sem que ella os tocasse. Antes da sobre-mesa ergueu-se. Voltara-lhe a anciedade como um accesso de febre. Todos os ruidos da rua chegavam-lhe aos ouvidos como chamadas de campainha — as chamadas que annunciariam a presença do pobre pequeno. Afinal não se tratava de nenhum personagem ! Era pueril o seu medo.

— Antonio, se vier hoje um menino com uma encommenda de véus, manda-o entrar. Quero vel-os á noite antes de os comprar.

— Sim, minha<sup>ra</sup> senhora.

— Ah! Não estou para ninguem.

Foi para a pequena saleta intima, onde havia dois enormes divans. A saleta, mobilada com muito gosto, era como certos salões de França, depois das relações com o Grão-Turco — meio franceza meio ottomana. E dava para a galeria de entrada. Recostou-se, fechou os olhos. Todo o seu ser enchia de imagem e do desejo da imagem que a desnorteara. O coração batia-lhe de modo que sentia nas arterias do pescoço o seu desordenado bater. Agora, posto que não tivesse definido o futuro, só a assaltava um receio: viria elle? No immenso silencio, o receio era quasi angustia. Era capaz de não vir! Timidez de certo. Talvez, porém não tivesse agradado. Podia ser... O ridiculo de desejar e ser repellida... Pela primeira vez reparou de facto numa pendula de Boule que o fallecido general comprara em Paris num leilão do Hotel Druot. A pendula tinha um mostrador tranquillo e desanimado. Dizem que o tempo é breve. Não viram o tempo que leva um ponteiro a andar cinco minutos! Quanto pensamos e realisamos e queremos e arfamos na terra para o desconhecido enquanto um relógio pesponta, á tóa, cinco longos, interminaveis minutos! Se elle chegasse, se elle não chegasse! O ruido do relógio parecia compor essa alternativa, fallar a gangorra do seu pen-

samento, enquanto a sua carne era como que aos poucos aquecida por um afflictivo desejo de consolo.

De repente houve um breve retinir de campainha. Alda Guimarães teve um sobresalto como se a tivessem tocado na nuca com uma ponta de gelo. Tomou de um livro, abriu-o. Como os creados são lentos em abrir as portas! Era a eternidade positivamente. A campainha fez-se ouvir de novo, ainda mais breve e tímida. Um enternecimento pelo que aquella rápida vibração exprimia fel-a sorrir. O creado passou emfim, de vagar, como compete a um creado de casa importante. Ella ouviu um rumor indistincto. O creado tornou a apparecer:

— E' o rapaz com os véus. Mando entrar?

— Dê mais luz. Mande.

Fechou os olhos, de pé. Um turbilhão parecia arrastal-a. Quando os abriu, á porta da saleta, respeitoso, com um grande embrulho, estava o adolescente. Ella via-o inteiro, dos pés á cabeça, e era como se visse, vestido, um dos muitos S. Sebastião em que os sensualistas do renascimento derramaram o seu amor pela pulchra forma dos ephebos entontecedores. O creado, ao lado, estava firme. Alda Guimarães fez um esforço:

— Trouxe a encommenda?

— Sim, minha senhora.

— Quero vel-os antes, á luz. Pode ir, Antonio.

— Vossencia permite? gaguejou o rapaz.

— Entre. Pode desfazer o embrulho nesse divan.

Com um motivo profissional para mascarar o seu enleio, o rapaz andou até o divan num passo que era leve e forte, curvou-se numa curva de estatuaria, sem esforço, macio e vigoroso. Talvez tivesse ainda duvidas, juventude enrodilhada na inexperiencia e assustada com aquelle luxo que tornava inacessivel a mulher ao lado.

Alda Guimarães sentou-se no divan, admirando-o. Como era diverso dos individuos que conhecera, rapazes e homens na sua sociedade — que vinca tanto as creaturas na mesma dobra!

— Vossencia desculpe eu ter demorado um pouco.

Ella reparava agora no pecego maduro que era o seu pescoço. Uma desorientada vontade de mordel-o obrigou-a a indagar:

— Por que não mandou outro?

— Vossencia disse que eu mesmo trouxesse. O que eu não pensei é que desejasse ver de novo os véus.

Essa ingenuidade trouxe a Alda uma subita confiança.

— Não tem levado encommendas a outras casas?

— Não, minha senhora. Isso é para empregados de outra categoria, os principiantes...

— Ah! Já tem uma categoria?

— Oh! bem modesta.

— E que idade tem?

— Fiz desoito.

— Era o que eu pensava.

Houve um enorme silencio. Elle abria as caixinhas.

— Diga-me, Sr. Manoel, faz sport?

— Um pouco de remo, ao domingo, para divertir.

— Era o que eu pensava. Mas para divertir? Na sua idade ha outros divertimentos.

— E' uma questão de gosto.

Graças ao habito de sociedade, ella não só falava com desembaraço como falava com o tom de quem trata com um inferior. Graças ao seu officio elle respondia com desembaraço, conservando o tom de respeito para com alguém socialmente superior. O instincto aproximava-os para a maior das egualdades. Elle indagava sem o saber com a desconfiança maliciosa: «Onde vae ella chegar?» Ella pensava, com o desejo palpitante: «De que modo resolver tudo isso?» Se ella estivesse deante de um cavalheiro da mesma roda a ancia do imprevisto não existiria, já teria passado á declaração caso consentisse. Se elle estivesse deante de qualquer mulher não indagaria nada. Fataes estados d'alma que se dão sempre quando incide o desejo em

seres de differente situação social. E tão terribes que o mais desvairado amor não faz esquecer nem a um a superioridade nem a outro o gráo abaixo. Assim elle poderia arruinal-a, difamal-a, espancal-a até. Nunca esqueceria a preferencia e se não fosse muito bom, estaria perdido, cheio de ambições. Assim ella poderia soffrer, amar, perder-se. Mas seria sempre a creatura que dava a preferencia...

Nenhum dos dois pensou exactamente isso. Ficaram na pergunta que é a resolução do problema immediato nesse genero de choques, elle não ousando, ella não querendo ousar para não parecer mal. Mas as mulheres, mesmo as mais honestas como Alda Guimarães, são fortes quando desejam.

Alda Guimarães ergueu-se, tomou um dos véus na ponta dos dedos, agitou-o.

— Como é lindo, á luz!

Elle sorriu.

— Vossencia acha?

— E você? Veja!

Agora tomava dos véus — um, dois, cinco — verdes, brancos, côr de morango, negros. Eram como amputações de azas de uma ornithologia nigromatica em torno della. As suas mãos cada vez passavam mais perto do rosto de Manoel, cujo sorriso ia-se stereotypando numa fixidez angustiosa. De repente ella voltou-se. As mãos

delle caidas sentiram o roçar breve do corpo della. Ella escorregou no divan bem junto, a cabeça erguida para elle. Manoel ficou sem coragem de avançar nem de recuar.

— Mas, minha senhora . . .

Os olhos della, a boca que ella tinha formosa não podiam mais, revelavam de mais — porque de subito ella viu o semblante do adolescente convulsionar-se, os seus olhos luzirem, um vinco brusco tornar-lhe severo o semblante, todo elle tremer como queimado por um simoun de desejo, que lhe fazia bater os dentes, e a sua voz rouca indagar, enquanto passava a vista pelas portas:

— Não vem gente?

Alda não soube que gesto fez. Elle curvou-se, a sua boca magnifica sorveu-lhe a della como se sedenta chupasse um fructo cheio de sumo. Ella tremeu na mesma febre passando-lhe os braços no pescoço. Então elle despejou-a no divan em subita furia. Um immenso, delicioso, doloroso accorde de prazer — o prazer que nenhum dos dois sonhara, sacudiu as almofadas do divan. Sem pensamentos, sem outro fim, alheios ao orbe inteiro, no frenesi de attingir ao bem supremo, attingiram o sumo gozo brevissimo que é a felicidade unica da terra.

E foi com infinita amargura que os pretendentes souberam da partida da incorruptivel e

formosa Alda Guimarães, oito dias depois de a verem na Avenida, em meio lucto da viuvez.

la num pessimo vapor francez, só com Leonia e radiante. Ninguem, porém, poderia desconfiar que entre os outros passageiros, havia o amor...

## INDICE

Carta-Offerta . . . . .	7
Cressida . . . . .	13
D. Joaquina . . . . .	27
A maior paixão . . . . .	41
A menina amarella . . . . .	55
A amante idéal . . . . .	67
Historia de amor num jardim . . . . .	83
A aventura de Rozendo Moura . . . . .	95
A Fada das Perolas . . . . .	113
Encontro . . . . .	133
Exaltação . . . . .	147
Puro amor . . . . .	161
O milagre de S. João . . . . .	171
A honestidade de Etelvina, amante . . . . .	187
Cleopatra . . . . .	207
A linda desconhecida . . . . .	221
O veneno da literatura . . . . .	239
Uma creatura, a quem nunca faltou nada . . . . .	263
Penelope . . . . .	277







